

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

JOSÉ CARLOS ALMEIDA SILVA FILHO

CAPOEIRA, RELIGIÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA: AMÁLGAMA ENTRE  
RELIGIOSIDADE, CULTURA E PESSOALIDADE

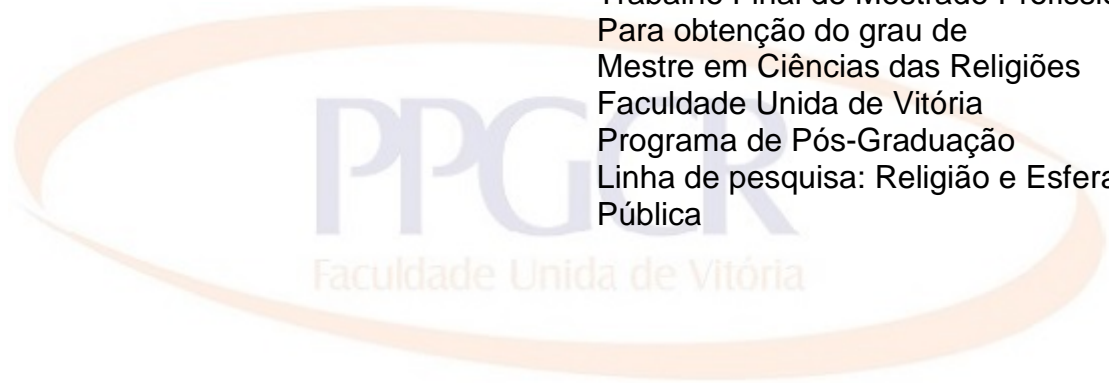


PPGCR  
Faculdade Unida de Vitória

JOSÉ CARLOS ALMEIDA SILVA FILHO

CAPOEIRA, RELIGIÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA: AMÁLGAMA ENTRE  
RELIGIOSIDADE, CULTURA E PESSOALIDADE

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 30/08/2018.



Trabalho Final de Mestrado Profissional  
Para obtenção do grau de  
Mestre em Ciências das Religiões  
Faculdade Unida de Vitória  
Programa de Pós-Graduação  
Linha de pesquisa: Religião e Esfera  
Pública

Vitória - ES  
2018

Silva Filho, José Carlos Almeida

Capoeira, religião e Educação Física / Amálgama entre religiosidade, cultura e personalidade / José Carlos Almeida Silva Filho. - Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2018.

vii, f. 89; 31 cm.

Orientador: Francisco de Assis Souza dos Santos

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2018.

Referências bibliográficas: f. 80-89.

1. Ciência da religião. 2. Religião e esfera pública. 3. Religião e Educação Física. 4. Capoeira. 5. Educação Física escolar. 6. Manifestação cultural. - Tese. I. José Carlos Almeida Silva Filho. II. Faculdade Unida de Vitória, 2018. III. Título.

JOSÉ CARLOS ALMEIDA SILVA FILHO

CAPOEIRA, RELIGIÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA: AMÁLGAMA ENTRE  
RELIGIOSIDADE, CULTURA E PESSOALIDADE

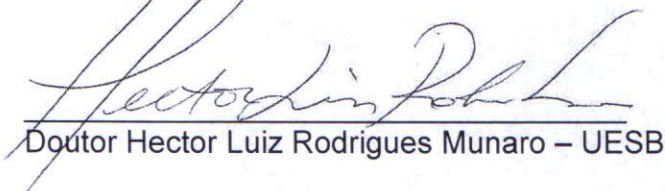
Dissertação para obtenção do grau  
de Mestre em Ciências das  
Religiões no Programa de Mestrado  
Profissional em Ciências das  
Religiões da Faculdade Unida de  
Vitória.



Doutor Francisco de Assis Souza dos Santos – UNIDA (presidente)



Doutor Graham Gerald McGeoch – UNIDA



Doutor Hector Luiz Rodrigues Munaro – UESB



## AGRADECIMENTOS

A Deus, por me dado força e carregado nos braços nos momentos de fraqueza;

Aos meus pais, José Carlos Almeida e Maria Senhora Novais pelo apoio e questionamentos que acabam se tornando combustíveis na busca do novo;

A Druzla, meu amor, minha esposa, minha parceira, minha companheira, minha mais que amiga, que entendeu os momentos de dificuldades e de ausência;

A Ana Luiza, amor da minha vida, minha filha linda, meu anjo que soube suportar as longas ausências do papai;

As minhas irmãs Naiara e Naiane que de uma maneira ou de outra contribuído para esta realização;

Saibam que se não fosse por vocês, nada disso teria acontecido;

Ao meu querido orientador Prof. Dr. Francisco de Assis Souza dos Santos que nos momentos de aflição dizia mestre Pastinha vamos correr, trabalhar meu filho que você tem condições.

A família Almeida pelo incentivo e a esperança de ter o primeiro mestre na família.

Ao meu querido amigo irmão Murilo Silva Santos, quem me indicou a Unida e as longas viagens sem dúvida contribuiu muito para que fosse possível continuar;

Aos meus colegas do programa de mestrado da Faculdade Unida que me fizeram conhecer um pouco mais da cultura deste nosso país

Aos colegas professores que se dispuseram a responder o questionário e contribuir com a pesquisa;

A todos profissionais da Faculdade Unida;

Ao povo capixaba pela recepção cordial;

Enfim, a todos que, direta e indiretamente, participaram em algum momento da minha vida;

A todos, meus mais sinceros agradecimentos.

## RESUMO

A presente pesquisa de mestrado configurou-se como um trabalho no domínio da capoeira como manifestação religiosa e cultural no qual centrou-se na compreensão dos laços que ligaram a história brasileira à história africana assim como os elementos religiosos que serviram de base para a prática da luta. Para tanto, como metodologia, utilizou-se a pesquisa bibliográfica exploratória onde para atingir o objetivo proposto, foi elaborada uma busca no período de 2000 a 2015. No entanto, para o aprimoramento de algumas ideias e conceitos sobre o tema foi necessária a busca de fontes mais antigas. O objetivo da pesquisa foi compreender a dinâmica de desenvolvimento da capoeira como prática educacional e sua respectiva ligação com a religião, além de dar ênfase às práticas de discriminação da cultura afrodescendente. A capoeira é praticada com instrumentos musicais e trabalho corporal, e além de representar uma parte muito importante da cultura brasileira, tratada como cultura de matrizes negras e africanas no Brasil, é um forte instrumento de socialização e mobilização do negro na atualidade. A partir do reconhecido das origens culturais africanas trabalhar com o tema da capoeira é uma oportunidade de reflexão sobre a própria identidade étnico-racial. Tratou-se, portanto, de mudar não apenas os conteúdos, mas o olhar e os sentidos conferidos a esses conteúdos que abrangem a capoeira. Associou-se todas essas questões que ligam Capoeira e Educação, buscando dessa forma uma maior participação desta nos temas relacionados à religião. Por fim, apresentou-se a capoeira e sua relação com temas religiosos, e a analisamos como símbolo da miscigenação de etnias e de resistência à opressão e à escravidão. A importância dessa proposta foi entender a necessidade do estudo da capoeira na Educação Física escolar, especialmente apresentando o tópico das relações étnico-raciais para a discussão, interessados em fornecer uma compreensão das distintas religiosidades e a importância que cada uma delas exerce sobre a capoeira. Para tanto realizou-se uma pesquisa com 15 professores de educação física da rede pública do município de Jequié – Ba, onde observou-se que 100 % (n=15) destes entrevistados eram cristãos, 47% (n=07) deles não trabalhavam com capoeira nas suas aulas alegando falta de espaço, material e até mesmo falta de conhecimento, mesmo 100% (n=15) deles sinalizarem a importância do tema da capoeira no cotidiano das aulas, apenas 40% (n=06) trabalham a religiosidade ligada a capoeira. Quando questionado a participação em algum grupo de capoeira apenas 20% (n=03) sinalizaram o seu envolvimento. Concluiu-se que a religiosidade na capoeira se manifesta pelos rituais, cânticos, celebração e memória dos ancestrais, na sua ligação com esse passado de luta e sofrimento. Esses saberes populares que determinaram a religiosidade da capoeira expressando um vasto campo de significados e ligações com o “sagrado”, assim como muitas outras manifestações e tradições do universo da cultura popular no Brasil mostrando que de fato a capoeira tem uma grande mistura com religiões principalmente as de matrizes africanas.

Palavras-chave: Capoeira. Religião. Educação Física Escolar. Manifestação Cultural.

## ABSTRACT

This present master's research is a work in the field of capoeira as a religious and cultural manifestation in which it focuses on the understanding of the ties that bind Brazilian history to African history as well as the religious elements that serve as the basis for the practice of fight. As a methodology, the exploratory bibliographic research was used to reach the proposed objective, a search was elaborated in the period from 2000 to 2015. However, to improve some ideas and concepts on the subject it was necessary to search for sources. The objective of the research is to understand the development dynamics of capoeira as an educational practice and its respective connection with religion, as well as to emphasize the practices of discrimination of Afrodescendant culture. Capoeira is practiced with musical instruments and corporal work, and besides representing a very important part of the Brazilian culture, treated like black and African matrices culture in Brazil, its a strong instrument of socialization and mobilization of the black in the present time. From the recognized of African cultural origins working with the theme of capoeira is an opportunity for reflection on one's own ethnic-racial identity. It is therefore a question of changing not only the contents, but the look and senses conferred on these contents that cover capoeira. We will associate all these issues that link Capoeira and Education, seeking in this way a greater participation of this in themes related to religion. Finally, we will present capoeira and its relation with religious themes, and we will analyze it as a symbol of the miscegenation of ethnic groups and resistance to oppression and slavery. The importance of this proposal is to understand the necessity of the study of capoeira in the School Physical Education, especially the presenting topic of ethnic-racial relations for discussion, interested in providing an understanding of the different religiosities and the importance that each of them exerts on capoeira. A survey was carried out with 15 physical education teachers from the Jequié-Ba municipality, where 100% (n = 15) of these interviewees were Christians, 47% (n = 07) of them did not work with capoeira in their classes claiming lack of space, material and even lack of knowledge, even 100% (n = 15) of them signaled the importance of the capoeira theme in the daily class, only 40% (n = 06) work the religiosity linked to capoeira. When questioned the participation in some capoeira group only 20% (n = 03) signaled their involvement.

It was concluded that the religiousness in capoeira is manifested by the rituals, songs, celebration and memory of the ancestors, in their connection with this past of struggle and suffering. These popular knowledge that determined the religiousness of capoeira expressing a vast field of meanings and connections with the "sacred", as well as many other manifestations and traditions of the universe of popular culture in Brazil showing that in fact capoeira has a great mixture with religions especially those of African matrices.

Keywords: Capoeira. Religion. Physical School Education. Cultural manifestation.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	8
1 CAPOEIRA .....	12
1.1 História da Capoeira .....	12
1.2 Elementos da Capoeira x Educação: luta de resistência à violência .....	17
1.3 Musicologia e Cidadania na Capoeira: representações e expressões como resgate da identidade e memória do negro .....	27
2 CAPOEIRA E RELIGIÃO .....	36
2.1 Símbolos religiosos na capoeira .....	36
2.2 Capoeira Angola: o início das manifestações religiosas .....	44
2.3 Ritos e jogos nas rodas de capoeira .....	51
3 CAPOEIRA E EDUCAÇÃO FÍSICA .....	58
3.1 A importância da capoeira nas aulas de educação física .....	58
3.2 A capoeira na garantia da liberdade e cidadania do educando .....	62
3.3 A aplicação da lei 10.639 na garantia da capoeira nas instituições educacionais no município de Jequié-BA na visão de alguns educadores .....	67
CONCLUSÃO .....	77
REFERÊNCIAS .....	80
ANEXO A - Apresentação do Questionário .....	90
ANEXO B - Questionário .....	91
ANEXO C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....	92
ANEXO D - Termo de Consentimentos e Questionários preenchidos .....	94

## INTRODUÇÃO

A diversidade cultural merece lugar de destaque na sociedade, pois é esse motor que impulsiona o desenvolvimento humano e sustentável de um povo, viabilizando o respeito às diferenças, assim como a tolerância. A capoeira, além de uma modalidade de luta, é também um esporte e um símbolo religioso da cultura afrodescendente. A capoeira é praticada com instrumentos musicais e trabalho corporal, e além de representar uma parte muito importante da cultura brasileira, tratada como cultura de matrizes negras e africanas no Brasil, é um forte instrumento de socialização e mobilização do negro na atualidade.

O estudo da capoeira como manifestação religiosa e cultural é importante para a compreensão dos laços que ligam a história brasileira à história africana. Nesse sentido, é pertinente destacar a diversidade de raiz africana e sua rica cultura como elementos estruturantes da formação cultural do Brasil, pois nossa história, ou seja, nossa ancestralidade, está intimamente ligada à África e às diversas tribos e povos que a compõem.

Neste contexto, a presente pesquisa se justifica por ser mais um estudo acadêmico que vem abordar esta temática visando compreender a presença e importância das religiões na prática, nos ritos e nos cânticos da capoeira, bem como sua abordagem em escolas públicas municipais e estaduais da cidade de Jequié Bahia.

Portanto, o Brasil é um país multicultural e tem nas raízes africanas a base da sua cultura. Ou seja, os costumes, o vocabulário, a culinária, a religião, a música e as danças brasileiras são algumas das muitas heranças culturais trazidas por esses povos. Nessa perspectiva, é pertinente ressaltar o papel preponderante da capoeira, como relevante manifestação cultural e religiosa que muito tem contribuído na formação educacional e social do indivíduo. Diante desse avanço, faz-se necessário investigar como tem sido disseminada a capoeira na sociedade atual e os meios utilizados para garantir essa importante manifestação cultural que tem sido inserida e abordada nos espaços educacionais e religiosos, como nas rodas de candomblé e nas manifestações por meio de músicas, danças e utilizações de práticas rituais.

São marcantes as questões norteadoras para a delimitação do objeto de estudo desta dissertação, que se configura na utilização da capoeira como



estratégia para refletir sobre a própria identidade étnico-racial e sua linhagem nas religiões afrodescendentes. Para atender a essa finalidade, formulam-se os seguintes questionamentos: como a capoeira é apresentada nos campos religioso, cultural e esportivo? Quais os desafios e possibilidades enfrentados pelos praticantes da capoeira na sociedade contemporânea? Quais os saberes adquiridos e as estratégias utilizadas para o desenvolvimento da capoeira como manifestação cultural e religiosa na formação do indivíduo em sua totalidade? Diante desses questionamentos, esta pesquisa visa compreender as contribuições da capoeira na formação da cultura afro-brasileira, como símbolo religioso e cultural.

A pesquisa, em sua concepção metodológica, não envereda pela visão de ciência que trabalha com a realidade exterior do homem, objetividade, fatos previsíveis, bases estatísticas e neutralidade científica. O foco principal não é a descrição de procedimentos, mas “fundamental e quase que basicamente, deve-se à consciência e preservação da coerência epistemológica”.<sup>1</sup>

Portanto, a abordagem qualitativa que “envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes”.<sup>2</sup> Por isso o pesquisador tem livre acesso ao ambiente e à situação investigada, coletando o maior número de dados possíveis, e os materiais obtidos são ricos em descrições por apresentarem o significado que as pessoas dão a suas ações, de modo que o processo de trabalho tem maior importância que o produto investigado.

Para atingir o objetivo proposto, foi elaborada uma revisão da literatura científica publicada no período de 2000 a 2015. No entanto, para o aprimoramento de algumas ideias e conceitos sobre o tema foi necessária a busca de fontes mais antigas. Conforme pontuam Biazin e Scalco os trabalhos de revisão bibliográfica são desenvolvidos a partir de materiais já produzidos, constituídos principalmente de livros e artigos científicos que analisam de forma aprofundada a temática, abrangendo um período ou época, e permitindo ao investigador uma ampla

---

<sup>1</sup> GHEDIN, E.; FRANCO, M. A. S. *Questões de método na construção da pesquisa em educação*. São Paulo: Cortez, 2008. p. 123.

<sup>2</sup> LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1986. p. 13.

cobertura do assunto.<sup>3</sup> Este estudo trata, portanto, de um tipo de texto que reúne e discute informações produzidas na área das ações que envolvem a capoeira como manifestação da cultura afrodescendente.

O trabalho com o tema da capoeira é uma oportunidade de reflexão sobre a própria identidade étnico-racial. Trata-se, portanto, de mudar não apenas os conteúdos, mas o olhar e os sentidos conferidos a esses conteúdos que abrangem a capoeira. Propõe-se aqui inserir a capoeira como meio de estudo e, por meio dela, permitir o entendimento das transformações socioculturais do Brasil, pois essa arte é símbolo da miscigenação de etnias e de resistência à opressão e à escravatura. Dessa forma, a capoeira se difunde na sociedade atual como instrumento multidimensional de valorização da cultura afrodescendente, principalmente em espaços educacionais e religiosos.

Diante do exposto, espera-se que a pesquisa contribua com o desenvolvimento de ações nos estudos junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, na medida em que se almeja uma reflexão, a partir da utilização da capoeira como instrumento de valorização da cultura afro-brasileira e da formação docente, ressignificando os saberes profissionais.

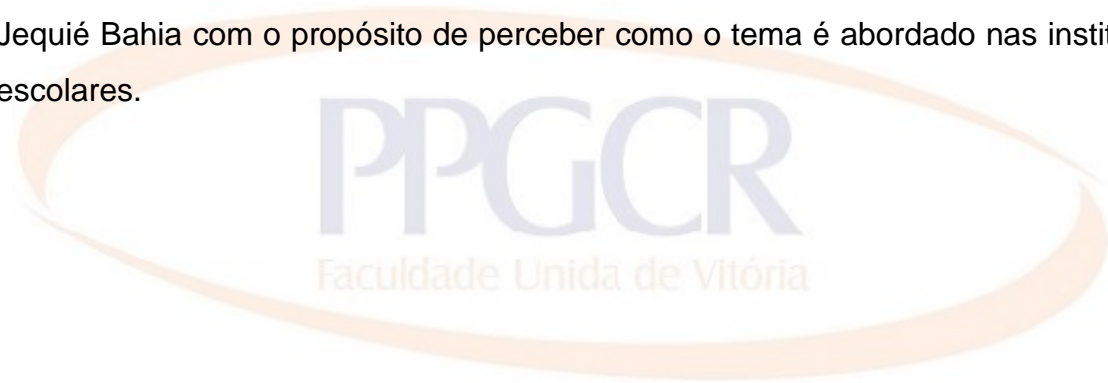
Para maior entendimento da organização metodológica e da estrutura da dissertação, esta foi dividida em três partes: o primeiro capítulo é dedicado à história da capoeira, manifestação cultural afro-brasileira proveniente da colônia que incorpora música, dança, jogo e luta. A história da capoeira, assim como alguns mestres, indica ter se tratado de uma criação dos africanos no Brasil. Entretanto, a maioria afirma que as raízes vieram da África, oriundas de antigos rituais. Os gestos e movimentos litúrgicos, ao som de instrumentos de percussão durante os rituais e festas, acentuados pela destreza e pela agilidade, teriam originado a capoeira.<sup>4</sup> Os elementos que compõem a capoeira (a roda, o ritual e os instrumentos musicais, assim como as músicas) imergiram a capoeira numa condição mágica que distorce o tempo e o espaço em um misto de rito religioso e resistência. Percebe-se, assim, que a capoeira é um instrumento valioso para contribuir nos avanços da cultura afro-brasileira nas escolas.

---

<sup>3</sup> BIAZIN, Damares Tomasin; SCALCO, Thais Fauro. *Manual de Normas da ABNT e Padronização para TCC e Monografia da Unifil*. Londrina: Centro Universitário Filadélfia, 2007. p. 35.

<sup>4</sup> REIS, Letícia Vidor de Souza. *O mundo de pernas para o ar: a capoeira no Brasil*. São Paulo: Publisher Brasil, 1997. p. 32.

O segundo capítulo inicia-se com discussões que envolvem a capoeira e sua origem entre as religiões, assim como os seus símbolos. Em todo esse universo ritualizado, permeado pelo sagrado e pelo profano, mostram-se os seus valores, reinterpretados numa dinâmica em que a capoeira revela sua base nas religiões advindas da cultura afrodescendente. A ambiguidade profana-sagrada pode ser percebida, por exemplo, no berimbau, instrumento musical e peça-chave no jogo e nos seus toques musicais, que misturam nomes de santos com religiosidade. O estudo prossegue com uma análise da capoeira angolana, abarcando o início das manifestações religiosas, assim como os ritos e jogos que envolvem as rodas de capoeira. No capítulo terceiro, estudou-se a importância da inserção da capoeira no contexto escolar, com uma reflexão sobre a garantia da Lei nº 10.639 nas instituições educacionais, onde foi realizada uma pesquisa com profissionais de educação física que atuam em unidades escolares da rede pública municipal de Jequié Bahia com o propósito de perceber como o tema é abordado nas instituições escolares.





## 1 CAPOEIRA

Neste capítulo abordamos o estudo histórico da capoeira baseado na sua grande importância para a cultura afro-brasileira. Além disso, estudamos os elementos da capoeira a partir da luta de resistência a violência os quais os negros eram expostos com o processo escravocrata no Brasil.

Tratamos as representações e expressões da capoeira como resgate da identidade e memória do negro registrada na musicologia e cidadania contida no imaginário social dos remanescentes do período escravista brasileiro.

### 1.1 História da Capoeira

O estudo da história da África e dos africanos é importante para a compreensão dos laços que ligam a história brasileira à africana. Cumpre destacar a diversidade africana e sua rica cultura como elementos estruturantes da formação cultural do Brasil, país de história e ancestralidade intimamente ligadas à África e às diversas tribos e povos que a compõem.

Sendo assim o Brasil é um país multicultural e tem nas raízes africanas a base da sua cultura, como atestam os costumes, o vocabulário, a culinária, a religião, a música e as danças brasileiras, algumas das muitas heranças culturais trazidas por esses povos.<sup>5</sup> É pertinente, assim, ressaltar o papel preponderante da capoeira, relevante manifestação cultural que muito tem contribuído na formação educacional e social do brasileiro.

A capoeira é uma manifestação cultural afro-brasileira proveniente da colônia, que incorpora música, dança, jogo e luta.<sup>6</sup> Em 1712, a capoeira foi registrada como dança tanto por Bluteau<sup>7</sup> quanto por Silva,<sup>8</sup> em 1813. No que se refere à origem do termo, segundo Campos,<sup>9</sup> atualmente, a aceitação do étimo caá, “mato,

<sup>5</sup> BATALHA, Lenomar Nogueira; SILVA, Francirlano Matos. *Influência cultural africana: danças, jogos e brincadeiras na educação básica em Parintins-AM*. Amazonas: Realize editora, 2015. p. 4.

<sup>6</sup> REIS, Letícia Vidor de Souza. *O mundo de pernas para o ar: a capoeira no Brasil*. São Paulo: Publisher Brasil, 1997. p. 85.

<sup>7</sup> BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário português e latino*. Coimbra: Editora Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712. p. 129.

<sup>8</sup> SILVA, Antônio Moraes. *Dicionário da língua portuguesa*. 2. Ed. Lisboa: Tipografia Lacerdina, 1813. p. 343.

<sup>9</sup> CAMPOS, Hélio. *Capoeira Regional: a escola de Mestre Bimba (Mestre Xaréu)*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 21.

floresta virgem”, é quase unânime entre os tupinólogos, mas puêra, pretérito nominal que quer dizer “o que foi, e o que não existe mais”, tem, entre as suas primeiras denominações, vários significados.

A primeira proposição de que se tem notícia é a de José de Alencar, em 1865, na primeira edição de Iracema. Propôs Alencar, para o vocábulo Capoeira, o tupi Caa-Apuam-era, traduzido por ‘ilha de mato já cortado’. Henrique Beaurepaire Rohan propôs o tupi Co-puera, significando ‘roça velha’. Para Macedo Soares, o vocábulo vem simplesmente do guarani Caápuêra, ‘mato que foi’, atualmente, ‘mato miúdo que nasceu no lugar do mato virgem que se derrubou’. J. Barbosa Rodrigues, no século passado, propôs no seu livro Paranduba Amazonense a forma Caapoêra. Já para o Visconde de Porto Seguro, o termo certo é Capoêra.<sup>10</sup>

O Dicionário Escolar da Língua Portuguesa define capoeira como “o lugar onde se criam e alojam capões e outras aves domésticas. Mato que foi cortado ou destruído; mato fino, ralo, que já foi roçado; esporte antigo dos cariocas; rasteiras.”<sup>11</sup>

O Dicionário Aurélio dá os seguintes significados:

Capoeira1: 1. Gaiola grande ou casinha onde se criam e alojam capões e outras aves domésticas. 2. P. ext. O junto das aves domésticas. 3. P. ext. O conjunto das aves domésticas de uma criação: *O gambá está-me dizimando a capoeira*. 4. Ant. Fort. Espécie de cesto para resguardo da cabeça dos defensores de uma fortaleza. 5. Ant. Fort. Escavação guarnecida de seteiras.

Capoeira2: [Do tupi kapu'era] S.f. Bras. 1. Terreno em que o mato foi roçado e/ou queimado para cultivo da terra ou para outro fim: A capoeira (mata que foi) aparece em todos os distritos agrícolas do país, visto que é um resultado das queimadas. Raimundo Lopes, *Uma Região Tropical*, p. 99.) 2. Mato que nasceu nas derrubadas de mata virgem. 3. V. uru1. 4. Cap. Jogo atlético, constituído por um sistema de ataque e defesa, de caráter individual e origem folclórica genuinamente brasileira, surgido entre os escravos bantos procedentes de Angola no Brasil colônia, e que, apesar de intensamente perseguido até as primeiras décadas do séc. XX, sobreviveu à repressão e hoje se amplia e se institucionaliza como prática desportiva regulamentada; capoeiragem.<sup>12</sup>

Segundo Rego, poucos estudiosos indicam a origem da capoeira na África, e outros apresentam evidências de que a capoeira tenha surgido no Brasil.<sup>13</sup> Para o autor, existem três possíveis explicações para o uso do termo capoeira:

<sup>10</sup> CAMPOS, 2009, p. 21.

<sup>11</sup> BUENO, F. S. *Dicionário escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: MEC/CNME, 1957. p. 219.

<sup>12</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p. 344.

<sup>13</sup> REGO, Waldeloir. *Capoeira Angola: ensaio sócio-etnográfico*. Salvador: Itapuã, 1968. p. 26.

- viria do tupi-guarani *caá-puêra*, mato que deixou de existir ou mato fino e ralo. Designa o lugar onde os escravos praticavam essa luta-dança-jogo, no Brasil Colônia, a partir do século XVI;
- corresponderia ao nome de um cesto que os escravos utilizavam para carregar mantimentos aos mercados das cidades, em meados do século XIX. Nas horas vagas, nesses lugares, eles praticavam a Capoeira, que assim os identificava;
- por último, viria do nome de uma ave (*Odontophorus capueira*) encontrada em várias regiões do país, também conhecida como Uru. Seus movimentos utilizados em disputas da espécie assemelham-se aqueles executados pelos capoeiristas.<sup>14</sup>

Mestre Bola Sete relata que “é incerta a história da origem da capoeira e alguns mestres acreditam que foi uma criação dos africanos no Brasil.<sup>15</sup> Entretanto, a maioria afirma que as raízes vieram da África, oriundas de antigos rituais”. Ainda segundo o mestre, a capoeira encontra a sua tradição marcial, primeiramente, nos episódios de Palmares, no século XVIII, quando os escravos, sob o comando do valente Zumbi, defenderam-se ferozmente em cruentas lutas corpo a corpo, travadas com as tropas dos “Capitães de Mato”, dentre os quais o mais importante foi o sertanejo paulista Domingos Jorge Velho, mestre de campo, que comandou um regimento de 7000 homens, para extermínio dos escravos fugitivos e cujos primeiros combates foram travados na Serra da Barriga, em 1687, e somente concluídos em 1697.<sup>16</sup>

Porém não se pode precisar a data específica da criação da capoeira ou detalhes históricos precisos e documentados relativos à sua concepção. Como situa Vieira:

O vocábulo Capoeira foi registrado pela primeira vez no Brasil, em um livro de gramática guarani, de autoria do Padre José de Anchieta, em 1595, intitulado: A arte da Gramática da Língua mais usada na Costa do Brasil, onde para dar um exemplo de concordância verbal, o autor cita a seguinte frase: Os índios Tupi-Guarani se divertiam jogando Capoeira.<sup>17</sup>

<sup>14</sup> RIBEIRO, Márcio Kley de Alencar. *Da música na capoeira: ensino e aprendizagem musical no Grupo Giramundo*. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de Música da Universidade Federal do Maranhão. 2015. p. 11.

<sup>15</sup> MESTRE BOLA SETE. *Capoeira angola na Bahia*. Rio de Janeiro: Pallas, 2005. p. 18.

<sup>16</sup> MESTRE BOLA SETE, 2005, p. 20.

<sup>17</sup> VIEIRA Sergio Luiz de Souza Capoeira. *Matriz Cultural para uma Educação Física Brasileira*. Dissertação (Mestrado). 1997. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997. p. 33.

Ainda de acordo com Oliveira, o surgimento exato da capoeira no Brasil é desconhecido, mas provavelmente os responsáveis por sua manifestação e transmissão foram os negros africanos no Brasil.<sup>18</sup>

O autor ressalta sua indignação ao retratar com tristeza as ações do governo republicano de Deodoro da Fonseca (1889-1891). Por ordem de Ruy Barbosa, ministro da Fazenda, todos os documentos que continham qualquer traço referente à escravidão no Brasil foram queimados, e importantes fontes de informações não puderam ser investigadas, conforme afirma Rego:<sup>19</sup>

1º - Serão requisitados de todas as tesourarias da Fazenda todos os papéis, livros e documentos existentes nas repartições do Ministério da Fazenda, relativos ao elemento servil, matrícula de escravos, dos ingênuos, filhos livres de mulher escrava e libertos sexagenários, que deverão ser sem demora remetidos a esta capital e reunidos em lugar apropriado na recebedoria.

2º - Uma comissão composta dos Srs. João Fernandes Clapp, presidente da confederação abolicionista, e do administrador da recebedoria desta capital, dirigirá a arrecadação dos referidos livros e papéis e procederá à queima e destruição imediata deles, o que se fará na casa de máquina da alfândega desta capital, pelo modo que mais conveniente parecer à Comissão.<sup>20</sup>

Para Augusto Januário, a capoeira surge da privação da liberdade:

O que motivou o surgimento da Capoeira foi unicamente a privação dos direitos do homem, determinada pelo regime escravocrata, ocorrido entre os séculos XVI e XIX no Brasil, onde predominava não só a falta de liberdade, mas também, a segurança de vida do escravo.<sup>21</sup>

Com o passar dos tempos, os colonizadores perceberam o poder fatal da capoeira, proibindo sua prática.

Partindo de uma corrente doutrinária litúrgica, a revista do Conselho Federal de Educação Física - CONFEF menciona que a origem da capoeira está na:

prática religiosa dos negros livres na África e cativos no Brasil. Os gestos e movimentos litúrgicos, feitos ao som de instrumentos de percussão durante os rituais e festas, acentuados pela destreza e agilidade, teriam originado a Capoeiragem.<sup>22</sup>

Corroborando esse pensamento, Lins ressalta:

<sup>18</sup> OLIVEIRA, J.S. *Capoeira Angola Na Bahia*. Rio de Janeiro: Pallas, 2003. p. 35.

<sup>19</sup> REGO apud Campos, 2009 p. 33.

<sup>20</sup> CAMPOS, 2009, p. 33.

<sup>21</sup> MESTRE BOLA SETE. p. 23.

<sup>22</sup> CONFEF. Capoeira. *Revista do CONFEF*, Rio de Janeiro, n. 01, nov. 2001.

A Capoeira foi iniciada pelos Bantos, que se encontravam na Bahia e em Pernambuco. De onde vieram, pratica-se até hoje uma forma de luta ligeiramente distinta da brasileira. Essa luta era associada a uma cerimônia mágica-religiosa que recebia denominações diferentes de acordo com a região: n'golo em Benguela (Sul da África), e basula em Luanda (a capital, ao Norte).<sup>23</sup>

No que tange à corrente doutrinária quilombola, a revista do CONFEF afirma:

Alguns estudiosos apontam os quilombos, onde viviam os negros que se rebelavam contra a escravidão e fugiam, como o berço da capoeira. Segundo esta corrente, os negros desenvolveram uma série de movimentos para se defender. Os escravos cativos recebiam os ensinamentos dos que haviam sido recapturados. Para mascarar os golpes, os negros juntaram a música, procurando dar a impressão aos senhores de engenho de que estavam dançando, e não aprendendo a lutar.<sup>24</sup>

Nos seus escritos, Vieira ressalta que em 1888 foi abolida a escravatura e muitos escravos foram lançados nas cidades sem emprego, na marginalidade, e a capoeira foi um dos meios utilizados para a sobrevivência. Ainda segundo o autor, a capoeira passa a ser perseguida e vista como elemento de luta utilizado por marginais.<sup>25</sup>

O Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil, instituído pelo Decreto 847, em 11 de outubro de 1890, que esteve em vigor até meados da década de 1960, deu, em seu Capítulo XIII, tratamento específico ao assunto, intitulado: “Dos Vadios e Capoeiras”, no artigo que se segue:

Art.402. Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza conhecido pela denominação *capoeiragem*: andar em correrias com armas e instrumentos capazes de produzir lesão corporal provocando tumulto ou desordem, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal: Pena – de prisão celular de dois a seis meses. Parágrafo único: é considerado circunstância agravante pertencer a capoeira a algum bando ou malta, aos chefes ou cabeças se imporá pena em dobro.<sup>26</sup>

A abolição da escravidão e a instauração da República fizeram com que a capoeira beirasse a extinção, porém ela resistiu mediante muita luta e resistência.

<sup>23</sup> LINS, Caroline. *Origem da capoeira no Brasil*. 2001. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001. p. 3.

<sup>24</sup> LINS, 2001, p. 5.

<sup>25</sup> VIEIRA, Sergio Luiz de Souza. *Da capoeira: como patrimônio cultural*. 2004. 193 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004. p. 121.

<sup>26</sup> VIEIRA, 2004. p. 65.



Carlos Eugênio Líbano Soares trata da capoeira e da participação do negro na sociedade brasileira:

Nessa época crítica de formação do Estado Nacional, como expressão combativa da massa escrava negro africana, que monopolizava o trabalho na cidade, a capoeira foi o canal expressivo da resistência escrava, e por isso vítima permanente de violência senhorial e policial.<sup>27</sup>

Segundo Muniz, nos estados do Rio de Janeiro e da Bahia concentravam-se os principais polos da prática da capoeira. O autor ainda afirma que a capoeira foi combatida com extrema violência, quase chegando à extinção no Rio de Janeiro. Na Bahia, quem fosse pego praticando-a era amarrado num cavalo e arrastado até o Departamento de Polícia.<sup>28</sup>

Tanto o contexto quanto os locais de prática da capoeira eram disseminados de forma a garantir a perpetuação da sua prática, que, segundo Silva e Heine, se dava em senzalas, quilombos, matas, ruas e terreiros de candomblé.<sup>29</sup> Nesses locais os negros cultuavam seus deuses e rituais e treinavam destreza corporal e prática da capoeira.

Desde o momento mais remoto da história da capoeira no Brasil, observa-se a transmissão de elementos culturais da geração mais velha para as mais novas. Conforme Nestor Capoeira, “a capoeira, sem dúvida, é a miscigenação de elementos culturais de várias etnias africanas, indígenas e lusitanas”.<sup>30</sup>

## 1.2 Elementos da Capoeira x Educação: luta de resistência à violência

De acordo com Reis o ritual da roda de capoeira é o momento em que o praticante mostra seu conhecimento e do jogo.<sup>31</sup> A roda é um momento mágico da capoeira, sintetizando o espírito de luta, a necessidade de exhibir-se e satisfazer-se, o encontro amistoso com o próximo, buscando a troca de experiências e a aplicação do desenvolvimento individual.

<sup>27</sup> SOARES, Carlos Eugênio Líbano. *A negrada instituição*. Rio de Janeiro: SMC, 1994. p. 34.

<sup>28</sup> MUNIZ, Sondré. *Corpo de Mandinga*. Rio de Janeiro: Manati, 2002. p. 45.

<sup>29</sup> HEINE, Vinicius; SILVA, Gladson de Oliveira. *Capoeira, um instrumento psicomotor para a cidadania*. São Paulo: Phorte, 2008. p. 56.

<sup>30</sup> PASSOS NETO, Nestor Sezefredo. *O pequeno manual do jogador de capoeira*. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 68.

<sup>31</sup> REIS, A. L. T. *Educação Física e Capoeira: Saúde e qualidade de vida*. 2. ed. Brasília: Thesaurus, 2010. p. 36.

Para o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, a roda de capoeira é o principal agente de transmissão de saberes, e nela estão incluídos valores da cultura afro-brasileira.<sup>32</sup> Ainda segundo o IPHAN, por meio dela são reforçados:

A história da resistência negra no Brasil, durante e após a escravidão, a preservação e reestruturação da herança cultural africana, a formação de redes de sociabilidade e constituição da identidade e da autoestima de grupos afro-brasileiros; A constituição da identidade nacional, a convivência respeitosa e harmonização entre diferentes grupos étnico-raciais, etários e de gênero, no país e fora dele, promovendo, mais que uma ideologia, uma prática de diversidade cultural e de combate ao racismo e outras formas de preconceito; A socialização de crianças e jovens e o desenvolvimento de formas de ensino-aprendizagem capazes de envolver múltiplas dimensões de sua formação (física, psíquica, ética, afetiva, lúdica); A promoção da imagem do Brasil e para a difusão de valores, símbolos e práticas da cultura brasileira.<sup>33</sup>

Para Falcão, os capoeiristas que formam a roda são potenciais jogadores, instrumentistas e cantadores, e se revezam nessas três ocupações durante o seu desenrolar.<sup>34</sup> A oralidade e a corporeidade interagem, resultando numa riquíssima relação.

Segundo Mello, a capoeira foi criada dentro desse contexto, pela necessidade de defesa contra a opressão.<sup>35</sup> Foram criados golpes de ataque e defesa, desferidos unicamente com o próprio corpo, voltados ao enfrentamento dos fatores capitães do mato, em combates que se davam durante as fugas.

Reis assim conceitua os rituais da roda capoeira: primeiramente inicia-se o toque do berimbau, em seguida o cântico de louvação, e só depois os demais instrumentos são tocados.<sup>36</sup> Ainda na ladainha, dois capoeiristas se posicionam ao pé do berimbau e no canto de entrada se cumprimentam e começam a jogar. Ao término do jogo os capoeiristas se cumprimentam, e ao berimbau, e saem da roda. Ainda de acordo com Reis, a roda começa com a afinação dos berimbaus e a

<sup>32</sup> INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN. Coordenação-Geral de Pesquisa, Documentação e Referência. Programa de Gestão Documental do IPHAN. Rio de Janeiro: IPHAN/Copedoc, 2008. p. 37.

<sup>33</sup> IPHAN, 2008, p. 89.

<sup>34</sup> FALCÃO, José Luiz Cirqueira. *O jogo da capoeira em jogo e a construção da práxis capoeirana*. 2004. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004. p. 155.

<sup>35</sup> MELLO, A. S. A história da capoeira: pressuposto para uma abordagem na perspectiva da cultura corporal. Centro Universitário Vila Velha. 2010. p. 1.

<sup>36</sup> REIS, 2010, p. 57.

formação da bateria é composta por três berimbaus, um atabaque, dois pandeiros, um reco-reco e um agogô.<sup>37</sup>

Segundo Ribeiro, recebe o nome de organologia a ciência que trata dos instrumentos musicais.<sup>38</sup> Ela classifica e sistematiza todos os instrumentos, a partir do seu feitio, material, forma, estruturas, timbre e do meio de produção do som. O autor ainda afirma que a organologia considera como instrumento musical qualquer corpo ou objeto feito pelo ser humano para produzir som.

Para o autor, o primeiro registro da presença de um instrumento musical na capoeira aparece no início do século XIX, em 1835.<sup>39</sup> Os instrumentos da capoeira podem ser evidenciados pela definição de Campos:

**BERIMBAU** - Instrumento de percussão, em formato de arco, retesado por um fio de arame, tendo, na sua extremidade inferior, uma cabaça que funciona como caixa de ressonância. O arame é percutido com uma vareta de madeira, chamada de vaqueta, que o tocador segura com a mão direita, juntamente com um caxixi, acentuando o ritmo através do chocalhar e modificando a intensidade do som com a aproximação e afastamento da abertura da cabaça na barriga. A mão esquerda, que segura o arco e a moeda (dobrão), encosta ou afasta do arame com o objetivo de obter os mais variados sons.

**VAQUETA** - É uma vareta de madeira, de aproximadamente 40 cm, tendo uma extremidade um pouco mais grossa e sendo normalmente feita de biriba.

**CAXIXI** - Instrumento em forma de pequena cesta de vime com alça, usado como chocalho pelo tocador de berimbau, o qual segura a peça com a mão direita, juntamente com a vaqueta, executando o toque e marcando o ritmo.

**DOBRÃO** - É uma moeda preferencialmente antiga, de 40 réis, e de estimação, usada pelo tocador de berimbau na mão esquerda que, sendo encostada no arame, modifica o som.

**PANDEIRO** - Instrumento de percussão, composto de um aro circular de madeira, guarnecido de soalhas, e sobre o qual se estica uma pele, preferencialmente de cabra ou bode, e que se tange batendo com a mão, assim como nos cotovelos, nos joelhos e, até nos pés.

**AGOGÔ** - Instrumento de percussão de origem africana, constituído por duas campânulas de ferro, o qual se percute com uma vareta do mesmo metal, e é usado particularmente nos candomblés, baterias de escolas de samba, maracatu, conjuntos musicais (além de grupos folclóricos, acrescentamos).

**ATABAQUE** - Tambor primário, feito com pele de animal, distendida em uma estrutura de madeira com formato de cone vazado nas extremidades. Percutido com as mãos, é bastante usado no candomblé e nas danças religiosas e populares de origem africana.

<sup>37</sup> REIS, 2010, p. 98.

<sup>38</sup> RIBEIRO, 2015, p. 25.

<sup>39</sup> RIBEIRO, 2015, p. 25.



**RECO-RECO** - Instrumento de percussão, feito de gomos de bambu, no qual abrem-se rasgos transversais, onde se passa uma vareta de madeira fazendo soar um som rascante.<sup>40</sup>

Para Mestre Pastinha, representante maior da Capoeira Angola, o jogo requer três berimbaus: o *gunga*, com a cabaça grande, de som grave, responsável pela marcação; o *médio*, com a cabaça média, que dá o contratoque ritmado; e o *viola* ou *violinha*, com a menor das cabaças, de som agudo, utilizado para improvisações.<sup>41</sup> A orquestra inclui ainda pandeiro, agogô, reco-reco e atabaque. Ribeiro ressalta a classificação do berimbau:

Na classificação de instrumentos musicais feita por Curt Sachs (1940), o arco musical se enquadra na classe de 'cítara': um instrumento sem braço e com as cordas esticadas entre as duas extremidades de um corpo, quer este corpo seja no sentido usual um ressonador em si, quer precise de um ressonador adicionado. Algumas formas do arco musical são mais facilmente classificadas como 'harpa'. Na África do Sul e na África Central, muitas formas de arco musical podem ser encontradas. De acordo com Shaffer (1977), o arco musical chegou ao Brasil junto com os negros trazidos como escravos, no século XVI. Aqui, tomou formas diferentes e adquiriu novos nomes. Havia diferentes espécies de berimbau: berimbau-de-boca, berimbau-de-bacia, berimbau-de-barriga. Este último foi adotado pelos praticantes da Capoeira.<sup>42</sup>

O berimbau é o principal responsável por ditar o ritmo ao jogo da capoeira. Os instrumentos, segundo Rego, quando utilizados no território da roda, não são apenas objetos, afinal eles tomam parte de todo o cerimonial que envolve a roda, ganhando significados e sentidos que os tornam sensíveis.<sup>43</sup> Os corpos interagem com o som dos instrumentos, incorporando-os.

Abib relaciona o som do berimbau à “sensação de que algo realmente sagrado está acontecendo” na roda.<sup>44</sup> Silva reforça esse entendimento, considerando-o sagrado e venerado por todos das modalidades angola ou regional.<sup>45</sup> No âmbito religioso, protege e “ouve” todos os capoeiristas que nele acreditam.

A música da capoeira será, como qualquer música, regida pelo tempo, pulso, síncope, compassos, colcheias e semicolcheias, rufos, canto e melodias, criando

<sup>40</sup> CAMPOS, 2009, p. 91.

<sup>41</sup> PASTINHA, V. F. *Capoeira Angola*. Salvador: Fundação Cultural da Bahia, 1988. p. 39.

<sup>42</sup> RIBEIRO, 2015, p. 27.

<sup>43</sup> REGO, 1968. p. 78.

<sup>44</sup> ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. *Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda*. Salvador: UFBA, 2005. p. 10.

<sup>45</sup> SILVA, José Milton Ferreira. *A linguagem do corpo na capoeira*. Rio de Janeiro: Sprint, 2003. p. 25.

uma teia de símbolos que provocam na roda essa condição mágica que distorce o tempo e o espaço.

Outro elemento relevante na capoeira é o movimento que a luta permite aos jogadores. Os movimentos da capoeira caracterizam o jogo. Para Mestre Bola Sete, a ginga, movimento básico da capoeira, é a característica marcante do jogo, identificando o capoeirista.<sup>46</sup> Nela o capoeirista pode se defender, atacar e contra-atacar. Além da ginga, existem outros movimentos, tais como armada, meia-lua de frente, meia-lua de compasso, queixada, martelo, bênção, rasteiras, cabeçadas, esquivas, aú, etc. Para Santos, o repertório é definido pelos ensinamentos do mestre e pelo desenrolar do jogo.<sup>47</sup>

Em concordância com esses autores, Glasgow reafirma que a ginga é o principal movimento da capoeira, o primeiro que o aluno aprende, dentro ou fora da roda.<sup>48</sup> Consiste num bailado invertido, quando a mão direita está à frente, o pé esquerdo se encontra atrás do corpo, e vice-versa. É a partir da ginga que surgem os deslocamentos e golpes. Uma das principais formas de o capoeirista se deslocar durante o jogo é o aú, pelo qual o jogador se movimenta de um lado para o outro usando apenas os braços. Tanto a capoeira angola como a regional utiliza esses movimentos.

Mestre Bimba, por sua vez, tornou característicos da sua capoeira regional os chamados “balões”, como o que denominou de “cintura desprezada”.<sup>49</sup> Assunção explica melhor como eles se processam:

Os movimentos acrobáticos usando a ‘cintura desprezada’ constituíram a principal inovação da capoeira regional. Através dela o capoeirista era capaz de reagir contra tentativas de agarrá-lo, exatamente o que praticantes da maioria das outras tradições de lutas de agarrar iriam fazer num combate de estilo livre. Estes movimentos (a maioria deles chamados de ‘balões’) consistiam em projeções de um capoeirista, que tinha que se lançar e cair sobre seus pés o mais suave possível, escapando de forma acrobática de uma situação em que sua cabeça havia sido colocada sob os braços do outro. Os balões logo se tornaram um dos mais polêmicos movimentos de Bimba, pois na capoeira tradicional não havia agarramento. As

<sup>46</sup> BRASIL. *Inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil*. Brasília: Ministério da Cultura, 2007. p. 79.

<sup>47</sup> SANTOS, Gilbert. Alguns sentidos e significados da Capoeira, da Linguagem Corporal, da Educação Física. *Rev. Bras. Cienc. Esporte*, v. 30, n. 2, p. 133, 2009. Disponível em: <<http://ceve.org.br/biblioteca/alguns-sentidos-significados-capoeira-linguagem-corporal-educacao-fisica/>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

<sup>48</sup> GLASGOW, Roy. *Nzinga - Resistência africana à investida do colonialismo português em Angola, 1582 -1663*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1982. p. 45.

<sup>49</sup> ASSUNÇÃO, Matthias Rohrig. *Capoeira. The history of an Afro-brazilian martial art*. Routledge: London, 2005. p. 111.

performances acrobáticas dos balões se transformaram num símbolo da beleza da Regional ou, de acordo com outras observações da época, uma 'adulteração' da genuína capoeira.<sup>50</sup>

Dessa forma, pode-se afirmar que a roda de capoeira é um microcosmo que reflete o macrocosmo da vida e o mundo. Vários elementos permeiam essas relações com o mundo e no jogo de capoeira tais elementos aparecem de maneira intensa.

A capoeira tem se expandido muito na sociedade contemporânea. Segundo Moreira e Moreira, a cada ano a capoeira ganha mais espaço nas escolas e universidades, tornando-se cada vez mais presente nas instituições de ensino. O ambiente escolar é um local que exerce influência intelectual e cidadã sobre o indivíduo, vindo a afetar a formação da identidade dos alunos.<sup>51</sup> Conforme Falcão, a capoeira é um:

[...] complexo temático essencialmente interdisciplinar, em ocorrência de seu processo histórico [...] em que se entrecruzam pressupostos de várias áreas de conhecimentos, como História, Antropologia, Sociologia, Psicologia, Filosofia e Educação Física.<sup>52</sup>

As práticas de capoeira são constituídas, conforme Falcão, a partir do conceito de diálogo. O mestre (professor) de capoeira é apenas um mediador do grupo, chamado de roda. O diálogo está presente o tempo todo no meio, como prática de ensino- aprendizagem, fazendo com que o aluno busque cada vez mais ser um sujeito crítico e construtor de si mesmo. O autor ainda reflete, a respeito da prática do diálogo durante a aula de capoeira:

procuramos conceber a disciplina capoeira como um complexo temático articulado com o conceito de práxis e mediado por conhecimento útil, construído em função da realidade social, com vistas à promoção do ser humano.<sup>53</sup>

Em janeiro de 2003, foi promulgada a Lei nº 10.639/03,<sup>54</sup> fruto de lutas históricas do Movimento Negro Brasileiro. Com sua aprovação, em 9 de janeiro de

<sup>50</sup> ASSUNÇÃO, 2005, p. 135.

<sup>51</sup> MOREIRA, Ramon; MOREIRA, Najara. Capoeira: sua origem e sua inserção no contexto escolar. *Revista Digital* - Buenos Aires, ano 12, n. 114, 2007. p. 5. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd114/capoeira-sua-origem-e-sua-insercao-no-contexto-escolar.htm>>. Acesso em: 22 fev. 2018.

<sup>52</sup> FALCÃO, 2009, p. 163.

<sup>53</sup> FALCÃO, 2009, p. 165.

<sup>54</sup> BRASIL. *Proposta de Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*

2003, instituiu-se o ensino de assuntos e história da África nos currículos escolares, e a capoeira ganhou maior força, sendo reconhecida como conteúdo riquíssimo para o acervo cultural do aluno, pois, segundo Natividade, desenvolve não somente o aspecto motor, mas também o cognitivo e o afetivo-social.<sup>55</sup>

Nesse sentido, no campo educacional, a Lei nº 10.639/03 traz no seu contexto os anseios dos afro-brasileiros, principalmente aqueles ligados aos movimentos sociais e de articulação dos direitos civis, políticos, sociais e econômicos, de valorização de sua historicidade, riqueza cultural e da ancestralidade africana.

A escola ocupa e exerce um papel de extrema importância na transformação para a superação do processo de exclusão social. Conforme destacam os PCNs, o corpo docente tem a responsabilidade de introduzir na escola o debate sobre o multiculturalismo e a pluralidade cultural.<sup>56</sup> Não se atribui maior responsabilidade aos professores da área de humanas, mas espera-se que todos, independentemente de área e formação, discutam o papel de diferentes povos no contexto cultural e educacional.

O trabalho com o tema da capoeira no contexto educacional constitui uma oportunidade de refletir sobre a própria identidade étnico-racial. Trata-se, portanto, de mudar não apenas os conteúdos, mas também o olhar e os sentidos atribuídos a esses conteúdos. Propõe-se aqui inserir a capoeira como meio de estudo, e por meio dela, permitir o entendimento dos educandos no que se refere às transformações socioculturais do Brasil, pois ela é símbolo da miscigenação de etnias e de resistência à opressão e à escravidão.

Segundo Silva,

A capoeira tem sua origem, ou pelo menos seus primeiros sinais de luta, no Brasil Colônia em que os negros escravos foram trazidos à força da África Ocidental a este país tropical, eles eram a principal mão de obra usada pelos fazendeiros na época.<sup>57</sup>

A capoeira, portanto, retrata toda a trajetória do negro africano na história do Brasil. Assim, o projeto “Capoeira na Escola”, além de trazer benefícios ao

(Lei 10.639/2003). Brasília: MEC, 2008.

<sup>55</sup> NATIVIDADE, L. A capoeira nas aulas de educação física nas escolas municipais de Barra Mansa. Hoje um passo, amanhã uma caminhada. *Revista Digital*, Buenos Aires, v.10, n. 94. 2006. p. 3. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd94/capoeira.htm>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

<sup>56</sup> BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)*. v. 1. Brasília: MEC/SEF, 1997. p. 24.

<sup>57</sup> SILVA, 2003. p. 35.

desenvolvimento cognitivo e psicomotor, estimulará os alunos no aprendizado sobre sua história e a cultura afro-brasileira. Conforme Mattos,

Após a abolição da escravidão, os africanos e seus descendentes tiveram de enfrentar o difícil acesso ao mercado de trabalho livre, a discriminação e a exclusão racial. Diante desses novos obstáculos, os negros não se abateram, organizaram-se em associações políticas e culturais, que deram origem a um forte movimento da identidade negra, na tentativa de derrubar os preconceitos e alcançar a igualdade social.<sup>58</sup>

Dessa forma, percebe-se a capoeira como um instrumento valioso para contribuir com os avanços da cultura afro-brasileira nas escolas.

Enquanto a maioria das modalidades praticadas nas escolas é advinda das culturas europeia e norte-americana, as quais se originaram como cultura de movimento da classe dominante, a capoeira é brasileira e nasceu das classes dominadas dos escravos.<sup>59</sup>

Corroborando o pensamento da autora, a maioria das escolas não aplica o ensino da história e da cultura afro-brasileira, como a lei obriga, talvez por falta de interesse, de material didático atualizado ou de preparação dos professores. Assim, a proposta aqui é introduzir a capoeira como afirmação pedagógica dessa prática. Ainda segundo Mattos,

É preciso ressaltar o importante passo que foi dado para a valorização e o reconhecimento de uma das matrizes da cultura brasileira, que é a africana. O processo de implementação de uma lei é contínuo e de resultados não imediatos.<sup>60</sup>

A capoeira, como prática pedagógica, auxilia a promoção de igualdade racial dentro do espaço escolar. Numa concepção didática, Santos considera

a capoeira uma atividade física completa, pois atua de maneira direta e indireta sobre os aspectos cognitivos, afetivo e motor. Sendo encarada como lúdica e instrucional, articula atividades de desenvolvimento visomotor com desenvolvimento artístico e social, levando a criança a estabelecer relações a partir dela própria, fato que torna a capoeira multidirecional.<sup>61</sup>

<sup>58</sup> MATTOS, Regiane Augusto. *História e cultura afro-brasileira*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 217.

<sup>59</sup> SOUZA, S. A. R.; OLIVEIRA, A. A. B. Estruturação da capoeira como conteúdo da educação física no ensino fundamental e médio. *Revista da Educação Física*, Maringá, v. 12, n. 2. 2001, p. 44. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3745/2577>>. Acesso em: 17 fev. 2018.

<sup>60</sup> MATTOS, 2009, p. 218.

<sup>61</sup> SANTOS, M. A. B. et al. Capoeira: um esporte que educa. *Revista de Educação Física e Desportos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 30, 1985.



Não se concebe o crescimento intelectual e humano senão por meio de interações entre pessoas. A capoeira enseja essa interação por ser uma luta dançada, na qual dois antagonistas dão golpes de pernas e cabeça, usando as mãos como apoio, saltando para de um lado e de outro, mostrando grande habilidade e força física.

A capoeira, ainda que situada entre as manifestações da cultura afro-brasileira, encontra-se difundida entre todas as classes sociais e também no exterior, onde disputa espaço com o samba e o carnaval. Desse modo, também se caracteriza como meio de sobrevivência e diversão, constituindo, em alguns países, o sustento de muitas pessoas que a praticam. Assim, segundo Souza:

Cerca de 10 milhões de pessoas em 150 países praticam a capoeira cujo ensino se tornou o ganha-pão de muitos brasileiros que moram fora. Existem projetos para que seja ensinada nas escolas, e de que a dança e seus ensinamentos se tornem um instrumento de inclusão social. Foi só no

Segundo esse mesmo autor, antes de 1920, a prática da capoeira era proibida, até mesmo porque, nas últimas décadas do século XIX, grupos de capoeiristas do Rio de Janeiro lutavam com navalhas presas nos dedos dos pés em rixas entre as diferentes “maltas”, como eram conhecidos esses grupos, ou a serviço de alguém, frequentemente políticos que trapaceavam nas eleições.

Entretanto, nos anos de 1930, a capoeira tornou-se uma das marcas de identidade brasileira e passou a ser ensinada por professores e capoeiristas reconhecidos pelos seus saberes e talentos. Duas grandes vertentes contribuíram para divulgar o ensino da capoeira: a Angola e a Regional.

De acordo com Souza, a capoeira não foi praticada apenas no Brasil, como forma de resistência à escravidão, mas já existia em Angola de forma muito semelhante à brasileira. Portanto a autora ressalta:

Alguns relatos dos séculos XVII e XVIII descrevem lutas marciais, chamadas golo, nas quais os combatentes se enfrentavam no centro de rodas, ao som de tambores e palmas, dando golpes de pés e cabeça e tendo como apoio as mãos. Reforçando essa posição, há o depoimento do mestre Pastinha, que abriu a primeira academia da capoeira Angola em Salvador da Bahia em 1935, e contou ter aprendido a luta com um escravo vindo de Angola, chamado Benedito, que lhe ensinou que a capoeira vinha da dança chamada golo.<sup>63</sup>

<sup>62</sup> SOUZA, Marina de Melo. *África e Brasil africano*. São Paulo: Ed. Ática, 2006. p. 131.

<sup>63</sup> SOUZA, 2006, p. 134.

Todavia, a capoeira regional praticada aqui no Brasil teve como primeiro divulgador o mestre Bimba, que incorporou alguns golpes de outras lutas marciais. Atualmente a capoeira é praticada como diversão, mas no período da escravidão era uma das formas de resistência utilizada pelos negros como defesa contra a escravização.

Alimentada pelo conhecimento da importância singular da capoeira no desenvolvimento dos educandos, a presente proposta terá suas aulas voltadas para esse tema, trazendo para o âmbito escolar debates que reflitam as influências da capoeira na cultura brasileira, suas diversas contribuições na formação física, educacional e social do aluno, seja por meio da valorização do corpo, do desenvolvimento motor e cognitivo ou da formação da identidade, valores e condutas.

Também será enfatizado o caráter de inclusão social da capoeira, promovendo-se o seu reconhecimento como manifestação cultural e possibilidade educativa, tanto no âmbito escolar quanto fora da escola. É de grande importância o estudo dessa temática no que se refere às influências africanas na cultura brasileira.

Esta proposta de ensino tem como base a Lei nº 10.639, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica, oportunizando ações educativas voltadas para a conscientização e a valorização da história e da cultura dos afro-brasileiros e dos africanos a partir da inserção da capoeira. Essa importante manifestação cultural surge como excelente possibilidade de atendimento às exigências dessa lei.

Vale salientar que a escola, como instituição plural, deve estar receptiva, responsabilizando-se pelas mudanças de paradigmas e superando ideias pré-concebidas, oriundas das mais diferentes representações sociais, na busca do respeito a essa diversidade, para a verdadeira constituição de um espaço inclusivo.

Para o pleno exercício da cidadania é preciso mais do que igualdades estabelecidas em leis: é preciso igualdade de oportunidades, de saúde, de trabalho, de vez e de voz, de lazer, de raça, de cultura, de segurança, de educação de qualidade, entre outras. A educação precisa urgentemente se firmar em currículos e metodologias inclusivas.

### 1.3 Musicologia e Cidadania na Capoeira: representações e expressões como resgate da identidade e memória do negro

A música compõe a cultura desde os tempos mais remotos. A musicalidade faz parte da natureza humana, conduzindo o homem à intensa profundidade e a reações emocionais. Porém, segundo Gallo, a música de tradição oral de povos desconsiderados como parte da história da música oficial, até o começo do século XX, era abordada pelo seu caráter exótico, em comparação à música erudita ocidental.<sup>64</sup>

Ainda segundo a autora, com o desenvolvimento de novas teorias antropológicas na Europa, no final do século XIX e início do século XX, a música dos povos não ocidentais começou a ser tratada pela perspectiva científica, considerando questões contextuais, históricas, sociais, políticas e culturais.<sup>65</sup> Para Blacking,

as distinções que diversas culturas e grupos sociais fazem entre música e não música são mais importantes que quaisquer separações arbitrárias e etnocêntricas entre música e música étnica ou entre música artística e música folclórica.<sup>66</sup>

O autor acrescenta:

As separações que hoje se conhecem entre música artística e música folclórica são, enquanto instrumentos conceituais, impróprias e enganosas. Enquanto índices de distinção musical, não são significativas, nem precisas, no máximo definem apenas o interesse e as atividades de grupos sociais.<sup>67</sup>

A música, como consequência da manipulação e organização de sons, meio de comunicação e de construção de sentidos para a transmissão de determinada mensagem, e a musicalidade, como mecanismo sensível que caracteriza e identifica a produção musical de determinada cultura pelo modo como é produzida, tornaram-se fundamentais para a perpetuação das fontes cognitivas africanas encontradas no ritual da Capoeira Angola e para a (re)organização de outras práticas elaboradas no

<sup>64</sup> GALLO, Priscila Maria. Possibilidades de diálogos entre música, capoeira e uma obra literária infanto-juvenil. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras*, n. 31, 2017/1. Universidade Federal da Bahia - UFBA. 2005, p. 331. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:X2GjcuKGpogJ:periodicos.ufes.br/contexto/article/download/14947/10541+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 06 fev. 2018.

<sup>65</sup> GALLO, 2005, p. 331.

<sup>66</sup> BLACKING, John. *The Study of Man as Music-Maker*. New York: Mouton, 1979. p. 3.

<sup>67</sup> BLACKING, 1979. p. 4.



Brasil, sejam elas de cunho religioso ou festivo, ou até mesmo como elemento de puro entretenimento e diversão.<sup>68</sup>

Dessa forma, segundo Gallo, para compreender a cultura musical da capoeira é preciso partir do pressuposto de que ela é uma manifestação afro-brasileira, e a formação dessa tradição está ligada à vinda dos africanos para o Brasil, obrigados a reinventar maneiras de manter vivos seus repertórios.<sup>69</sup> Portanto, as musicalidades podem ser entendidas como os diferentes saberes e fazeres musicais presentes nas práticas da capoeira.

A interação musical entre os instrumentos e músicos que compõem uma manifestação de matriz africana está no entrecruzamento de várias maneiras de se executar ritmos. Conjugam-se sucessões e superposições rítmicas associadas com improvisos e variações de uma estrutura internalizada pelos músicos, mas que lhes permite liberdade interpretativa. A polirritmia e a polimetria são conceitos singulares na música praticada por afrodescendentes, que nela imprimem uma ampla variedade de combinações. Esses conceitos, quando aplicados no ritual de Capoeira Angola, possibilitam aos jogadores uma gama de sugestões ao movimento, imprimindo dinâmicas multilineares e polimórficas ao jogo.<sup>70</sup>

Segundo Real, todo um potencial de mobilidade, crítica e contestação social está presente na capoeira, conforme pôde ser visto na referência às letras e temáticas das músicas entoadas nas rodas de capoeira.<sup>71</sup> Tais músicas organizam uma série de práticas educativas informais na capoeira ao ditarem normas da dinâmica do jogo e ao assumirem a narrativa das lutas históricas dos negros no Brasil.

Como afirma Decânio, a música “transporta” a capoeira, contribuindo para uma espécie de transe espiritual, e é por intermédio do acompanhamento do seu instrumental característico, das palmas e cantigas que os antepassados são reverenciados, em meio à prontidão para a luta e à afinidade com outras áreas do relacionamento humano.<sup>72</sup>

A música é um elemento importante da capoeira, mostrando mais uma vez o aspecto ancestral e primitivo desta manifestação. Ela é uma viagem e

<sup>68</sup> BRAGA, Pedro Paulo de Freitas. *Capoeira Angola: mandingas de criação e representações de luta*. 2009. 79p. Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de História, Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2009. p. 34.

<sup>69</sup> GALLO, 2005, p. 334.

<sup>70</sup> BRAGA, 2009, p. 36.

<sup>71</sup> REAL, Márcio Penna Corte. *As musicalidades das rodas de capoeira(s): diálogos interculturais, campo e atuação de educadores*. 2006. 265p. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. 2006.

<sup>72</sup> DECÂNIO, Ângelo. *A herança de Pastinha*. Salvador: São Salomão, 1996. p. 31.

suas letras retratam a história de regiões brasileiras ou africanas, reavivando grandes capoeiristas citados como heróis. Por meio das músicas de capoeira, são expressos diferentes sentimentos, sentidos, ideais: ódio paixão, saudade, respeito, agressividade, violência, paz, liberdade, confiança, desconfiança, devoção, louvor etc. A música é intrínseca à dança e é mais um componente essencial na capoeira, ela é que impõe o ritmo e determina o estilo durante a luta. A música é composta de instrumentos e de canções, podendo o ritmo variar de acordo com o estilo. A parte musical tem ainda músicas que são cantadas e repetidas em coro por todos na roda.<sup>73</sup>

Na capoeira várias músicas fazem alusão à religião, particularmente ao candomblé e suas divindades (os orixás), bem como a alguns santos católicos. É possível ainda encontrar pontos de umbanda que fazem referência a entidades como caboclos e pretos velhos, entre outros.<sup>74</sup>

Nascimento ainda cita Assunção ao indicar que no passado as músicas da capoeira poderiam ser cantadas em línguas africanas, e com o tempo é possível que tenham sido criadas versões em português.<sup>75</sup> Um conjunto de canções fala de entidades como Yemanjá, Xangô e Ogun, bem como dos marinheiros e caboclos da umbanda e possivelmente até de exus, divindades bastante controversas no universo das religiões afro-brasileiras.

Reafirmando esse contexto, Mota ressalta que na roda de capoeira, a música aparece desde os instantes iniciais, quando são feitas afinações, pequenos ajustes dos instrumentos e tocadas as primeiras cantigas – seja para aquecer a voz, seja para prenunciar aos presentes e transeuntes que naquele espaço acontecerá uma roda de capoeira.<sup>76</sup> No transcurso da roda ela organiza os movimentos, conduzindo seu ritmo e cadência.

Todos os presentes participam da execução musical: cantando, batendo palmas ou tocando. Os que estão no conjunto instrumental tocam os instrumentos e respondem com o coro; o cantador – o mestre, contramestre, professor ou um aluno graduado – puxa as cantigas e anima as palmas; os que estão na roda batem palmas e fazem o coro. Exceção

<sup>73</sup> MEDEIROS, Marilene Pereira Da Silva. *Capoeira: da marginalização à reafirmação identitária*. Trabalho de Conclusão de Curso. 2016. Especialização em história e cultura africana e afro-brasileira. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Currais Novos. 2016. p. 20.

<sup>74</sup> NASCIMENTO, Ricardo. Umbandistas e capoeiras: em busca do Axé em Portugal. *Revista Vozes dos Vale*, n. 9, 2013. p. 9. Disponível em: <<http://www.ufvjm.edu.br/site/revistamultidisciplinar/files/2011/09/Umbandistas-e-capoeiras-em-busca-do-Ax%C3%A9-em-Portugal-Portugal1.pdf>>. Acesso em: 26 fev. 2018.

<sup>75</sup> NASCIMENTO, 2013, p. 9.

<sup>76</sup> MOTA, Patrícia Lemos. *A música na capoeira regional como elemento de construção identitária*. 2013. 116p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2013. p. 41.

feita ao jogo de iúna que acontece exclusivamente ao som dos instrumentos, sem o acompanhamento de cantigas ou de palmas.<sup>77</sup>

Precisamente se pode afirmar que a capoeira se evidencia como luta e arte pelo aspecto musical que a condiciona. Real enumera as funções da música na prática da capoeira, determinada pelos diferentes jogos e orientada pela movimentação dos envolvidos, com base na concepção de importantes mestres:

Em síntese, os papéis atribuídos às musicalidades das rodas de capoeira pelos agentes, envolvem: 1) o fato de a capoeira praticada hoje ser fundamentalmente caracterizada pela presença da música, como disse Frede Abreu; 2) a ideia de que as músicas influenciam no desempenho das funções, de o jogo ter mais harmonia e do cara se soltar mais, de fazer com que os capoeiristas sejam alegres, parecendo formar uma família, como disseram Frede, Mestre Neco e o Mestre Raimundo Dias, respectivamente; 3) a possibilidade de demonstrar que a capoeira vai além da movimentação corporal, como disse Mestre Cobra Mansa; 4) a possibilidade de colocar todos numa mesma consciência, criando um contexto de comunicação ou elo com o cosmo, como disseram Mestre Cafuné, Mestre China e Mestre Mõa do Catendê; 5) a história da capoeira ou função narrativa, como disseram Frede e Mestre Cobra Mansa.<sup>78</sup>

A capoeira é normalmente animada por três berimbaus, um atabaque, um pandeiro, um agogô e um reco-reco, além das palmas e dos cânticos do cantador e dos integrantes da roda, e conta com acompanhamento musical próprio durante a sua execução. Ainda segundo o autor:

O comum, na musicalidade da capoeira, é o fato de a orquestra acompanhar o ritmo da luta ou impor-lhe um andamento mais agressivo, ou menos agressivo, dependendo da ocasião, além de, implicitamente, conter um alto grau de espiritualidade, onde, no muay-thai, os lutadores realizam, no preâmbulo da disputa, uma dança ritual para um encontro místico com seus antepassados e também para afugentar o medo do coração, e na capoeira os jogadores normalmente agacham-se ao pé do berimbau e, cantando ou não, também se harmonizam com o mundo além do que é visto.<sup>79</sup>

O inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil sinaliza em seus documentos que toda roda de capoeira se inicia com uma canção.<sup>80</sup> Na capoeira Angola, o ritual é aberto com um cântico em forma de lamento, chamado ladainha. Um grito gutural, iê, é emitido pelo cantador, antes

<sup>77</sup> MOTA, 2013, p. 41.

<sup>78</sup> REAL, 2006, p. 274.

<sup>79</sup> MARQUES, Joel Pires. *Capoeira: jogo atlético brasileiro*. Trabalho de Conclusão de Curso - Curso de Licenciatura em Educação Física - Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2006. p. 37.

<sup>80</sup> BRASIL, 2007, p. 73.

de se iniciar o canto, instaurando silêncio na roda. A ladainha é entoada normalmente pelo capoeirista/mestre que toca o berimbau principal, de som grave, chamado berra-boi ou gunga.

Quando se inicia a ladainha, os capoeiristas que vão jogar permanecem 'agachados' ao pé do berimbau, à espera do momento para jogar, envolvidos em um silêncio religioso que apenas se rompe com o canto sofrido, louvando a memória dos mestres antigos, saudando Deus e santos católicos, orixás, figuras lendárias, ou ainda os casos de perseguição aos capoeiristas.<sup>81</sup>

A ladainha não é o único cântico da roda. A maior parte do ritual se desenrola pelo canto das *chulas* e *corridos*, cuja expressão musical se dá, na sua execução, de forma bem semelhante às canções de samba de roda baiano e às variações do partido-alto carioca: “seus cantos são tirados por um solista e respondidos pelo coro”.<sup>82</sup>

Os toques são tão importantes para a musicologia na capoeira que alguns os relacionam aos estilos. Além do toque de Angola, fazem parte das rodas o São Bento Grande e o São Bento Pequeno, versões mais rápidas do toque de Angola, mas que seguem sua estrutura rítmica.<sup>83</sup>

Outro toque inventado pelos capoeiristas antigos que permanece nas rodas atuais, ainda que em raras ocasiões, é a Cavalaria. O ritmo imita o som de cavalos trotando e era tocado para avisar da chegada do Esquadrão da Cavalaria, liderado pelo temido chefe de polícia conhecido como Pedrito, que atacava as rodas e perseguia os capoeiras nos anos 1920, em Salvador.<sup>84</sup>

Segundo Braga, a música na capoeira Angola, de modo geral, estabelece uma interação, mesmo que de maneira subjetiva, entre os músicos, responsáveis pela condução do ritual, e os demais, jogadores e espectadores, receptores dos estímulos sonoros.<sup>85</sup>

Ainda segundo o autor, o cantador, quase sempre um mestre ou capoeirista experiente, é o indivíduo responsável pela coordenação e desempenho do ritual. Acompanhado pelos demais músicos, o cantador cria a interação entre a música e os jogadores, dispostos no centro do círculo. Essa interação acaba sendo entendida,

<sup>81</sup> BRASIL, 2007, p. 74.

<sup>82</sup> LOPES, Nei. *O negro no Rio de Janeiro e sua tradição musical: partido alto, calango, chula e outras cantorias*. Rio de Janeiro: Pallas, 1992. p. 36.

<sup>83</sup> BRASIL, 2007, p. 78.

<sup>84</sup> BRASIL, 2007, p. 78.

<sup>85</sup> BRAGA, 2009, p. 37.

pelos seus praticantes bem informados, como um diálogo entre o som e o corpo, estabelecendo dinâmicas variadas sugeridas por ambas as partes. A música dita a cadência do jogo e o jogo a realimenta com seu vigor sinuoso.<sup>86</sup>

A música passa a transmitir e/ou traduzir certas mensagens e intenções mediante gestos, sinais e significados, que dizem respeito apenas aos profundos entendedores de seu sentido. Os veículos de sua comunicação transcendem o verbal e se hospedam em patamares simbólicos, que permitem seu reconhecimento individual mediante mecanismos de identificação coletiva.<sup>87</sup>

Tradicionalmente, segundo Lima, a capoeira tem sido retratada como a transformação de um tipo de dança religiosa africana dos negros bantos de Angola numa forma de luta.<sup>88</sup> A capoeira surge, assim, como instituição característica dos negros africanos escravizados no Brasil, tendo mesmo, após a Abolição, sido exportada, na companhia daqueles que retornaram para o continente africano.<sup>89</sup>

Para Goulart, é indubitável que as várias representações da capoeira podem ter leituras diferenciadas como indolência, vadiagem, sexualidade, musicalidade e capoeiragem, consideradas também formas legítimas de resistência ao embrutecimento e à discriminação, da mesma forma como o foram as fugas, as automutilações, os suicídios e as revoltas.<sup>90</sup>

Pelas diversas leituras da sua prática, a capoeira no Brasil República assume aspectos divergentes da capoeira do Brasil Império, cuja prática já se modifica e, aperfeiçoada, adquire traços próprios de malandragem e sua prática, na maioria das vezes, são se volta a fins delituosos. Nasce assim as maltas de capoeiras, as rivalidades e, ao mesmo tempo, a sua difusão, de tal forma que a luta chega a ser praticada não mais por negros, mais por grandes personalidades da sociedade brasileira da época.<sup>91</sup>

Como afirmam Oliveira e Leal, “a história da capoeira foi marcada por perseguições policiais, prisões, racismo e outras formas de controle social que os

<sup>86</sup> BRAGA, 2009, p. 37-38.

<sup>87</sup> BRAGA, 2009, p. 39.

<sup>88</sup> LIMA, Roberto Kant de; LIMA, Magali Alonso. *Capoeira e cidadania: negritude e identidade no Brasil Republicano*. *Revista de Antropologia*, n. 34, 1991. p. 149. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111296>>. Acesso em: 21 fev. 2018.

<sup>89</sup> AREIAS, Almir das. *O que é capoeira*. São Paulo. Braziliense, 1983. p. 18.

<sup>90</sup> GOULART, José Alípio. *Da fuga ao suicídio: aspectos da rebeldia dos escravos no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Conquista, 1972. p. 77.

<sup>91</sup> FERREIRA, Tarcísio José. O uso da capoeira como instrumento psicossocial de inclusão. *Revista Projeção e Docência*, vol. 3, n 232. 2012. p. 34. Disponível em: <<http://revista.faculdadeprojecao.edu.br/index.php/Projecao3/article/view/240>>. Acesso em: 22 fev. 2018.



agentes dessa prática cultural experimentaram em suas relações com o Estado Brasileiro”.<sup>92</sup> Em 11 de outubro de 1890 o Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil concedeu tratamento específico à capoeira, que de delito, contravenção, passou a ser considerada crime.<sup>93</sup> No Capítulo XIII do referido documento, intitulado “Dos Vadios e Capoeiras”, consta:

Art. 402 – Fazer nas ruas e praças públicas exercício de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação capoeiragem: andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal:

Pena – prisão celular por dois a seis meses. Parágrafo único – É considerada circunstância agravante pertencer o capoeira a algum bando ou malta. Aos chefes ou cabeças se imporá a pena em dobro. Art. 403 – No caso de reincidência será aplicada ao capoeira, no grau máximo a pena do art. 400 [Pena de um a três anos em colônias penais que se fundarem em ilhas marítimas, ou nas fronteiras do território nacional, podendo para esse fim serem aproveitados os presídios militares existentes]. Parágrafo único – Se for estrangeiro será deportado depois de cumprir a pena.

Art. 404 – Se nesses exercícios de capoeiragem perpetrar homicídios, praticar lesão corporal, ultrajar o pudor público e particular, e perturbar a ordem, a tranqüilidade e a segurança pública ou for encontrado com armas, incorrerá cumulativamente nas penas cominadas para tais crimes.<sup>94</sup>

Além disso, a história da capoeira, como a do Brasil, é cheia de controvérsias e lacunas criadas pela falta de documentos comprobatórios de suas práticas, ações, falhas e tantos outros dados necessários ao conhecimento consistente, tanto documental como histórico. Os autores relatam que “poucas vezes ela foi compreendida como uma prática cultural pertinente à sociedade brasileira”. E asseguram que a criminalização da capoeira em 1890 era “uma criminalização política tanto quanto social”.

A capoeira, já na década de 1930, ganha novos aspectos e sai da informalidade, passando a outro patamar da sociedade, recebendo uma credibilidade outrora negada, quando da sua marginalização. Era já uma capoeira reformulada e remodelada, com nova finalidade em sua prática, e novos praticantes.<sup>95</sup>

<sup>92</sup> OLIVEIRA, Josivaldo Pires de; LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. *Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da Capoeira no Brasil*. Salvador: Editora EDUFBA, 2009. p. 52.

<sup>93</sup> LIMA, Reginaldo Calado de. *Representações de capoeira: o cenário em escolas de Maringá*. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Maringá. Programa de Pós-Graduação em Educação. 2014. p. 73.

<sup>94</sup> SOARES, Carlos Eugênio Líbano. *A negregada instituição: os capoeiras na Corte imperial 1850-1890*. Rio de Janeiro: Access, 1999. p. 338.

<sup>95</sup> FERREIRA, 2012, p. 37.

Nesse contorno, a capoeira resgata a cidadania até então negada da prática do jogo como cultura trazida pelos descendentes africanos. O conceito de cidadania vai deixando de ser um mero direito de quem exerce a capoeira e conquista lugar numa discussão mais democrática.

A cidadania expressa um conjunto de direitos que dá à pessoa a possibilidade de participar ativamente da vida e do governo de seu povo. Quem não tem cidadania está marginalizado ou excluído da vida social e da tomada de decisões, ficando numa posição de inferioridade dentro do grupo social.<sup>96</sup>

A transformação da capoeira de prática criminosa em prática desportiva foi possível em virtude de uma “retórica nacionalista e de valorização das expressões culturais genuinamente brasileiras”.<sup>97</sup>

Em busca do resgate da cidadania, Ferreira relata que Mestre Bimba<sup>98</sup> buscou arquitetar uma capoeira que pudesse ser introduzida socialmente, fugindo do estigma marginal, e para isso usou subsídios ligados à influência do positivismo na educação física brasileira, a saber: o treinamento sistematizado, a fragmentação e a uniformização da técnica, além de uma plástica mais retilínea.<sup>99</sup> Tudo isso se fez acompanhar de uma maior preocupação com a eficiência e a eficácia da luta.

De forma análoga, segundo o autor, Mestre Pastinha<sup>100</sup> buscou edificar uma capoeira passível de inserção social, desmarginalizada, e para isso também a institucionalizou, tirando a sua prática das ruas e criando os centros esportivos, com sistematização do ensino, uniformes – como os abadá, camisas e cordas – e estatutos, porém amparada em um discurso de valorização dos antigos fundamentos e da tradição da capoeira. Nasce então a capoeira regional, de Mestre Bimba, e a

<sup>96</sup> DALLARI. *Direitos Humanos e Cidadania*. São Paulo: Moderna, 1998. p. 14.

<sup>97</sup> ARAÚJO, Paulo Coelho. *Abordagens sócio antropológicas da luta/jogo da capoeira*. Portugal: PUBLISMAI, 1997. p. 205.

<sup>98</sup> Manoel dos Reis Machado (1900-1974), capoeirista baiano conhecido por mestre Bimba, foi responsável pela criação do Centro de Cultura Física e Regional da Bahia, onde ensinava a capoeira. Protagonista de uma das mais importantes transformações sofridas pela prática da capoeira nas décadas de 1930 e 1940, representa hoje um dos mais significativos símbolos da cultura afro-brasileira.

<sup>99</sup> FERREIRA, 2012, p. 38-39.

<sup>100</sup> Vicente Ferreira Pastinha nasceu em 1889. Em 1941, fundou o Centro Esportivo de Capoeira Angola, situado no Largo do Pelourinho. Pastinha trabalhou bastante em prol da capoeira, representando o Brasil e a arte negra em vários países. Em abril de 1981, participou da última roda de capoeira de sua vida. Numa sexta-feira, 13 de novembro de 1981, Mestre Pastinha faleceu aos 92 anos, cego e paraplégico, vítima de uma parada cardíaca fatal.

capoeira Angola, de Mestre Pastinha.<sup>101</sup> Para que os objetivos de ambos os mestres fossem alcançados, Reis afirma:

A capoeira teria que sair das ruas e limitar-se ao espaço fechado das academias. Através da criação de uma pedagogia para ensino da Capoeira, os dois mestres (principalmente Bimba) envidaram esforços para ampliar o espectro social e étnico dos praticantes de capoeira, buscando a adesão das classes médias e brancas da cidade de Salvador.<sup>102</sup>

Lima relata que, embora represente a capoeira como esporte, Pastinha procurou conservá-la “pura”, repudiando a “mestiçagem” da luta inventada por Bimba e defendendo a origem africana da capoeira, que em solo africano chama-se *N’golo*, garantindo o papel de guardião da tradição e sua preservação, o que conquista a simpatia de grande parte da intelectualidade baiana, naquele momento comprometida com a africanidade da cultura brasileira, particularmente a baiana.<sup>103</sup>



---

<sup>101</sup> FERREIRA, 2012, p. 39.

<sup>102</sup> REIS, 2000, p. 96.

<sup>103</sup> LIMA, 2014, p. 80.



## 2 CAPOEIRA E RELIGIÃO

Neste capítulo abordamos os símbolos religiosos presentes na capoeira como os ritos, instrumentos e o próprio jogo, onde neste universo ritualizado o sagrado e o profano são expressos através do corpo, sendo este um elemento imprescindível à capoeira.

Realizamos estudo da capoeira Angola a partir de suas tradições do simbolismo, da cosmogonia e da compreensão do espiritual contidas nas culturas africanas, além disso, ressaltamos a importância do mestre pastinha para a capoeira.

### 2.1 Símbolos religiosos na capoeira

A capoeira, desde a sua expansão, é motivo de controvérsia entre os pesquisadores no que tange aos aspectos religiosos que ela apresenta e representa.

Os símbolos religiosos na capoeira estão envolvidos no jogo, nos ritos e nos instrumentos que servem de base para a prática. A ritualidade gestual presente no corpo da capoeira atual expressa e reconta essa historicidade em múltiplas linguagens e diversos momentos rituais.<sup>104</sup>

A capoeira é um ritual de luta, dança e jogo que funciona como um sistema recreativo, estético, ético e profissional. Mestres e aprendizes cultuam-na como um processo libertário no qual o indivíduo aprende a se posicionar no centro de si mesmo e a encontrar seu espaço de mediação, ou seja, seu ponto de referência na roda do jogo e do mundo. Para eles, a capoeira é a articulação de uma linguagem do corpo com os planos mental e espiritual.<sup>105</sup>

Nesse universo ritualizado, em que o sagrado e o profano mostram-se em todo o sistema, os valores são reinterpretados numa dinâmica expressa basicamente pelo corpo.<sup>106</sup>

<sup>104</sup> MAGALHÃES, A. S. S.; MELO, L. S. A. Corpo, Movimento, Rito e Festa na Capoeira e no candomblé em Belém do Pará. *Anais...* Simpósios da ABHR, 2012. Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/view/458>>. Acesso em: 05 mar. 2018.

<sup>105</sup> BARBOSA, Maria José Somerlate. Capoeira: A gramática do corpo e a dança das palavras. *Luso-Brazilian Review*. v. 42, n. 1, p. 1, 2005. Disponível em: <<http://cppa.com.br/attachments/File/Artigos/18230806.pdf>>. Acesso em: 06 mar. 2018.

<sup>106</sup> MAGALHÃES; MELO, 2012, p. 7.

É no movimento do corpo que vislumbro a possibilidade de uma leitura do mundo a partir da matriz africana, o que implica em decodificar uma filosofia que se movimenta no corpo e um corpo que se movimenta como cultura. O corpo ancestral é a reunião desta filosofia, desta cultura bem como o resultado desse movimento de contatos e conflitos que se deram e se dão na esfera social, política, religiosa e corporal.<sup>107</sup>

Segundo Reis, a ambiguidade profano-sagrada pode ser percebida, por exemplo, no berimbau, instrumento musical e maior autoridade no jogo, e nos seus toques musicais que misturam nomes de santos católicos com outros de pessoas e regiões geográficas, como: São Bento Pequeno, São Bento Grande, Santa Maria, Angola, Idalina, Benguela e Amazonas.<sup>108</sup>

Tal confluência, segundo Barbosa, se encontra também na nomenclatura dos movimentos corporais, na qual se destacam: bênção, cruz, aú e Santo Amaro, entre outros, e na própria musicalidade, que ressalta constantemente elementos do universo religioso.<sup>109</sup> Além disso, o berimbau guarda consigo uma memória histórica recriada constantemente no ambiente das rodas, como um instrumento que remete aos primórdios da capoeira, quando servia para avisar da chegada do senhor de engenho, e posteriormente, da polícia, com seus esquadrões de ataque aos candomblés e à capoeira.

Lara faz uma análise muito interessante da importância do corpo, assim como das expressões corporais, em específico da dança, denominada pela autora de “sacralidade gestual”.<sup>110</sup> Juntamente com a música e o mito, o corpo transforma-se em texto vivo, transformando o ritual em uma espécie de literatura para a sociedade do candomblé, recriando pelas danças o universo mitológico da religião.<sup>111</sup>

Nesse movimento, o Axé, ou Ngunzo, é um dos elementos fundamentais: “Axé é força vital, sem a qual, segundo a cosmovisão nagô, os seres não poderiam ter existência nem transformação”.<sup>112</sup> A mandinga é outro elemento de cunho religioso praticado na capoeira. No contexto da capoeira, diz ele, o termo mandinga

<sup>107</sup> OLIVEIRA, Eduardo David. *Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira*. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007. p. 101.

<sup>108</sup> REIS, 1997, p. 208.

<sup>109</sup> BARBOSA, 2005, p. 78.

<sup>110</sup> LARA, Larissa Michelle. *Dança de orixás e educação física: delineando perspectivas a partir dos rituais de candomblé*. *Revista da Educação Física*, UEM, Maringá, 2000. p. 60. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3792>>. Acesso em: 08 mar. 2018.

<sup>111</sup> MAGALHÃES; MELO, 2012, p. 4.

<sup>112</sup> SODRÉ, Muniz. *A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. p. 21

tanto designa a malícia do capoeirista durante o jogo – fazendo fintas, fingindo golpes e iludindo o adversário, preparando-o para um ataque certo – quanto guarda também certa dimensão sagrada, um vínculo do jogador da capoeira com o Axé, a energia vital e cósmica nas religiões afro-brasileiras.<sup>113</sup> O autor cita um depoimento do mestre Curió sobre o assunto:

Existe a mandinga da magia negra e a mandinga da malícia do capoeirista, quando ele se diz realmente capoeirista. E com especialidade quando ele é angoleiro. Não que não existam elementos da Regional que não sejam mandingueiros. Porque tem pessoas que se preocupam em chegar na roda, trocar pancada e dizer que é bom. Mas não é o bom. Mandinga é isso, é sagacidade, é você poder bater no adversário e não bater. Você mostrar que não bateu porque não quis. Não é você quebrar a boca do camarada, dar cabeçada, quebrar costela, dar murro na cara que é capoeira não.<sup>114</sup>

Sodré diz que a capoeira é uma arte mandingueira do corpo, um jogo que une passado, presente e futuro nos movimentos. Quando o capoeirista perfaz um movimento inventado por um mestre antecessor a ele, ou quando canta uma música que faz referência ao tempo dos negros escravos, está resgatando o passado e o trazendo para o presente.<sup>115</sup>

O corpo é um elemento imprescindível à capoeira e se faz presente desde os rituais originários da África à tradição oral, que, assim como em outros cultos tribais, é uma forma de evidenciar religião e capoeira. O candomblé, fundamentado na crença em divindades, de acordo com a herança africana, denominadas Orixás, Inkices ou Voduns, guarda a filosofia de que o homem deve estar em contato contínuo e harmônico com a natureza, a qual fala aos fiéis por vários tipos de mensagens e vibrações captadas pelo corpo.<sup>116</sup> Dessa forma, a capoeira é evidenciada dentro dos elementos do candomblé.

Rego refere-se à ligação entre o candomblé e a capoeira na Bahia, afirmando que a capoeira em nada dependia do candomblé ou das suas práticas.<sup>117</sup> Contudo, explana longamente a participação dos capoeiras baianos do início do século no candomblé e explica que alguns deles eram filhos de santos, exerciam

<sup>113</sup> VIEIRA, Luiz Renato. *O jogo de capoeira: cultura popular no Brasil*. Rio de Janeiro: Sprint, 1998. p. 112.

<sup>114</sup> VIEIRA, 1998, p. 113.

<sup>115</sup> SODRÉ, Muniz. *Mestre Bimba: corpo de mandinga*. Rio de Janeiro: Manati, 2002. p. 22.

<sup>116</sup> BARBARA, Rosa Maria. *A dança das Aiabas: dança corpo e cotidiano das mulheres do candomblé*. 2002. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo. 2002. p. 53.

<sup>117</sup> REGO 1968, p. 23.

cargos ou tinham estreita ligação com a prática. Muitas das contendas entre os capoeiristas eram resolvidas com ebós, trabalhos espirituais feitos pelas mães ou pelos pais de santos.

A capoeira também é vista debruçada na umbanda. A história da África diz respeito a ancestralidade, natureza, amor pela vida, trabalho, subsistência, amor a si próprio, respeito à fertilidade da terra, hierarquia, elementos presentes igualmente na umbanda e na capoeira, bem como o gosto pela prosperidade.<sup>118</sup>

A umbanda teve origem nas senzalas, em reuniões nas quais os escravos vindos da África louvavam os seus deuses com danças e cânticos e incorporavam espíritos<sup>119</sup>. Essa religião sofreu uma “desafricanização” no início do século XX e foi apresentada como manifestação da supremacia branca. Recentemente, essa religião e outras de raiz africana sofrem um processo de “reafricanização”. Nascimento identifica e procura as aproximações entre a umbanda e a capoeira:

Parto do pressuposto de que existe uma mobilidade dos corpos que transitam entre a roda de capoeira como também na gira de Umbanda. Os mesmos corpos buscam o equilíbrio, não só alcançáveis através dos invólucros orgânicos que são chamados de corpo físico, mas por algo mais que os transcende, tanto na roda como na gira. Recordo que a roda, local onde se desenrola o jogo de capoeira, e a gira, espaço onde os iniciados recebem entidades sagradas, são locais de performatizações e ritualidades expressas pela atuação, na qual os corpos supostamente deixam-se possuir por personagens. Essa sensação de transcendência, inicialmente experimentada na capoeira, serviu de apanágio para outras procuras que alguns capoeiristas ousaram realizar.<sup>120</sup>

As Irmandades negras tornaram-se espaços de resistência que permitiram aos negros escravos garantir a organização dos grupos e comunidades e, conseqüentemente, a afirmação existencial para a preservação de seus valores culturais e identitários.<sup>121</sup> Elas favoreciam o desenvolvimento de cultos e ações que valorizavam tanto o sistema escravocrata quanto a organização das comunidades e grupos sociais formados por negros.<sup>122</sup> A capoeira é uma dessas formas de

<sup>118</sup> SIQUEIRA, M. I. *N'assysim: a íris dos olhos da alma africana: saberes africanos no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010. p. 32.

<sup>119</sup> BALBINOT, Marino Luiz. *Da África pré-colonial à lei 10.639/2003*. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, RS. 2015. p. 25.

<sup>120</sup> NASCIMENTO, 2013, p. 2.

<sup>121</sup> RAMOS, Jarbas Siqueira. O corpo-encruzilhada como experiência performativa no ritual congadeiro. *Revista Brasileira de Estudos da Presença*. v. 7, n. 2, p. 298, 2017. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/presenca/article/view/66605>>. Acesso em: 26 fev. 2018.

<sup>122</sup> RAMOS, 2017, p. 299.

expressão de comunidades negras efetivadas em diversos locais, inclusive em terreiros e centros criados para tal finalidade.

Os terreiros e centros são os locais dos cultos, onde os praticantes cantam músicas e usam instrumentos musicais como o atabaque.<sup>123</sup> Ao longo do tempo, a umbanda passou por transformações e foi incorporando outras religiões, criando ramificações. É uma religião natural que segue ensinamentos de várias vertentes da humanidade, trazendo lições de amor e fraternidade. É considerada uma religião brasileira, mas com um sincretismo que mistura o catolicismo, os espíritos de origem indígenas e os orixás africanos.<sup>124</sup>

A tradição oral, também de grande importância, é a cultura material e a tradição transmitidas oralmente de uma geração para outra. Na umbanda e na capoeira tudo é passado oralmente por meio de pontos ou toadas (umbanda) e ladainhas e corridos (capoeira).<sup>125</sup> “A palavra oral é plena de significados, de sentidos, de valores culturais úteis à educação da pessoa”.<sup>126</sup> O respeito aos ancestrais comunica-se com a África no que diz respeito aos preceitos e às lições ancestrais capazes de reviver valores.<sup>127</sup> O terreiro é encarado ainda como resistência ao colonialismo e ao capitalismo, mantendo-se fiel aos seus valores específicos.<sup>128</sup>

O conhecimento adquirido no Terreiro pela concepção e pela prática destas expressões transcendentais e a vida religiosa, simbólica, abre caminhos para o domínio de habilidades artístico-culturais que representam bens simbólicos.<sup>129</sup>

O culto à ancestralidade aparece também nos rituais religiosos de candomblé e umbanda por meio do transe (e também em outros elementos), em que o passado atua no tempo presente mediado pelo corpo.<sup>130</sup> A capoeira também evidencia esse símbolo religioso:

Presente a ideia de ‘incorporação’, no entanto não exatamente como algo ‘que vem de fora para dentro’, mas na expressão de ações criadas em corpos que atuaram no passado e que foram eternizados no tempo pela

<sup>123</sup> BALBINOT, 2015, p. 26.

<sup>124</sup> BALBINOT, 2015, p. 27.

<sup>125</sup> SIQUEIRA, 2010, p. 79.

<sup>126</sup> SIQUEIRA, 2010, p. 25.

<sup>127</sup> SIQUEIRA, 2010, p. 73.

<sup>128</sup> SIQUEIRA, 2010, p. 85.

<sup>129</sup> SIQUEIRA, 2010, p. 114.

<sup>130</sup> LOPES, Nei. *Logunedé: santo menino que velho respeita*. Rio de Janeiro: Pallas, 2000. p. 56.



tradição e que no momento da roda ‘tomam corpo’. Aqui se quer chamar a atenção para uma relação entre ‘corpo no presente’ e ‘corpo do passado’ (ancestral) que tanto na roda de capoeira como nos rituais religiosos passam por uma ideia de permissão e entrega corporal muito grande.<sup>131</sup>

Em concordância com esse pensamento, Abib afirma que a religiosidade da capoeira se manifesta pelos seus rituais, cânticos, celebração e pela memória dos seus ancestrais, da sua ligação com esse passado de luta e sofrimento.<sup>132</sup> Ainda segundo o autor, a dimensão do “sagrado” na capoeira se mostra nesses aspectos, e por isso se pode dizer que a religiosidade é um componente importante da capoeira, sobretudo da capoeira Angola, embora muitos grupos de capoeira regional também valorizem essa dimensão.

Esses saberes populares que determinam a religiosidade presente na capoeira expressam um vasto campo de significados e de suas ligações com o “sagrado”, assim como muitas outras manifestações e tradições presentes no universo da cultura popular no Brasil.<sup>133</sup>

A encruzilhada é o lugar simbólico em que a capoeira Angola e tantas outras manifestações populares de matriz negro-africana se inscrevem como *performance* ritualística, atualizando o tempo passado no presente, num vínculo orgânico com a ancestralidade.<sup>134</sup> Ainda segundo os autores, o culto à ancestralidade aparece também nos rituais religiosos de candomblé e umbanda por meio do transe (e também em outros elementos) em que o passado atua no tempo presente mediado pelo corpo.

A encruzilhada, locus tangencial, é aqui assinalada como instância simbólica e metonímica, da qual se processam vias diversas de elaborações discursivas, motivadas pelos próprios discursos que a coabitam. Da esfera do rito e, portanto, da performance, é o lugar radial de centramento e descentramento, interseções, influências e divergências, fusões e rupturas, multiplicidade e convergências, unidade e pluralidade, origem e disseminação. Operadora de linguagens e de discursos, a encruzilhada, como um lugar terceiro, é geratriz de produção, as noções de sujeito híbrido, mestiço e liminar, articulado pela crítica pós-colonial, podem ser pensadas como indicativas de efeitos de processos e cruzamentos discursivos diversos, intertextuais e interculturais.<sup>135</sup>

<sup>131</sup> LOPES, 2000, p. 60.

<sup>132</sup> ABIB, 2005, p. 93.

<sup>133</sup> ABIB, 2005, p. 98.

<sup>134</sup> SILVA, Renata de Lima; NGUZ'TALA, Tata. Capoeira angola: imaginário, corpo e mito. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, São Paulo, 2012. p. 3.

<sup>135</sup> MARTINS, Leda Maria. *Afrofotografias da memória: o reinado do rosário do jatobá*. São Paulo: Perspectiva, 1997. p. 28.



Silva e Nguz'tala, corroborando o pensamento de Leda Maria, enfatizam que a encruzilhada, a princípio, encontro de ruas ou trilhas onde se faz oferenda a Exu e sua falange, é uma metáfora da noção espaço-temporal que atua no sistema filosófico-religioso de origem ioruba.<sup>136</sup> Na mitologia dos orixás, a encruzilhada é onde reina o princípio dinâmico que medeia todos os atos de criação e interpretação do conhecimento - Exu. Para as autoras, a mesma concepção de Exu aplica-se a divindades oriundas de outras etnias como, por exemplo, o Pambu-njila, cultuado como senhor dos caminhos e encruzilhadas nos candomblés de origem bantu.

Outro elemento da capoeira que remete esse jogo à religiosidade é o berimbau, principal instrumento da roda e responsável pela música que rege o rito. O berimbau tem várias denominações: em sua terra natal é conhecido como urucungo, tendo para os negros escravos o poder de comunicação com os espíritos dos mortos e antepassados, além de curar o banzo.<sup>137</sup>

Tanto o berimbau quanto atabaque estão ligados à cultura afro-brasileira. O atabaque, por exemplo, é utilizado nos rituais da umbanda e de outras religiões afro-brasileiras no intuito de invocar os Orixás.<sup>138</sup> O atabaque é um instrumento de percussão usado em cerimônias afro-brasileiras. Segundo Rego, “o termo atabaque é de origem árabe, sendo aceita por unanimidade pelos arabistas etimólogos”.<sup>139</sup>

Embora os africanos já conhecessem o atabaque e até tenham vindo da África algumas espécies, creio que ao chegarem ao Brasil, já o encontrassem trazido por mãos portuguesas, para ser usado em festas e procissões religiosas em circunstâncias idênticas ao pandeiro e o adufe.<sup>140</sup>

Assunção refere que a possível ligação entre os berimbaus utilizados na orquestra da capoeira Angola - gunga, médio e viola - teriam uma relação, inversa no caso, à função musical dos três tambores - rum, rumpi e lê - utilizados no candomblé.<sup>141</sup> Em Cuba é conhecido como burumbumba, possuidor de poderes mágicos utilizados em rituais religiosos.<sup>142</sup> Ainda segundo Columá, no Brasil é

<sup>136</sup> SILVA; NGUZ'TALA, 2012, p. 4.

<sup>137</sup> COLUMÁ, Jorge Felipe; CHAVES, Simone Freitas. O sagrado no jogo de capoeira. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v.10, n.1, p. 169-182, 2013, p. 171. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/ojs/index.php/tecap/article/view/10180>>. Acesso em: 02 mar. 2018.

<sup>138</sup> SILVA, 2017, p. 3.

<sup>139</sup> REGO, 1968, p. 83.

<sup>140</sup> REGO, 1968, p. 85.

<sup>141</sup> ASSUNÇÃO, 2005, p. 40.

<sup>142</sup> CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 11. ed. São Paulo: Global, 2001. p. 2.

conhecido como berimbau de barriga, diferente do berimbau de boca, atualmente em desuso.<sup>143</sup> O berimbau está diretamente ligado ao jogo de capoeira e, segundo Silva, “hoje é quase impossível conceber uma roda de capoeira sem o uso ou toque do berimbau, pois este se tornou um símbolo da capoeira”.<sup>144</sup>

O berimbau gunga, além de funcionar na roda como norteador do ritmo aplicado à capoeira, assemelha-se, por analogia simbólica, a uma espécie de cetro real, pois em posse dele o mestre comanda a roda escolhendo os participantes e o ritmo para a contenda. Esse berimbau é tão importante para o ritual da roda, que apenas mestres ou capoeiristas antigos podem manuseá-lo. Segundo os praticantes, é nele que está o segredo do axé na roda de capoeira, pois é uma espécie de coração da orquestra e, se mal manuseado, pode desandar todo o ritual através do ritmo ou da energia, justificando a necessidade de algum mestre ou capoeirista mais experiente no comando do berimbau gunga.<sup>145</sup>

Abib relaciona o som do berimbau à “sensação de que algo realmente sagrado está acontecendo” na roda.<sup>146</sup> Silva reforça esse entendimento, na medida em que o considera sagrado e venerado por todos, tanto na modalidade Angola quanto na regional, e no âmbito religioso, protege e “ouve” todos os capoeiristas que nele acreditam.<sup>147</sup>

O berimbau passa a ser entendido como um objeto envolto em uma aura “sagrada”, por ser via de conexão entre os capoeiristas e seus mestres do passado, funcionando como “antena” que conecta homens e entidades espirituais, tal qual funciona o atabaque para o candomblé.<sup>148</sup>

Antigamente o conjunto de tocadores dos instrumentos musicais usados na roda de capoeira era denominado charanga, mas atualmente essa formação de músicos é conhecida por bateria<sup>149</sup>. Yahn<sup>150</sup> ressalta que, além dos três berimbaus e dois pandeiros, o tambor também aparece na literatura de *Gil Vicente, no Triunfo do Inverno*:

<sup>143</sup> COLUMÁ; CHAVES, 2013, p. 174.

<sup>144</sup> SILVA, 2003, p. 92.

<sup>145</sup> COLUMÁ; CHAVES, 2013, p. 174.

<sup>146</sup> ABID, 2004, p. 10.

<sup>147</sup> SILVA, 2003, p. 93.

<sup>148</sup> BRITO, Celso. A regulação da instanciamento religiosa na capoeira angola globalizada: a relação entre o Grupo Irmãos Guerreiros e o Ilê Obá Silekê de Berlim, Alemanha. In: 30ª REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 2016, João Pessoa - PB. p. 2. Disponível em: <[www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/download/26829/pdf](http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/download/26829/pdf)>. Acesso em: 17 fev. 2018.

<sup>149</sup> YAHN, Carla Alves de Carvalho. *Versos, veredas e vadição: uma viagem no mundo da Capoeira Angola*. 2012. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista. 2012. p. 39.

<sup>150</sup> YAHN, 2012, p. 39.

Em portugal vi eu já  
em cada casa pandeiro,  
e gaita em cada palheiro,  
e de vinte anos a Ca  
não há hi gaita nem gaitero.<sup>151</sup>

Segundo Rego, “o pandeiro é um dos instrumentos da liturgia nagô de Cuba, havendo até pandeiros específicos para orixás, como é o caso de Exu”.<sup>152</sup> Há cantigas que tratam também dos pandeiros, como esta:

Oh Luanda eh pandeiro  
Oh Luanda eh mará  
Maria samba deitada  
Tereza samba de pé  
É lá no cais da Bahia  
Que se nem pode passar  
Na roda da capoeira  
Não tem lêlê não tem laiá [...] <sup>153</sup>

Outros símbolos que justificam a capoeira como rito religioso são os colares que os capoeiristas utilizam. Signos de pertencimento afro-religiosos, como “colares de contas” (de Ogum e Oxum), sempre foram utilizados durante os rituais de roda de capoeira, mas dividiam espaço com colares de “números de kins” (“serpente magnética espectral”), enquanto imagens de orixás dividiam espaço com imagens de deuses hindus (Shiva, Ganesha e Buda).<sup>154</sup>

## 2.2 Capoeira Angola: o início das manifestações religiosas

As tradições do simbolismo, da cosmogonia e da compreensão do espiritual contidas nas culturas africanas amalgamadas no Brasil foram embutidas, de várias maneiras, nos chamados “fundamentos” – elementos formativos – da capoeira Angola, assim como algumas imagens das apropriações simbólicas no convívio com catolicismo e com a “pajelança” nativa.<sup>155</sup>

<sup>151</sup> VICENTE, Gil. Triunfo do Inverno. Quimera: Lisboa, 1943. p. 261-262.

<sup>152</sup> REGO, 1968, p. 80.

<sup>153</sup> Cantiga de domínio público que pode apresentar diversas variantes.

<sup>154</sup> BRITO, 2016, p. 3.

<sup>155</sup> GALLEP, Cristiano M. *Foi agora que eu cheguei: a capoeira Angola e o desenvolvimento humano*. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso - Seminário de Formação em Pedagogia Waldorf Sítio das Fontes. Jaguariúna, São Paulo. 2009. p. 12.

Um dos pilares do imaginário social da capoeira repousa exatamente na religiosidade. O berimbau e o atabaque emprestam seus atributos sagrados e são reverenciados na roda; e seus cânticos narram casos e lendas de deuses e orixás, que, mesclados ao catolicismo, compõem o sincretismo de uma religiosidade peculiar às manifestações culturais dos africanos e seus descendentes no Brasil.<sup>156</sup>

Acredita-se que a capoeira Angola é originária de um ritual de passagem: a Dança da Zebra ou *N'golo*, originária do povo Mucope, do Sul de Angola, acontecimento marcado pela *Efundula* (festa da puberdade), uma cerimônia violenta que marcava a passagem da adolescência para a vida adulta, quando o jovem estava pronto para o casamento.<sup>157</sup> Nessa iniciação, os vencedores tinham como prêmio o direito de escolher as meninas da tribo que ficavam moças. Segundo Mestre Bola Sete, “ainda hoje, existe um ritual semelhante na África, em Katagun (Nigéria)”.<sup>158</sup>

Campos, em concordância com Gildo Alfinete, um dos alunos mais importantes de Pastinha, define a capoeira Angola como “uma das mais ricas manifestações da cultura popular negra da Bahia.”<sup>159</sup> Além de reunir elementos de música, dança, poesia e artes cênicas, carrega os fundamentos africanos de uma relação humana solidária”.

Para Pires, “[...] a Capoeira Angola é tida como tradicional, não porque obedeça a uma lógica da capoeira praticada pelos predecessores diretos de Mestre Pastinha, mas, sim, pelo fato de a Capoeira Angola ter algo a ver com a praticada pelos africanos”.<sup>160</sup>

Na visão de Capoeira, na Academia de Pastinha praticava-se o estilo tradicional, denominado capoeira Angola.<sup>161</sup> Em seu livro *Capoeira Angola*, Pastinha assevera: “O nome Capoeira Angola é consequência de terem sido os escravos angolanos, na Bahia, os que mais se destacaram na sua prática.”<sup>162</sup> Para o autor, a capoeira Angola se assemelha a uma graciosa dança cuja ginga maliciosa mostra a extraordinária flexibilidade dos capoeiristas. Mas, a capoeira Angola é, antes de tudo, luta violenta. Oliveira, em seu livro *A Capoeira Angola na Bahia*, afirma:

<sup>156</sup> COLUMÁ; CHAVES, 2013, p. 1.

<sup>157</sup> MESTRE BOLA SETE, 2005, p. 19.

<sup>158</sup> MESTRE BOLA SETE, 2005, p. 21.

<sup>159</sup> CAMPOS, 2009, p. 41.

<sup>160</sup> PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. *Bimba, Pastinha e Besouro Mangangá: três personagens da capoeira baiana*. Tocantins: NEAB, 2002. p. 84.

<sup>161</sup> CAPOEIRA, Nestor. *Capoeira: pequeno manual do jogador*. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 21.

<sup>162</sup> PASTINHA, 1988, p. 27.

O mestre angoleiro procura passar para o seu discípulo o culto aos rituais e preceitos existentes na capoeira angola e ao mesmo tempo prepará-lo para defender-se sem interferir no seu potencial de criatividade, dotando-o de uma grande dose de malícia, baseada na calma e na velocidade.<sup>163</sup>

Pode-se, portanto, vincular a origem da capoeira Angola a elementos culturais tradicionais africanos, rearranjados no Brasil no contexto da escravidão, atribuindo-lhe caráter tradicional e popular, conforme cita Diniz.<sup>164</sup> Por ter resistido em seus fundamentos tradicionais e suas raízes culturais, é considerada muito mais do que uma mera modalidade esportiva. Na capoeira Angola o cantador da roda é uma espécie de *griot*, indivíduo comprometido com a preservação e a transmissão de histórias, fatos históricos, conhecimentos e canções do povo, mantendo através das gerações as tradições orais.<sup>165</sup>

Segundo Mattez, a capoeira angolana foi idealizada pelo Mestre Vicente Ferreira Pastinha, que nasceu em 1889 e, como já foi dito, num momento em que a capoeira era muito perseguida, o que influenciou o modo de esse mestre praticar essa luta.<sup>166</sup> O autor enfatiza que Pastinha começou a praticar capoeira muito jovem, e teve como mestre um negro de Angola chamado Benedito. Este via mestre Pastinha apanhar constantemente de um garoto mais velho, o que levou o mestre a iniciar-se na capoeira como forma de defesa pessoal.

Com 12 anos de idade, o futuro mestre se inscreveu na Escola de Aprendizes de Marinheiros e mais tarde, entrou para a Marinha, onde permaneceu até os 20 anos. Deixou a instituição em 1910, e pouco depois abriu sua primeira academia, no espaço onde funcionava uma oficina de ciclistas. Em 1922, sua academia mudou-se para perto de algumas pensões frequentadas por estudantes universitários, alguns dos quais começaram a frequentar suas aulas.<sup>167</sup>

<sup>163</sup> OLIVEIRA, José L. *A capoeira angola na Bahia*. Salvador: EGBA, 1989. p. 179.

<sup>164</sup> DINIZ, Flávia Cachinesi. *Capoeira Angola: identidade e trânsito musical*. 2011. Dissertação (Mestrado) - Escola de Música da Universidade Federal da Bahia-UFBA, Salvador. 2011, p. 23.

<sup>165</sup> YAHN, Carla Alves de Carvalho. Um canto de luta e liberdade ecoa na capoeira angola. *Revista Crioula*, São Paulo, n. 7, 2010, p. 260. Disponível em: <<http://www.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/ColoquioLetras/carlaalves.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2018.

<sup>166</sup> MATTEZ, Eduardo Corrêa. *Estudo sobre o ensino da capoeira*. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2007, p. 43.

<sup>167</sup> VASSALLO, Simone Pondé. *Capoeiras e intelectuais: a construção coletiva da capoeira "Autêntica"*. Rio de Janeiro: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 32, p. 106-124, 2003. p. 106. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2200>>. Acesso em: 12 fev. 2018.



Da década de 1930 em diante, as rodas de capoeira que aconteciam no interior dos largos e nas festas, como a de Nossa Senhora da Conceição da Praia, a de Santa Bárbara, a de Santana, no Rio Vermelho, a de Nosso Senhor dos Navegantes, à véspera do Ano Novo, hoje conhecida como a festa da Boa Viagem, do ciclo do Bonfim, do presente a Iemanjá, vão ser constantemente lembradas pelos folcloristas e memorialistas desse período.<sup>168</sup>

Capoeira enfatizava o espaço profano das festas religiosas e a circularidade cultural e religiosa do povo baiano.<sup>169</sup> Já de acordo com Pastinha:

Em cada Distrito tinha um mestre para ensinar e nos dias de festa, era de regras prestar contas, mostra os alunos, mostrar coisa nova, truques, enredo improvisados, e o mestre geral classificava com uma argola, era o prêmio, era de grande valor, prova de merecimento, Angola ou gêge, dentro do jogo tudo era segredo.<sup>170</sup>

Segundo Pires, “Mestre Pastinha desempenhou um papel de verdadeiro líder, orientando politicamente os capoeiristas, estimulando-os para que formassem um grande centro de Capoeira Angola”.<sup>171</sup> Defendia, ainda, a unidade em torno da capoeira Angola e especialmente a reconhecia como um tipo de esporte brasileiro.

Para Pires, Pastinha teve como meta expandir a capoeira Angola, popularizando-a entre a população baiana como esporte, retirando-a da situação de prática cultural típica da escravidão, quando, segundo ele, a violência entre os praticantes teria chegado aos extremos.<sup>172</sup> Dessa maneira, o Mestre Pastinha situava a capoeira Angola como elemento cultural da Bahia.

Mestre Pastinha revela o seu carinho, dedicação e expressivo amor pela capoeira Angola ao mostrar grandeza na sua prática, conforme afirma Decânio:

**Pastinha proclama...**

[...] a soberania do espírito sobre o corpo e a razão. A presença do divino que habita o temporal. Integrando o SER. Pela primeira vez encontramos um Mestre de capoeira preocupado com os aspectos espirituais, metafísicos dos capoeiristas abrindo o caminho para o uso pedagógico e terapêutico da nossa *arte-e-manha*. Reconhece a presença da parte espiritual como componente do comportamento dos capoeiristas desfazendo os preconceitos de capadócio de malandro, de desordeiro com o qual a classe dominante tentou estigmatizar e sequestrar a capoeira e seus praticantes. A capoeira baiana é, sobretudo, um modo de viver, uma filosofia baseada na

<sup>168</sup> MACEDO, Ana Paula Rezende. *As poesias da dança da Zebra: capoeira Angola e religiosidade*. 2004. Dissertação (Mestrado) - INHIS/UFU, Uberlândia, 2004. p. 4.

<sup>169</sup> MACEDO, 2004, p. 5.

<sup>170</sup> DECÂNIO, 1996, p. 33.

<sup>171</sup> PIRES, 2002, p. 82.

<sup>172</sup> PIRES, 2002, p. 84.



liberdade individual, na alegria, no respeito, na cooperação, na camaradagem, no espírito comunitário integrando assim o homem na sociedade[...]<sup>173</sup>

Mestre Pastinha refere-se à capoeira Angola como a legítima capoeira, segundo ele originada diretamente dos africanos aportados no Brasil. Chama a atenção para o seu caráter de luta diferente, de resistência baseada nos golpes e contragolpes que servem como excelente defesa pessoal, mas não faz apologia da violência, mesmo quando exalta a sua praticidade:<sup>174</sup>

[...] não aprender a capoeira para a valentia, mas, sim, para a defesa de sua integridade física, pois um dia pode ter necessidade de usá-la para sua defesa. Cujas defesas são contra qualquer agressor, que lhe venha ao encontro com navalha, faca, foice e outras armas.<sup>175</sup>

A capoeira Angola é quase ritualística, com preceitos que devem ser seguidos com muita atenção. No jogo de Angola, os movimentos são lentos, mas traiçoeiros<sup>176</sup>. É um jogo de muita malícia, entendida como capacidade de enganar o parceiro fingindo aplicar um golpe quando desfere outro onde menos se espera e no momento em que menos se espera.

No corpo e na relação construída na roda, o capoeira encontra em si e no outro o animal e o espiritual, o terreno e o transcendente. Sente que precisa se equilibrar entre esses polos, e nisso se fortalecer, para que seu jogo, “sua vida”, se desenvolva.<sup>177</sup> O corpo é aqui compreendido como lugar sagrado, expressão materializada do ser, que deve, portanto, ser cuidado autonomamente por cada indivíduo.<sup>178</sup> O autor ainda ressalta que esse mesmo corpo, em seu movimento e em sua relação com os outros, é que é capaz de formar um corpo maior, um movimento cultural, político e social.

Nesse movimento, o Axé, ou *Ngunzo*, é um dos elementos fundamentais: ‘Axé é força vital, sem a qual, segundo a cosmovisão nagô, os seres não poderiam ter existência nem transformação’. O autor diz que essa noção de axé não se limita à cosmovisão nagô, mas também é referência ao povo Banto e existe nos animais, minerais, plantas, seres humanos (vivos e

<sup>173</sup> DECANIO FILHO, 1996, p. 35

<sup>174</sup> CAMPOS, 2009, p. 41.

<sup>175</sup> DECANIO FILHO, p. 40.

<sup>176</sup> MESTRE BOLA SETE, 2005, p. 26.

<sup>177</sup> GALLEP, 2009, p. 14.

<sup>178</sup> MACHADO, Sara Abreu da Mata; ARAÚJO, Rosângela Costa. Capoeira Angola, corpo e ancestralidade: por uma educação libertadora. *Horizontes*, v. 33, n. 2, p. 99-112, 2015. p. 100. Disponível em: <<http://132.248.9.34/hevila/HorizontesBragancaPaulista/2015/vol33/no2/10.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

mortos), sendo preciso o contato de dois seres para a sua formação. Ele complementa: 'sendo força, mantém-se, cresce, diminui, transmite-se em função da relação (ontológica) do indivíduo com os princípios cósmicos (orixás), com os irmãos de linhagem, com os ancestrais, com os descendentes'.<sup>179</sup>

No âmbito da capoeira Angola, esses fatores, tão fundamentais, só podem ser conseguidos pela experiência. Mestre Pastinha dizia que o bom capoeira não suja a roupa e nem perde o chapéu. Não precisa efetivamente acertar o companheiro, mas parar o pé no momento certo, mostrando-lhe a possibilidade de atingi-lo, caso desejasse.

Por resistir em suas raízes culturais e em seus fundamentos tradicionais, a capoeira Angola é considerada muito mais do que uma mera modalidade esportiva, e como dizia o próprio Mestre Pastinha, "pratico a verdadeira capoeira de Angola e aqui os homens aprendem a ser leais e justos. A lei de Angola, que herdei de meus avós, é a lei da liberdade" (Escola de Capoeira "Os Angoleiros do Sertão").<sup>180</sup>

A capoeira Angola era tão organizada pelo mestre Pastinha que os praticantes construíam identidades. Segundo Brito, o processo de construção da identidade do angoleiro, em oposição à identidade do praticante de capoeira regional ou contemporânea, iniciado durante o conflito simbólico entre mestre Pastinha e mestre Bimba, na década de 1930-40, instaurou um conjunto de sinais diacríticos que deram origem aos fundamentos da capoeira Angola que, em uma primeira dimensão, servem para diferenciar os angoleiros dos praticantes de capoeira regional/contemporânea, independentemente das linhagens no seu interior.<sup>181</sup>

Existem então, dois princípios que agem nesse processo: o primeiro é a instauração da identidade da comunidade da Capoeira Angola por meio de uma ligação qualquer a uma linhagem tradicional. O segundo se dá a partir do momento dessa *filiação* ou *apadrinhamento*, em que diferenças sutis devem ser instauradas para que o grupo tenha uma identidade própria no interior da comunidade mais ampla, o que parece indicar que há limiares nesse processo que delimitam as diferenças e as identidades. Em outras palavras, um grupo não pode ser tão diferente a ponto de não fazer parte da comunidade mais ampla, e ao mesmo tempo, ele não pode ser exatamente igual a ponto de se fundir totalmente a outro grupo.<sup>182</sup>

<sup>179</sup> SODRÉ, 2002, p. 129.

<sup>180</sup> YAHN, 2010, p. 137.

<sup>181</sup> BRITO, Celso de. *A roda do mundo: os fundamentos da capoeira Angola globalizada*. 2010. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010. p. 137.

<sup>182</sup> BRITO, 2010, p. 138.

Os grupos, por sua vez, reconhecem-se como pertencentes a determinada linhagem, guardando dos mestres das gerações passadas os ensinamentos, filosofias e formas de trabalho.<sup>183</sup> Outro elemento que favorece a compreensão do sentido dos grupos ou comunidades de capoeira Angola que se identificam com a matriz cultural africana é a concepção do *Ngunzo*, *Axé*, a energia ou força vital, um “princípio-chave da cosmovisão africana”.<sup>184</sup> Ele diz que “essas forças não existem (tampouco) como unidades individualizadas, isoladas, mas sempre em conexão e em exercício de influência umas sobre as outras”.

Esse sentido de interação entre as forças pode ser visto na realização dos rituais da roda de capoeira, onde a participação de cada um afeta o todo do ritual e são criadas as condições para a transmissão e ‘renovação’ do *Ngunzo*. Esse princípio relacional da força é o que traz, também, o sentido de comunidade, com atenção para a importância da inter-relação entre seus membros.<sup>185</sup>

Os grupos de capoeira muitas vezes levam o nome de santos católicos ou orixás da umbanda e candomblé, como Irmãos Unidos de São Jorge, Capoarte de Obaluaê, São Bento Pequeno e Inaiê de Iaoca, entre outros que figuram no universo da capoeira.<sup>186</sup> O autor ainda ressalta que em alguns grupos encontram-se nos rituais pontos e códigos próprios de cultos religiosos afro-brasileiros. Para Brito,<sup>187</sup> é inegável a ligação da capoeira com a religião, vinculadas pelas cantigas. Ele menciona santos católicos e orixás da cultura nagô, com o que concorda Coelho, observando:

O que se destaca no caso das religiões africanas é o processo, que se aproxima do ritmo da capoeira: a maioria dos pontos, cantos em louvor aos orixás cantados nos terreiros, pode ser cantada também em rodas de capoeira. Mas não é só neste aspecto que existe uma proximidade entre a religião e a capoeira: o meio social é o mesmo e seus praticantes também. Porém ainda mais importante do que a similaridade do meio e do agente é o processo iniciático que está presente em ambas, processo que as torna coautoras de um único drama.<sup>188</sup>

Além da inter-relação, a identidade, os cânticos, as mandingas e todos os encantos da capoeira Angola buscam traços na cultura afrodescendente que lhe

<sup>183</sup> MACHADO, 2015, p. 102.

<sup>184</sup> SODRÉ, 1988, p. 87.

<sup>185</sup> MACHADO, 2015, p. 102.

<sup>186</sup> COLUMÁ; CHAVES, 2013, p. 176.

<sup>187</sup> BRITO, Elton Pereira. *Capoeira e religião*. Goiânia: Graset, 2004. p. 53.

<sup>188</sup> COELHO, Marcus Nascimento. *Linguagem corporal: o imaginário do corpo*. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 2000. p. 80.

serve de base até os dias atuais. Segundo Silva, a capoeira Angola busca maior aproximação com a cultura africana, mantendo-se a preocupação por parte dos angoleiros em manter algumas características na forma como estavam acostumados a praticar a capoeira, conservando sua tradição.<sup>189</sup>

- A musicalidade é mais valorizada, pois adquire a função de narrar o jogo, sendo executada pela charanga, composta por três berimbaus (berra-boi, médio e violinha), um atabaque, um agogô, um reco-reco e um ou dois pandeiros;
- Uma maior participação de instrumentos ligados à herança cultural africana (o atabaque, o reco-reco, o agogô);
- Não adota o ritual de formatura. Sendo assim, o aluno está apto a exercer a função de mestre através de sua experiência na capoeira Angola e seu reconhecimento pela comunidade capoeirista;
- O berimbau é tocado com os toques característicos do jogo de Angola;
- A ginga é designada como ponto principal para o desenvolvimento da malícia do capoeirista e a teatralização é um elemento fundamental das jogadas, considerada como a mandinga do capoeirista, acrescentando a ela uma conotação por vezes lúdica, identificando-a com o termo vadiagem.<sup>190</sup>

A capoeira Angola ressurgiu, portanto, sobretudo com uma perspectiva de resgate da ancestralidade africana, com estética e técnica distintas das artes marciais orientais. Descrita como mais lenta e maliciosa e menos acrobática, ela valoriza uma prática mais ritualística e enfoca o conteúdo filosófico<sup>191</sup>. Dessa forma, a capoeira Angola e os capoeiristas conseguiram obter maior reconhecimento e respeito, conquistando espaço na sociedade atual.

### 2.3 Ritos e jogos nas rodas de capoeira

Segundo relata Macedo, a capoeira ritual de que se trata aqui existe apenas na medida em que, junto com o jogo, composto de movimentos físicos e da “bateria” ou “orquestra”, isto é, dos instrumentos musicais, principalmente o berimbau, haja uma gama de elementos simbólicos que evidenciem preceitos, fundamentos, regras e, por isso mesmo, permaneça ao longo dos anos.<sup>192</sup>

<sup>189</sup> SILVA, P. C. C. *A Educação Física na roda de capoeira... entre a tradição e a globalização*. Campinas, 2002. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2002, p. 120.

<sup>190</sup> SILVA, Ana Luísa. “Iê Viva a Todos os Mestres!”: A Capoeira Angola e a Importância do Mestre Popular. *Revista Três [...] Pontos*, Dossiê Conexões Africanas. 2016. p. 55. Disponível em: <<https://tst01.lcc.ufmg.br/seer/index.php/index/search/titles?searchPage=41>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

<sup>191</sup> SILVA, 2002, p. 123.

<sup>192</sup> MACEDO, 2004, p. 5.

A roda de capoeira é um círculo de 2,5 metros de raio, circundado por outro, à distância de dez centímetros do primeiro, afirma Reis.<sup>193</sup> A roda descrita pela autora remete às feitas em recintos fechados ou academias, segundo Columá e Chaves, pois nas rodas compostas em locais informais ou na rua, como manda a tradição dos antigos mestres, dificilmente há espaço para marcação tão precisa e parametrizada.<sup>194</sup>

Columá e Chaves, citando Silva, enfatiza que a roda de capoeira seria um mundo simbólico, feito em

pequenos metros, por dois jogadores ao som de uma orquestra de tocadores de percussão, sob a animação de vários (as) capoeiristas em forma de círculo, uma espécie de disputa dançada, e no qual o espaço parece ter intenção de conquista e superação.<sup>195</sup>

A Roda, o Círculo – a formação circular fechada – é um símbolo da Unidade, do Inominável, do Uno. É uma estrutura geométrica singular, matematicamente mágica, que possibilita transformações e projeções geométricas com infinitas combinações de ritmos e medidas. Muitos ritos, danças folclóricas e brincadeiras utilizam a roda como base organizativa para a movimentação particular a se desenvolver, e assim também ocorre na Capoeira Angola: a partir da posição da 'bateria', ou charanga – o conjunto de instrumentistas e instrumentos – um círculo de assistência é fechado, antes que se iniciem a marcação dos instrumentos, o canto de abertura e, então, o jogo dos dois camarados.<sup>196</sup>

De acordo com Reis, é na roda de capoeira que o praticante mostra seu conhecimento e desenvolvimento da atividade.<sup>197</sup> A roda, momento mágico da capoeira, sintetiza o espírito de luta, a necessidade de exibir-se e satisfazer-se, o encontro amistoso com o próximo, na busca da troca de experiências e na aplicação do desenvolvimento individual. Ainda de acordo com Reis, a roda começa com a afinação dos berimbaus e a formação da bateria, composta por três berimbaus, um atabaque, dois pandeiros, um reco-reco e um agogô.<sup>198</sup>

Nesse ritual, os capoeiras faziam suas orações de proteção, invocando Salomão, São Mateus e São Bento, e pedindo ajuda a Santo Antônio Pequenino, com rezas e mandingas para conter seus adversários. Várias dessas orações estão

<sup>193</sup> REIS, 2010, p. 53.

<sup>194</sup> COLUMÁ; CHAVES, 2013, p. 172.

<sup>195</sup> COLUMÁ; CHAVES, 2013, p. 172.

<sup>196</sup> GALLEP, 2009, p. 10.

<sup>197</sup> REIS, 2010, p. 53.

<sup>198</sup> REIS, 2010, p. 56.



presentes nas ladainhas e compartilham trechos, temas e símbolos com orações de benzedeiras e quadras populares.<sup>199</sup>

Percebe-se forte influência das religiões afro-brasileiras nas músicas consideradas “clássicas” da capoeira, por sua história. Porém, cantigas já citam santos da igreja católica e cânticos evangélicos.<sup>200</sup>

Ogum = terrível guerreiro/ deus do ferro; tata = pai; malembe = perdão/misericórdia, são as ‘traduções’ das palavras que compõem a música ‘Ogum Ê’. A música faz saudação a Ogum, o chamando de ‘pai misericordioso’. A música ‘Sua coroa de ouro é o mariô’, também é uma saudação a Ogum. Mariô é o nome da folha de um dendzeiro, utilizado nas portas e janelas dos terreiros de candomblé. Na parte do coro da música, o compositor faz uma comparação de uma coroa de ouro, com o mariô. ‘Eu levo minhas moeda, ô iá iá, e também meus acaçá’, (acaçá é um bolinho enrolado na folha de bananeira), são as oferendas destinadas a Ogum. Ambas trazem saudações a entidades do candomblé, o que mostra sua interligação com essa religião na sociedade da época.<sup>201</sup>

A preparação religiosa que antecede algumas rodas, a composição hierárquica dos capoeiristas, a disposição dos instrumentos, a bênção ao pé do berimbau antes do jogo, assim como a ordem das cantigas entoadas na roda, são exemplos que possibilitam essa existência atemporal dos personagens míticos da capoeira, que, além de louvados nas cantigas, mantêm algumas de suas práticas vividas nas rodas atuais.<sup>202</sup>

Para alguns capoeiristas, o tempo da roda é que é sagrado, e não o tempo cronológico, da produção, ditado pela sociedade ocidental.<sup>203</sup> Segundo o autor, Eliade corrobora esse pensamento. Para ele, o tempo sagrado remete a uma circularidade, reversível e recuperável, espécie de eterno presente mítico que o homem reintegra periodicamente pela linguagem dos ritos.<sup>204</sup> Não é raro, nas rodas de capoeira, imperar o tempo do axé, que para a cultura nagô, significa a força invisível, mágico-sagrada, de toda divindade, de todo ser animado, de todas as

<sup>199</sup> MACEDO, 2004, p. 5.

<sup>200</sup> SILVA, Cássia Paloma Porto; ARAÚJO, Adjinan Mayara da Silva; BATISTA, Lucas Betrão. MACHADO, Tatiane Trindade. A religiosidade nas músicas de capoeira. *Seminário Gepráxis*, Vitória da Conquista - Bahia, v. 6, n. 6, p. 452, 2017. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/semgepraxis/article/viewFile/7229/7013>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

<sup>201</sup> SILVA et al. 2017. p. 453.

<sup>202</sup> COLUMÁ; CHAVES, 2013, p. 172.

<sup>203</sup> COLUMÁ; CHAVES, 2013, p. 175.

<sup>204</sup> ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 15.



coisas<sup>205</sup>. Para os capoeiristas, esse axé aparece como o sentido de energia positiva que anima e contagia o jogo de capoeira<sup>206</sup>.

Conforme afirma Macedo, nos rituais de capoeira destacam-se aqueles elementos, místicos ou não, que a aproximam de antigas práticas rituais.<sup>207</sup> Ele assim exemplifica:

Registramos a representação do mundo macro no mundo micro da prática ritual, a louvação e o respeito aos ancestrais. Além destes, a utilização da energia dos indivíduos postos em círculo, ou seja, a roda, a concentração e a expressão por meio da música instrumental e/ou de cantigas, somados a vários outros elementos como gestos, expressões, tatuagens de símbolos místicos no corpo, desenhos nas casas e nos instrumentos musicais e objetos como patuás, escapulários. Todos esses elementos estabelecem uma relação com o universo espiritual. Ao serem reproduzidos de forma alegórica, perdem seu significado sagrado, evidenciando a brincadeira na Capoeira. E, principalmente, a ladainha, uma louvação ao ato, que antecede ao próprio ato, o momento do preceito.<sup>208</sup>

A ritualidade gestual presente no corpo da capoeira expressa e reconta essa historicidade por múltiplas linguagens e diversos momentos rituais.<sup>209</sup> As danças em roda são de origem milenar e estão presentes em todas as culturas.<sup>210</sup> A simbologia descrita por Chevalier e Gheerbrant revela uma concepção de roda diferente daquela descrita como círculo perfeito.<sup>211</sup> Para os autores, a roda contém uma parcela de imperfeição, pois “se refere ao mundo do vir a ser, da criação contínua, portanto da contingência e do perecível onde simboliza os ciclos, reinícios e renovações”, ou seja, os ritos e as manifestações culturais de um povo.<sup>212</sup> De acordo com Barbosa:

A capoeira é um ritual de luta, dança e jogo que funciona como um sistema recreativo, estético, ético e profissional. Mestres e aprendizes cultuam-na como um processo libertário no qual o indivíduo aprende a se posicionar no centro de si mesmo e a encontrar seu espaço de mediação, ou seja, seu ponto de referência na roda do jogo e do mundo. Para eles, a capoeira é a articulação de uma linguagem do corpo com os planos mental e espiritual.<sup>213</sup>

<sup>205</sup> REGO, 1968, p. 150.

<sup>206</sup> LIMA, Manoel Cordeiro. *Dicionário de capoeira*. Brasília: Edição do autor, 2005, p. 53.

<sup>207</sup> MACEDO, 2004, p. 6.

<sup>208</sup> MACEDO, 2004, p. 7.

<sup>209</sup> MAGALHÃES; MELO, 2012, p. 6.

<sup>210</sup> CASCUDO, 2001, p. 2.

<sup>211</sup> CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003. p. 783.

<sup>212</sup> COLUMÁ; CHAVES, 2013, p. 173.

<sup>213</sup> BARBOSA, Maria José Somerlate. Capoeira: a gramática do corpo e a dança das palavras. *Luso-Brazilian Review*, v. 42, n. 1, 2005. p. 1. Disponível em: <<http://cpa.com.br/attachments/File/Artigos/18230806.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2018.

Outros ritos importantes no jogo de capoeira são a malícia e a mandinga. A categoria “malícia” destaca-se entre as características atribuídas aos negros na sociedade brasileira. Como consequência da posição subalterna por eles ocupada historicamente, foram obrigados a criar e reinventar estratégias de negociação, com vistas à manutenção da autonomia de um saber-fazer particular, fator de identificação social e diferenciação em relação às demais instituições.<sup>214</sup>

A mandinga é adquirida pelo desenvolvimento da ginga, movimentação corporal marcada pela oposição entre braços e pernas, sincronizados em movimentos para os lados, para frente e para trás, que constitui o elemento inicial de todas as demais movimentações, visando à obtenção de um equilíbrio dinâmico, em que predomina o baixo corporal, com privilégio dos quadris e dos pés.<sup>215</sup>

A *mandinga*, segundo seus praticantes, constitui-se basicamente na capacidade de surpreender o adversário, utilizando vários artifícios como o riso, a provocação, o olhar, a brincadeira, o uso extremo da habilidade corporal, caracterizado sempre pela surpresa em conseguir atingir o oponente no momento de sua desproteção.<sup>216</sup>

Falcão reitera essa afirmação ao explicar que o jogo, na capoeira, requer uma constante negociação gestual, em que cada jogador é desafiado pela imprevisibilidade dos golpes mediados pela ginga.<sup>217</sup> Num jogo “malicioso e mandingueiro”, os movimentos corporais parecem indecifráveis aos próprios executores.

Para Mata, “a mandinga, a picardia e a enganação fazem parte da essência da própria mistura que caracteriza a definição da capoeira enquanto jogo, luta e dança.”<sup>218</sup> O autor também se refere a uma definição de malícia construída por Frigeiro:

A habilidade de surpreender o adversário, de fechar-se e evitar ser apanhado de surpresa pelo outro. O bom capoeirista sempre está fechado e sabe que a cada movimento seu corresponderá um equivalente do adversário, exigindo que esteja preparado até para os golpes mais

<sup>214</sup> MAGALHÃES; MELO, 2011, p. 6.

<sup>215</sup> MAGALHÃES; MELO, 2011, p. 8.

<sup>216</sup> MELO, Leila do Socorro Araújo. *Capoeira, religião, ludicidade: a capoeira Angola em dois grupos de Belém*. 1997. Trabalho de Conclusão de Curso - Especialização em Teoria Antropológica, DEAN/UFGA, Belém, 1997. p. 74.

<sup>217</sup> FALCÃO, 2004, p. 39.

<sup>218</sup> MATA, João da. *A liberdade do corpo: soma, capoeira angola e anarquismo*. São Paulo: Editora Imaginário, 2001. p. 80-81.

inesperados. [...] O angoleiro distrai seu rival, brinca com ele, engana-o, mostrando-se desprotegido para ser atacado justamente onde deseja e assim, lançar seu contra-ataque com mais eficiência.<sup>219</sup>

Para Sodré, a malícia é uma forma de resistência de escravos, forros e malandros, decorrente do corpo mandingueiro, da corporalidade atravessada pelo simbolismo ambivalente dos ritos holísticos, em que o sagrado, o lúdico e o guerreiro estão fortemente imbricados.<sup>220</sup> Para ele, o corpo encontra outro tipo de totalidade no rito, produzindo-se uma integração coletiva das energias. O corpo do capoeirista, assim, torna-se sujeito e objeto do rito: sujeito, no sentido da soberania dos músculos, gestos e movimentos; objeto, no sentido da entrega ao domínio do ritmo e da liturgia coletiva.<sup>221</sup>

Outro ponto importante na liturgia das rodas de capoeira são as ladainhas, que iniciam ou reiniciam o ritual da roda e podem ser um recado, uma crítica, um ensinamento, uma oração ou uma narrativa heroica, como se vê neste breve exemplo:

lê  
 Vô botá fogo na igreja (bis),  
 Só pra vê santo queimá  
 São Benedito é santo negro  
 Saiu no salto mortá  
 Os outros santos eram brancos  
 Não conseguiram se salvá  
 Porque capoeira Angola  
 Não souberam praticá  
 Camaradinha[...] <sup>222</sup>

*(treinel Oriquerê, os angoleiros do sertão)*

Depois da ladainha, canta-se a louvação, o momento mais místico da roda, quando se fazem ouvir os outros instrumentos e as vozes dos demais componentes, em coro.<sup>223</sup> A autora ressalta que essa louvação pode ser entendida como exaltação, saudação, vocação ou sinal de alerta, já que em seguida são cantados os corridos. Por isso ela funciona como momento de busca de forças e proteção, ou,

<sup>219</sup> MATA, 2001, p. 85.

<sup>220</sup> SODRÉ, 2002, p. 63, 67.

<sup>221</sup> SODRÉ, 2002, p. 86.

<sup>222</sup> YAHN, 2012, p. 41.

<sup>223</sup> YAHN, 2012, p. 42.

como o próprio nome diz, de louvação a algo ou alguém que extrapola o plano material.<sup>224</sup>



---

<sup>224</sup> YAHN, 2012, p. 42.

### 3 CAPOEIRA E EDUCAÇÃO FÍSICA

Tratamos aqui a importância da capoeira enquanto conteúdo da disciplina educação física fazendo garantir a Lei Federal nº 10.639/03, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - Lei nº 9.394/1996), onde torna obrigatório o estudo da história e da cultura afro-brasileira e africana nas instituições de ensino, e especificamente neste estudo esta relacionado às escolas públicas do município de Jequié Bahia, onde realizamos uma pesquisa com 15 professores de educação física de 12 escolas públicas municipais e estaduais, no intuito de levantar dados para a compreensão de como está sendo aplicada a lei no contexto educacional.

#### 3.1 A importância da capoeira nas aulas de Educação Física

A capoeira, como conteúdo da Educação Física escolar, traz consigo uma enorme gama histórica, econômica, política, social, religiosa e cultural, a partir de uma revisitação histórica, ou seja, do contexto e das condições nas quais se estabeleceu.<sup>225</sup> Dessa forma, é importante enfatizar, nas aulas de educação física escolar, o modo de produção que vigorava na origem da capoeira; ou seja, o escravista, assim como seus elementos, que se baseiam na religiosidade.<sup>226</sup>

Modo de vida escravista – corpo-propriedade e mercadoria, sujeito a condições de extrema dominação. O corpo escravo constituía a riqueza social que movia a sociedade, propriedade total do senhor tanto nos meios de produção como sobre o próprio escravo e a produção criada por ele.<sup>227</sup>

Vieira e Assunção enfatizam que “a história da capoeira é marcada por inúmeros mitos e ‘semi-verdades’(sic).<sup>228</sup> Esses mitos e histórias dão base às

<sup>225</sup> BERNARDES, Matheus Luchi; FREITAS, Renato Lóss. *Possibilidades de organização do conteúdo capoeira na educação física escolar*. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Educação Física). Universidade Federal do Espírito Santo Vitória - ES. 2013, p. 6.

<sup>226</sup> BERNARDES; FREITAS, 2013, p. 8.

<sup>227</sup> LOUREIRO, Fábio Luiz. *Capoeira e identidade cultural*. 2008. Dissertação (Mestrado). Programa de Educação, Administração e Comunicação, Universidade São Marcos, São Paulo, 2008, p. 47.

<sup>228</sup> ASSUNÇÃO, Mathias Rohring; VIEIRA, Luiz Renato. Mitos, controvérsias e fatos: construindo a história da capoeira. *Revista de Estudos Afro-Asiáticos*, Universidade Cândido Mendes, n. 34, 1999. p. 2. Disponível em: <<https://beribazu.files.wordpress.com/2012/11/mitos-controvc3a9rsias-e-fatos-construindo-a-histc3b3ria-da-capoeira.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2017.

tradições que se perpetuam e proporcionam a continuidade de um passado”. De acordo com os autores, existem dois tipos de mitos:

Existem vários níveis de mitificação. O primeiro é o do mito que não tem nenhuma base em fatos históricos nem ensinamentos de mestres antigos, mas é inventado para reforçar determinadas posições ideológicas. Em geral, é difícil saber quem inventou o mito, traçar a sua origem precisa. Ele surge em momento oportuno, e acaba sendo repetido tantas vezes que assume ares de verdade incontestável. O segundo é mais sutil, porque consiste em insistir sobre alguns aspectos em detrimento de outros, que são omitidos. Estas versões parciais têm tido função importante nos enfrentamentos ideológicos que escolheram a história da capoeira como um dos seus campos privilegiados. Muitas controvérsias sobre a história da capoeira se assemelharam a um diálogo de surdos, onde os argumentos do ‘outro lado’ não eram considerados.<sup>229</sup>

Nesse sentido, para Vieira e Assunção:

A capoeira não é, enquanto conjunto de ritos, tradições e técnicas corporais, somente resistência aos poderes instituídos. Ao contrário, foi nos momentos de apropriação cultural (anos 30 e anos 70, exatamente períodos de autoritarismo político) que a capoeira ganhou maiores espaços junto à sociedade.<sup>230</sup>

Para Carvalho, a capoeira é uma manifestação que carrega a expressão da forte bagagem cultural e religiosa que os negros escravizados trouxeram de diferentes regiões da África.<sup>231</sup> A sua forma de resistência social e cultural se baseou na busca da libertação, da sobrevivência e da dignidade humana dessa maneira dentro do ambiente escolar. “[...] A educação física brasileira precisa, assim, resgatar a capoeira como manifestação cultural, ou seja, trabalhar com sua historicidade, não a desencarnar do movimento cultural e político que a gerou [...]”.<sup>232</sup>

Nesse caso, busca-se estudar as manifestações da cultura corporal, procurando compreender seus aspectos históricos, técnicos, sociológicos, antropológicos e biológicos, situando-os no contexto social no qual se encontram inseridos e instigando os alunos a uma leitura de sua realidade.<sup>233</sup>

<sup>229</sup> ASSUNÇÃO, VIEIRA 1999, p. 2.

<sup>230</sup> VIEIRA; ASSUNÇÃO, 1998, p. 11.

<sup>231</sup> CARVALHO, Jari Santos de. *Problematizando a inserção da capoeira nos processos de ensino*. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Física Escolar). Programa de Pós-Graduação do CEFD/UFSM, Universidade Federal de Santa Maria - RS, 2009. p. 21.

<sup>232</sup> SOARES et al. *Metodologia do ensino de educação física*. São Paulo: Cortez, 1992. p. 76.

<sup>233</sup> SILVA, Paula Cristina da Costa. Capoeira nas aulas de educação física: Alguns apontamentos do processo ensino-aprendizado de professores. *Revista Brasileira Ciência Esporte*, Florianópolis, v. 33, n. 4, p. 889-903, 2011, p. 891. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32892011000400007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32892011000400007)>. Acesso em: 10 jan. 2018.



Na capoeira, desde seu início até os dias de hoje, encontramos aspectos que permanecem até hoje como: musicalidade, a religiosidade, movimentos acrobáticos, dentre outros, que a torna específica e tradicional, que devido suas características originais permanecerem até hoje, porém sem a mesma finalidade de luta de libertação pela qual foi criada. Hoje esta tradição é debatida em diferentes contextos sociais e tratada como conteúdo dentro das escolas nas aulas de educação física escolar.<sup>234</sup>

Mas muitos docentes não trabalham com a laicidade no processo de ensino/aprendizagem. Quando falamos em “Estado Laico”, existe a ideia de neutralidade sobre questões religiosas, principalmente nas instituições educacionais. Deve haver liberdade para os cidadãos manifestarem a sua fé religiosa, qualquer que ela seja, sem controle ou imposição de uma religião específica. Dessa maneira, a capoeira, em muitas instituições, não aparece nem nos currículos, pela conotação religiosa e até mesmo espiritual.

A laicidade garante aos gêneros que nenhuma religião poderá cercear os direitos do Estado ou apropriar-se dele para seus interesses, logo não exclui nenhuma religião e suas manifestações públicas, nem o Ensino Religioso, e muito menos interfere nas convicções pessoais daqueles que optam por não ter nenhuma religião.<sup>235</sup>

No entanto, apesar de a sociedade viver em meio à diversidade cultural, a escola tem dificuldade de lidar com o trato das diferenças, pela inadequação dos currículos centrados no conhecimento da cultura hegemônica e promotores do silenciamento das vozes e histórias dos grupos minoritários, marginalizados.<sup>236</sup>

Isto influencia diretamente quando abordamos a temática da capoeira nas aulas de Educação Física, devido a toda a sua historicidade, a forma com que foi criada pelos negros escravizados, os ritos e crenças por eles colocadas na capoeira, como a musicalidade, a adoração aos seus deuses, instrumentos como atabaque, tudo isso hoje em dia influencia de forma negativa a abordagem desta temática nas aulas de educação física, [...] queremos tentar contribuir para uma possível mudança de paradigma e mostrar que a cultura existente na capoeira não irá determinar em suas crenças e religiosidades, que é possível qualquer pessoa praticar e aprender a capoeira, sem ter que mudar suas crenças religiosas, cada um (a) é livre para escolher seguir ou não qualquer tipo de religião, que isto não irá mudar em nada a maneira de se passar ou aprender a capoeira, não mudará em nada a crença religiosa dos discentes nas aulas de Educação

<sup>234</sup> ALBUQUERQUE et al. *Capoeira, religião e religiosidade: limites e possibilidades da capoeira como temática do conteúdo luta nas aulas de educação física escolar*. 2012, p. 6. Disponível em: <<https://even3storage.blob.core.windows.net/anais/66426.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

<sup>235</sup> ALBUQUERQUE et al., 2012, p. 6.

<sup>236</sup> OLIVEIRA, Rogério Cruz de. Educação física e diversidade cultural: um diálogo possível. *Conexões*, Campinas, v. 5, n. 2, p. 19-30, 2007, p. 25. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637876>>. Acesso em: 12 set. 2017.

Física escolar, o (a) discente não deixará de ser católico (a), evangélico (a) ou ateu por estar aprendendo, por exemplo, como a capoeira surgiu, ou por saber que os (as) negros (as) tinham outra perspectiva religiosa.<sup>237</sup>

Corroborando esse pensamento, Accurso e outros sinalizam que a capoeira, se desenvolvida nos seus fundamentos e raízes, constitui por si só um instrumento de educação, desde que comprometida com as raízes culturais e com a luta pela liberdade, como a de Zumbi, no quilombo de Palmares, no resgate da identidade cultural.<sup>238</sup>

Medeiros enfatiza que, para tanto, é preciso compreender a capoeira como de suma importância para o desenvolvimento socioeducacional, conduzindo o indivíduo ao seu progresso físico, moral, intelectual e espiritual.<sup>239</sup> Vale ressaltar que a capoeira é atividade que trabalha com o corpo inteiro, desenvolvendo mente e espírito. Portanto, ela contribui para o desenvolvimento do educando de forma integral, ou seja, de seu corpo e de sua mente.

Portanto, Medeiros afirma que a capoeira, como esporte rico em cultura e em movimento corporal, se encaixa perfeitamente nas exigências da educação, promovendo a integração com outras disciplinas, principalmente a Educação Física.<sup>240</sup> E como manifestação da cultura popular, tem se mostrado um importante referencial para a compreensão de vários aspectos da nossa história, principalmente os ligados à luta pela emancipação do negro no Brasil escravocrata.

Santos, ao citar Borges, diz que a obrigatoriedade de inclusão de História e Cultura afro-brasileira e africana nos currículos da educação básica é um momento histórico que objetiva não apenas mudar o foco da imagem, marcadamente de raiz europeu, mas sim ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira.<sup>241</sup>

Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. O Presidente do Conselho Nacional de Educação, tendo em vista

<sup>237</sup> ALBUQUERQUE et al., 2012, p. 6

<sup>238</sup> ACCURSO, et al. A capoeira no sapecca. In: 2º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2004, Belo Horizonte: *Anais...* Belo Horizonte: UFMG, 2004. p. 5.

<sup>239</sup> MEDEIROS, Marilene Pereira Da Silva. *Capoeira: da marginalização à reafirmação identitária*. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização do Curso de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira), Departamento de História do Ceres, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Currais Novos-RN, 2016. p. 31.

<sup>240</sup> MEDEIROS, 2016, p. 32.

<sup>241</sup> BORGES, 2010, p. 72, apud SANTOS, Wanderson Rodrigo Marçal dos. *A importância da capoeira nas aulas de Educação Física escolar*. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Universidade Federal de Pernambuco, Vitória de Santo Antão-PE, 2017. p. 20.

o disposto no art. 9º, § 2º, alínea 'c', da Lei nº 9.131, publicada em 25 de novembro de 1995, e com fundamentação no Parecer CNE/CP 3/2004, de 10 de março de 2004, homologado pelo Ministro da Educação em 19 de maio de 2004, e que a este se integra, resolve: Art. 1º A presente Resolução institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, a serem observadas pelas Instituições de ensino, que atuam nos níveis e modalidades da Educação Brasileira e, em especial, por Instituições que desenvolvem programas de formação inicial e continuada de professores. § 1º As Instituições de Ensino Superior incluirão nos conteúdos de disciplinas e atividades curriculares dos cursos que ministram, a Educação das Relações Étnico Raciais, bem como o tratamento de questões e temáticas que dizem respeito aos afrodescendentes, nos termos explicitados no Parecer CNE/CP 3/2004.<sup>242</sup>

É importante frisar que a aprendizagem da capoeira não servirá somente ao aprendizado da luta e do esporte; o ensino dos golpes e sequências deverá ser acompanhado da transmissão de todos os elementos que envolvem a sua cultura, história, religião, origem e evolução, ao mesmo tempo em que se estimulará a pesquisa e o debate em seminários, para que o educando tenha participação efetiva no contexto da capoeira como um todo.<sup>243</sup>

Dessa maneira, Carvalho frisa que pela musicalidade, pelos movimentos, pelo diálogo em aula, dos cantos e dos ritmos, a capoeira, como Educação Física, pode transmitir aspectos marcantes da sociedade brasileira, como as preferências dos negros, manifestas na religiosidade, nas tradições e no modo de ver o mundo, bem como ensejar a ação perante ele. Nas formas de arte e lazer, nas técnicas de trabalho, na fabricação e utilização de objetos, no modo de falar, na medicina caseira e em outros aspectos, esses traços penetram no inconsciente da nação brasileira, e se dissemina em nossa cultura da mesma maneira, fazendo parte do cotidiano dos brasileiros.<sup>244</sup>

### 3.2 A capoeira na garantia da liberdade e na cidadania do educando

A capoeira apresenta indícios de religião, dança, jogo e luta, sendo considerada na sociedade atual arte essencialmente brasileira, com origens afrodescendentes. Na atualidade constitui uma das atividades extracurriculares

<sup>242</sup> BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana*. Brasília: MEC, 2004. p. 13. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2018.

<sup>243</sup> SANTOS, 2017, p. 21.

<sup>244</sup> CARVALHO, 2009, p. 10.

aceitas em muitas instituições educacionais, embora tenha sido pouco utilizada como conteúdo na Educação Física escolar, por falta de profissionais preparados principalmente no tocante das abordagens religiosas.

Segundo Soares e Julio trata-se de esporte rico em cultura e movimento corporal, encaixando-se perfeitamente nas exigências da Educação Física escolar. Os conteúdos da capoeira ajudam na formação de seres humanos capazes de conviver com as diferenças.<sup>245</sup>

O ensino da capoeira é um rico processo pedagógico que valoriza uma educação libertadora e consciente. Durante o seu ensino são discutidos elementos históricos dessa manifestação cultural que a caracterizam como luta pela libertação, símbolo de resistência contra vários tipos de dominação e espaço para o exercício da cidadania, de construção da identidade, autoestima e autonomia de seus praticantes.<sup>246</sup>

Mas é preciso que fique claro esse conceito de cidadania, pois embora a sociedade utilize fartamente o termo, sua compreensão e exercício ainda é privilégio de poucos. Afinal, o que é cidadania? Segundo Rocha, a palavra cidadania vem do latim “*civitas*”, que quer dizer cidade.<sup>247</sup> A palavra cidadania foi usada na Roma antiga para indicar a situação política de determinada pessoa e os direitos que ela podia exercer (exceto mulheres, escravos, crianças e outros).

Já na Grécia, a *pólis* ou cidade-Estado era formada por cidadãos (no grego “*poitikos*”), homens “livres e iguais”. Tais homens livres, no entanto, eram apenas aqueles capazes de participar ativamente da vida pública. Sendo assim, apenas os proprietários de terras eram considerados livres, com o direito de decidir sobre o governo. Comerciantes, artesões, mulheres, escravos e estrangeiros não tinham esse direito. Ou seja, a cidadania era direito de poucos.

Segundo Brito, quanto ao processo de inclusão, o contingente era inversamente proporcional ao número de excluídos. O lugar da mulher era na

---

<sup>245</sup> SOARES, Everton Barbosa; JULIO, Marli das Graças. A Inserção da Capoeira no Currículo Escolar. *Revista Digital*, Bueno Aires, ano 16, n. 156, 2011, p. 22. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd156/a-insercao-da-capoeira-no-curriculo-escolar.htm>>. Acesso em: 23 fev. 2018.

<sup>246</sup> PAULA, Tania Regina de; BEZERRA, Wladimir Pereira. As vantagens do ensino da capoeira nas aulas de Educação Física Escolar. *Revista Digital*, Buenos Aires, ano 18, n. 188, 2014, p. 10. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd188/ensino-da-capoeira-nas-aulas-de-educacao-fisica.htm>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

<sup>247</sup> ROCHA, Kátia Janine. *Ética e Cidadania no Setor Público*. Cuiabá-MT: Escola Técnica da Universidade Federal do Paraná, 2008, p. 24.

cozinha, à margem da vida pública.<sup>248</sup> Os mais jovens deviam respeitar os mais velhos, mas entre esses elementos de conflito havia outro, a propriedade privada. A terra era o principal meio de produção, por isso eram constantes os conflitos entre os pequenos, médios e grandes proprietários. Segundo Resende e Morais, citados por Bernardes:

A cidadania era para os gregos um bem inestimável. Para eles a plena realização do homem se fazia na sua participação integral na vida social e política da Cidade-Estado [...] só possuía significação se todos os cidadãos participassem integralmente da vida política e social e isso só era possível em comunidades pequenas.<sup>249</sup>

Santana enfatiza que a cidadania na Grécia estava diretamente ligada à vida política e em Roma não era diferente, havendo três classes sociais: os patrícios, os plebeus e os escravos. Os patrícios eram descendentes dos fundadores e tinham todos os direitos políticos, civis e religiosos. Os plebeus eram descendentes dos estrangeiros e, apesar de homens livres, não eram considerados cidadãos. Os escravos eram prisioneiros de guerra e pessoas que não saldavam as dívidas.<sup>250</sup>

Sendo assim, em Roma, ser livre não assegurava o direito de cidadania. Não havia igualdade entre os homens e a cidadania era privilégio de apenas uma classe. Com o declínio do Império Romano, com as diversas guerras entre patrícios e plebeus, iniciou-se novo período na história, a Idade Média, em que a relação cidade-Estado, antes regida pelo Império, passa a ser controlada pela Igreja Católica. Verificam-se algumas alterações nas estruturas sociais, o que dá início a uma sociedade estamental e hierárquica, com classes sociais distintas e bem definidas: nobreza, clero e servos.

Segundo Moura, as doutrinas cristãs provocaram transformações nas concepções de direito e de Estado, ao alegarem a liberdade e a igualdade como direitos de todos os homens. Porém, com a formação do feudalismo, não foi possível a todos os homens desfrutar dessa igualdade e liberdade. O feudalismo, considerado “idade das trevas”, estabelecia-se pela relação de vassalagem e

<sup>248</sup> BRITO, Álvaro de Azevedo Alves. Breves reflexões sobre a História Geral da Cidadania. *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, XIV, n. 94, 2011, p. 5. Disponível em: <[http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=10686](http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=10686)>. Acesso em: 15 mai. 2018.

<sup>249</sup> BERNARDES, W. L. M. *Da nacionalidade: brasileiros natos e naturalizados*. 1. ed. Belo Horizonte: Del Rey, 1995, p. 23.

<sup>250</sup> SANTANA, Marcos Silvio de. *O que é cidadania*. 2014. Disponível em: <<http://www.advogado.adv.br/estudantesdireito/fadipa/marcoosilviodesantana/cidadania.htm>>. Acesso em: 23 mar. 2018.



suserania.<sup>251</sup>

O suserano era quem dava um lote de terra ao vassalo, que deveria prestar fidelidade e trabalho, em troca de proteção e um lugar no sistema de produção. O rei era o suserano mais poderoso. Na Idade Média, os princípios de cidadania foram esquecidos diante das necessidades materiais e espirituais impostas pela nova estrutura de classes sociais. Com o fim desse período, surge a Idade Moderna.<sup>252</sup>

Ainda segundo Franco, com o fim do feudalismo, surgem os Estados nacionais. O poder ainda se concentrou na mão do rei por um bom tempo, porém, paralelamente, a burguesia começou a se consolidar como classe atuante política e economicamente.<sup>253</sup> Foi um período de grandes transformações filosóficas, sociais, políticas e econômicas.

As revoluções sociais, o desenvolvimento do capitalismo e o aparecimento de novas ideias, entre outras mudanças, levaram à contestação dos valores e injustiças praticadas pelo clero e pela nobreza. Enquanto isso, a burguesia lutava para conquistar o poder, aliando-se a ideais liberais e aos homens comuns.

Com isso, a concepção de cidadania volta a ter na igualdade e na liberdade seus princípios básicos, como em Roma e na Grécia, graças às ideias iluministas-liberais de filósofos modernos como Rousseau, Locke, Montesquieu, Diderot, Voltaire e outros. Essas ideias, mais tarde, serviram como base teórica para as revoluções burguesas e outras revoluções nos séculos XVII e XVIII.

Em 1789, a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão estabelecia as primeiras normas para assegurar a liberdade individual e a propriedade. Essas declarações foram produzidas no contexto da Revolução Francesa, no século XVIII, quando a burguesia retira o poder político das mãos da aristocracia.<sup>254</sup>

Porém, após a tomada do poder pela burguesia, todas as ideias universais por esta defendida aplicam-se apenas a ela. Barros<sup>255</sup> ainda sinaliza que o preâmbulo da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão trata dos direitos

<sup>251</sup> MOURA, Jessica. A cidadania entre os antigos e os modernos. 2017. p. 3. Disponível em: <<https://jessicamoura11.jusbrasil.com.br/artigos/456750383/a-cidadania-entre-os-antigos-e-os-modernos>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

<sup>252</sup> FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média: nascimento do ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2001. p. 17.

<sup>253</sup> FRANCO JÚNIOR, 2001, p. 18.

<sup>254</sup> BARROS, Wilkson Vasco Francisco Lima. A relação entre os direitos fundamentais e os direitos humanos: uma análise à luz da República Federativa do Brasil de 1988. *Revista Jus Navigandi*, 2016, p. 8. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/54068/a-relacao-entre-os-direitos-fundamentais-e-os-direitos-humanos>>. Acesso em: 10 mai. 2018.

<sup>255</sup> BARROS, 2016, p. 9.

naturais e imprescritíveis do homem, entre os quais figuram a liberdade, a propriedade e a igualdade perante a lei. Ou seja, o proprietário é o cidadão e a propriedade é o critério do civismo.

Como se observa, a cidadania, embora pregada em caráter universal, não era direito de todos, pois nem todos eram proprietários. Logo, o “cidadão” burguês poderia ser distinguido entre o proprietário e o não proprietário. Barbalet, citado por Quintão, afirma:

Desde o advento do Estado liberal de direito, a base da cidadania refere-se à capacidade para participar no exercício do poder político mediante o processo eleitoral. Assim, a cidadania ativa liberal derivou da participação dos cidadãos no moderno Estado-nação, implicando a sua condição de membro de uma comunidade política legitimada no sufrágio universal, e, portanto, também a condição de membro de uma comunidade civil atrelada à letra da lei.<sup>256</sup>

O conceito de cidadania vai deixando de ser mero direito de quem mora na cidade ou concepção consumista de conceito, para alcançar uma discussão mais democrática. Segundo Dallari,

A cidadania se expressa em um conjunto de direitos que dá à pessoa a possibilidade de participar ativamente da vida e do governo de seu povo. Quem não tem cidadania está marginalizado ou excluído da vida social e da tomada de decisões, ficando numa posição de inferioridade dentro do grupo social.<sup>257</sup>

Tendo em vista diversas definições de cidadania, percebe-se que o conceito passa por diversas modificações, assumindo significados mais complexos. Hoje se emprega a palavra cidadania em larga escala para referir-se a direitos humanos, porém ela está em permanente construção. Segundo Demo, cidadania é:

[...] a eliminação da pobreza política, que está na raiz da ignorância e cerca da condição de massa de manobra. Não cidadão é, sobretudo que, por esta coibindo de tomar consciência crítica da marginalidade que lhe é imposta, não atinge a oportunidade de conceber uma história alternativa e de organizar-se politicamente para tanto. Entende injustiça como destino. Faz a riqueza do outro, sem dela participar.<sup>258</sup>

Nessa perspectiva, um novo posicionamento da Educação deve levar o sujeito ao exercício ativo de sua cidadania, embora se saiba que a escola é

<sup>256</sup> QUINTÃO, S. M. L. *Teoria do Estado*. 1. ed. Belo Horizonte: Del Rey, 2001, p. 257.

<sup>257</sup> DALLARI, Dalmo de Abreu. *Direitos humanos e cidadania*. São Paulo: Moderna, 1998, p. 14.

<sup>258</sup> DEMO, Pedro. *Cidadania tutelada e cidadania assistida*. Campinas: Autores Associados, 1995, p. 2.

considerada uma instituição de reprodução e perpetuação da estrutura social predominante, que privilegia o *habitus* e as posições sociais dos detentores do *ethos* da elite. Visto que a educação exerce papel transformador a desempenhar no desenvolvimento da cidadania plena, afirma Palma Filho:

Em outros termos, a cidadania inscreve-se no quadro geral dos direitos fundamentais do ser humano. Embora direito fundamental, a cidadania precisa ser conquistada; não é dada, resulta de um agir conjunto, é uma construção coletiva, opondo-se, portanto à concessão, ao privilégio. Não sendo concessão, não pode ser revogada ou retirada conceito de cidadania em Arendt possui uma abrangência universal, nada tendo a ver com território ou nacionalidade. É a qualidade do ser humano, mas que com ele não nasce – precisa ser conquistada, ou seja, ninguém nasce cidadão; torna-se cidadão. A cidadania não é qualidade natural nem apenas do indivíduo, ao contrário, é social.<sup>259</sup>

Sendo assim, a educação que constitui a cidadania detém uma série de complexidades no que diz respeito ao ser humano. A escola precisa construir relações de autonomia, de construção e reconstrução do conhecimento, de superação das desigualdades e dos preconceitos, de luta e de transformação. Cidadania implica criticidade, autonomia e questionamentos, porém, a elite dominante visa domesticar e inibir o questionamento, para manter o *status quo*. Nunca foi e nunca será do interesse da elite dominante que a cidadania plena se estenda a todos os indivíduos.

Portanto, o educador comprometido com a construção da cidadania do educando não deve aceitar essa condição, sem uma ação reflexiva, como se a situação fosse imutável. Viu-se, ao longo da história, que o exercício da cidadania nunca foi fácil. Jamais foi um presente, mas um direito conquistado. Não basta ter leis que garantam o direito de cidadão, é preciso ter a condição de exercê-la.

### **3.3 A aplicação da Lei nº 10.639 na garantia da capoeira nas instituições educacionais no município de Jequié-BA na visão de alguns educadores**

Afirmar que a garantia dos direitos fundamentais deve promover a reflexão acerca das funções do cidadão para o exercício efetivo e eficaz da cidadania

<sup>259</sup> PALMA FILHO, João Cardoso. *Cidadania e educação. Cadernos de Pesquisa*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1998, p. 108.

significa que o Estado deve estar preocupado não apenas em criar leis, mas com a sua contribuição na formação e no desenvolvimento das pessoas como cidadãos.

A Lei Federal nº 10.639/03, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - Lei nº 9.394/1996), torna obrigatório o estudo da história e da cultura afro-brasileira e africana nas instituições de ensino.<sup>260</sup> Rosa reflete que em face das demandas que emergem da aplicação dessa lei, na perspectiva de um currículo intercultural, a capoeira surge como possibilidade no currículo das instituições educacionais.<sup>261</sup> Porém o mito da democracia racial, o desinteresse dos educadores por questões de ordem política e social, o preconceito com as religiões de matizes africanas e o conhecimento do tema pelos educadores, por vezes superficial, são as principais dificuldades para a efetivação da lei no ambiente escolar.<sup>262</sup>

A capoeira no Brasil sempre foi ligada a negros, escravos e descendentes de africanos. Dessa forma, a resistência do racismo para o trabalhar nas escolas é evidente.

O racismo no Brasil produz desigualdades sociais gigantescas, de modo que negar a sua existência é um exercício conceitual complexo. A Constituição da República Federativa do Brasil, lei maior de nossa nação, também repousa neste pressuposto:

[...] assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça, como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social [...].<sup>263</sup>

Seus princípios, baseados na prevalência dos direitos humanos, na tolerância às diferenças e no repúdio a quaisquer formas de discriminação foram

<sup>260</sup> BRASIL. Ministério da Educação. Lei Federal nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Estabelece a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-brasileira no currículo da Rede de Ensino no Brasil. Brasília: Gráfica do Senado, 2003.

<sup>261</sup> ROSA, Rita de Cassia Quadros da. A Capoeira na escola e a Lei nº 10.639: um relato de experiência. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, Buenos Aires, ano 21, n. 222, 2016, p. 1. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd222/a-valorizacao-da-historia-e-cultura-africana.htm>>. Acesso em: 11 fev. 2018.

<sup>262</sup> GOMES, Nilma Lino; JESUS, Rodrigo Ednilson de. As práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva de Lei nº 10.639/2003: desafios para a política educacional e indagações para a pesquisa. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 47, 2013, p. 19. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n47/03.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

<sup>263</sup> BRASIL. Constituição. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado, 1988. p. 1.

transpostos, no campo educacional, para a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96.<sup>264</sup>

A própria Lei nº 10.639, no parágrafo 1º, respalda o estudo da religião afro no contexto escolar:

O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.<sup>265</sup>

Segundo Alves, a Lei nº 9394/1996 confere ao contexto educacional a especificidade de articular com a diversidade, por meio do respeito às manifestações culturais, um currículo que atenda às necessidades de todas as partes envolvidas na relação de ensino e aprendizagem.<sup>266</sup> A Lei nº 10.639/03 trouxe a obrigatoriedade do ensino da História e da Cultura Afro-Brasileira em todos os estabelecimentos de ensino público e privado desde 9 de janeiro de 2003, quando buscou reparar as desigualdades seculares que maculam e envergonham a historicidade do nosso país, objetivando, pelas políticas afirmativas, minimizar as injustiças praticadas contra o negro, sua cultura e religião.

Dois dos princípios básicos da Constituição Federal brasileira elaborada em 1988 eram a cidadania e a dignidade da pessoa humana. Como se observa nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a educação escolar corresponde a um espaço sociocultural e institucional, responsável pelo trato pedagógico do conhecimento e da cultura.<sup>267</sup>

Ribeiro, Santos e Paiva ressaltam que, impostas pela sociedade, as diferenças raciais se constituem num dos grandes dilemas que atravessam os períodos da evolução humana. Os autores ainda afirmam que independentemente

<sup>264</sup>ALVES, Roberta de Souza. *Ensino de história e cultura afro-brasileira e africana: da lei ao cotidiano escolar*. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Unesp-Bauru, 2007, p. 8.

<sup>265</sup> BRASIL, 2003, p. 1.

<sup>266</sup> ALVES, 2007, p. 10.

<sup>267</sup> SANTOS, Vilma Carvalho da Silva; PINTO, Heldina Pereira. A formação de professores e a educação das relações etnoraciais: desafios e possibilidades a partir da vigência da Lei 10639/03. In: XVII SEMANA ACADÊMICA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO; 2016. *Anais...* – Universidade e Comunidade: em busca da transformação social v.1, n. 1, 2016, p. 3. Disponível em: <<http://www.uneb.br/saepe/files/2016/01/20160036.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2018.



de ordem física, cultural ou étnica, elas sempre estão presentes para estigmatizar, rotular e marcar, elevando ou rebaixando pessoas.<sup>268</sup>

O ambiente escolar exerce influência intelectual e cidadã sobre o indivíduo, afetando a formação da identidade dos alunos, definida pelos comportamentos, atitudes e costumes de um indivíduo e modificada com a convivência entre sujeitos, ou seja, se construída tendo o *Outro* como referência.<sup>269</sup>

Os diversos estudos apontam a discriminação racial como elemento real, presente no cotidiano dos brasileiros e grande barreira para o exercício verossímil da democracia.<sup>270</sup> Nesse sentido, a construção da cidadania não tem prioridade no processo.

Alvarenga, citando Montoro, diz: “Não basta ensinar direitos humanos. É preciso lutar pela sua efetivação. E, acima de tudo, trabalhar pela criação de uma cultura prática desses direitos”.<sup>271</sup> A educação que constitui a cidadania detém uma série de complexidades no que diz respeito ao ser humano. A escola precisa construir relações de autonomia, de construção e reconstrução do conhecimento, de superação das desigualdades e dos preconceitos, de luta e de transformação.<sup>272</sup>

O educador deve utilizar o espaço escolar para promover, pelo reconhecimento e pela valorização da afrodescendência, a construção da identidade racial do aluno negro. Roos afirma que a escola precisa considerar e valorizar a cultura e a contribuição expressiva de seus alunos negros, rejeitando mecanismos de defesa que prejudicariam o desenvolvimento pleno de sua aprendizagem, o que certamente influencia negativamente na construção da identidade e no autorreconhecimento dos valores culturais intrínsecos de sua africanidade.<sup>273</sup>

<sup>268</sup> RIBEIRO, Marilene Viana; SANTOS, Juliana Cativo dos; PAIVA, Ignês Tereza Peixoto de. *A diversidade cultural no espaço escolar: superação, respeito às diferenças sociais, culturais e étnicas*. Campina Grande-PB: Editora Realize, 2014. p. 06. Disponível em: <[https://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Modalidade\\_1datahora\\_09\\_06\\_2014\\_19\\_52\\_33\\_idinscrito\\_708\\_1067d8790b483749fa4bb0549f212c92.pdf](https://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Modalidade_1datahora_09_06_2014_19_52_33_idinscrito_708_1067d8790b483749fa4bb0549f212c92.pdf)>. Acesso em: 10 fev. 2018.

<sup>269</sup> Gomes, N. L. Escola e Diversidade Étnico-Cultural: Um Diálogo Possível. In: Dayrell, J. (Org). *Múltiplos Olhares Sobre Educação e Cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1996. p. 87.

<sup>270</sup> MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: Identidade Nacional versus Identidade Negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 05.

<sup>271</sup> MONTORO, 1999, p. 28 apud ALVARENGA, Rúbia Zanotelli de. Direitos Humanos e Dignidade da Pessoa Humana no Direito do Trabalho Brasileiro. *Revista Síntese Trabalhista*, ano XVII, n. 197, 2005. p. 28. Disponível em: <<http://www.ltr.com.br/loja/folheie/5263.pdf>>. Acesso em: 11 fev. 2018.

<sup>272</sup> ALVARENGA, 2005. p. 29.

<sup>273</sup> ROOS, Roseli Rezende. O preconceito racial no contexto escolar. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia). Faculdade de Educação Federal do Rio Grande do Sul-FACED/UFRGS, Porto Alegre - RS, 2010, p. 14.

A comunidade escolar precisa pensar na educação como perspectiva cidadã baseada na construção de valores éticos, valorizando a diversidade e formando cidadãos críticos capazes de atuar ativamente no contexto social. O sujeito precisa fazer sua própria história coletivamente. Conforme relata Freire:

O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. [...] É nesse sentido também que a dialogicidade verdadeira, em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos. É preciso deixar claro que a transgressão da etnicidade jamais pode ser vista como virtude, mas como ruptura com a decência. O que quero dizer é o seguinte: que alguém se torne machista, racista, classista, sei lá o quê, mas se assuma como transgressor da natureza humana. Não me venha com justificativas genéticas, sociológicas ou históricas ou filosóficas para explicar a superioridade da branquitude sobre a negritude, dos homens sobre as mulheres, dos patrões sobre os empregados. Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever, por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar.<sup>274</sup>

De acordo com o PCNs (Parâmetros curriculares Nacionais):

a escola não muda a sociedade, mas pode, partilhando esse projeto com segmentos sociais que assumem os princípios democráticos, articulando-se a eles, constituir-se não apenas como espaço de reprodução, mas também como espaço de transformação.<sup>275</sup>

Ainda segundo os PCNs, o exercício da cidadania requer:

Desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania.<sup>276</sup>

Em janeiro de 2003, foi promulgada a Lei nº 10.639/2003, fruto de lutas históricas do Movimento Negro Brasileiro. Para Melo, ao assumir que à população negra brasileira têm sido negados historicamente, de forma velada ou não, direitos humanos fundamentais e que ela sofre as consequências nefastas de séculos de discriminação e racismo, urge pensar e tomar medidas contundentes nas diversas esferas governamentais no sentido de proporcionar o equilíbrio e a igualdade de

<sup>274</sup> FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996, p. 66.

<sup>275</sup> BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)*. Introdução, Ensino Fundamental, 1998, p. 5.

<sup>276</sup> BRASIL, 1998, p. 6.

condições de existência, garantindo o respeito e a dignidade a todos os afrodescendentes em nosso país.<sup>277</sup>

No campo educacional, a Lei nº 10.639/2003 traz no seu contexto os anseios dos afro-brasileiros, principalmente aqueles ligados aos movimentos sociais e de articulação dos direitos civis, políticos, sociais e econômicos, de valorização de sua historicidade, riqueza cultural e da ancestralidade africana.<sup>278</sup>

A escola ocupa papel de importância na transformação do processo de exclusão social, pois a compreensão da dinâmica das relações raciais no ambiente escolar representa uma importante ferramenta no combate ao racismo e às desigualdades predominantes na sociedade.

Como afirmam Germano e Gomes, a Lei nº 10.639/2003 sinaliza para um modelo educacional que prioriza a diversidade cultural da sociedade brasileira e, portanto, da sala de aula, de modo que as ideias de reconhecimento, respeito à pluralidade cultural, democracia e cidadania prevaleçam em todas as relações que envolvem a Educação e a comunidade escolar, desde o processo de formulação de políticas educacionais, de elaboração de currículos escolares e de formação de docentes até as atividades pedagógicas, metodológicas e de acolhimento de educando.<sup>279</sup>

A nova Constituição Federal, em 1988, trouxe o amparo que confere às minorias o direito à diversidade. Constitui um de seus objetivos fundamentais, “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, etnia, idade e quaisquer outras formas de discriminação”.<sup>280</sup> Nossa democracia racial não permite a livre manifestação, de modo que qualquer dificuldade de desenvolvimento ou conquista de objetivos passa a ser considerada culpa do próprio indivíduo. Nesse caso, cabe evidenciar que:

---

<sup>277</sup> MELO, André Magri Ribeiro de. *Aplicação da lei 11.645/08 e as matrizes curriculares de literatura e cultura afro-brasileira na educação tecnológica*. 2010, p. 4. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/autores/andremagri07hotmailcom>>. Acesso em: 18 fev. 2018.

<sup>278</sup> NASCIMENTO, Daniele Galvani do. *A Lei 10.639/03 entre a teoria e a prática escolar: história e cultura afro-brasileira e africana em uma escola no município de Franca/SP*. Dissertação (Mestrado Profissional) – Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. 2018, p. 87.

<sup>279</sup> GERMANO, Antônio; GOMES, Manuel Tavares. A efetivação da História e Cultura Afro-brasileiras e Africanas no ensino público e privado: um estudo comparativo entre duas escolas. In: II CONGRESSO NACIONAL AFRICANIDADES E BRASILIDADES. 2014. Universidade Federal do Espírito Santo. 2014, p. 6-7.

<sup>280</sup> BRASIL, 1988, p. 3.

[...] faz-se necessário corromper a ordem dos currículos escolares, que insistem em apresentar a produção cultural eurocêntrica como único conhecimento científico válido. ... diferentes grupos que constituíram esse país: os brancos, negros e índios. Quais culturas, quais saberes e fazeres se produziram das relações entre diferentes culturas elaboradas por índios, negros e brancos? <sup>281</sup>

Conforme Mayer, as dificuldades de trabalhar com o tema, as preocupações e receios, ainda persistem.<sup>282</sup> Algumas dessas dificuldades, por vezes, não dizem respeito apenas à falta de conteúdos e fontes de pesquisas, mas se estendem às experiências pessoais, medos, mágoas e inseguranças no trato da temática étnico-racial, que não devem ser ignorados, mas visitados. Os educadores precisam refletir sobre suas relações com o tema étnico-racial, sobre como se deram suas experiências como estudantes e como educadores, como mulher, homem, negro ou negra, branco ou indígena.<sup>283</sup>

Trabalhar com o tema é uma oportunidade de refletir sobre a própria identidade étnico-racial. Trata-se, portanto, de mudar não apenas conteúdos, mas o olhar e os sentidos dados a tais conteúdos. Entretanto a Lei nº 10.639/2003, que trata da inserção da História da Cultura Afro-Brasileira, é um instrumento para reposicionar o negro no mundo da educação. A cultura negra é, na verdade, instrumento de construção de outras visões de mundo alternativas à eurocêntrica, que domina a nossa formação, bem como ferramenta de construção de visões plurais e não apêndices, conteúdos a mais a ser trabalhados em momentos específicos, como o dia 13 de maio ou 20 de novembro, como citado na Lei 10.639/2003.<sup>284</sup> Essa leitura aparece nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana:

<sup>281</sup> SANTOS, I. A. A responsabilidade da escola na eliminação do preconceito racial: alguns caminhos. In: CAVALLEIRO, E. (Org.). *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Selo Negro, 2001, p. 106.

<sup>282</sup> MAYER, Bel Santos. ASHANTI: da concepção ao nascimento, muitas mãos, mães e pais. *Revista Ashanti*, Secretaria Municipal de Educação de Guarulhos-SP, Departamento de Orientações Educacionais e Pedagógicas (DOEP), 2010, p. 52. Disponível em: <[http://www.guarulhos.sp.gov.br/sites/default/files/ashanti\\_0.pdf](http://www.guarulhos.sp.gov.br/sites/default/files/ashanti_0.pdf)>. Acesso em: 08 dez. 2017. Grupo de Trabalho de Promoção da Igualdade Racial.

<sup>283</sup> MAYER, 2010, p. 53.

<sup>284</sup> LIMA, Gilvaneide Costa de. *A lei 10.639/03 e sua prática na Escola Municipal de Ensino Infantil Fundamental Firmo Santino da Silva*. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares), Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira-PB, 2014, p. 32.

[...] à luta histórica dos movimentos sociais negros por uma educação antirracista; à demonstração de manifestações do racismo no cotidiano escolar; os conceitos necessários à compreensão da questão racial no Brasil; ao poder das linguagens escolares na e para a reprodução de preconceitos raciais, bem como à histórica orientação eurocêntrica da educação brasileira; à ausência da história do continente africano e dos africanos no Brasil e/ou da produção historiográfica sobre esse continente produzida por brilhantes intelectuais africanos; os aspectos fundamentais da Geografia africana; e à concepção de mundo africano.<sup>285</sup>

Para Santos, a agenda estabelecida pela lei não indica apenas a inserção de conteúdos, mas, fundamentalmente, também, rever conteúdos que ocultam mais do que revelam, revendo práticas e posturas, conceitos e paradigmas, no sentido da construção de uma educação antirracista para a diversidade e para a igualdade social.<sup>286</sup>

A reflexão sobre a construção da identidade negra não pode prescindir da discussão da identidade como processo mais amplo e complexo, de dimensões pessoais e sociais inseparáveis, pois interligadas e construtoras da vida social.<sup>287</sup>

Para melhor entendimento da aplicação da Lei nº 10.639/2003 nas aulas de Educação Física, com enfoque na capoeira, foi elaborada uma pesquisa com professores que atuam na área da Educação Física no intuito de levantar dados para a compreensão de como está sendo aplicada a lei no contexto educacional. Para essa pesquisa foram entrevistados 15 professores de 12 escolas públicas municipais e estaduais da cidade de Jequié-BA, que tinham a Educação Física como componente curricular.

Para essa aproximação adotamos o método quanti-qualitativo, o qual consiste em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os professores quanto ao tema questionado, e também quantificá-los em relação à prática da capoeira. Buscando a melhor análise e interpretação dos dados, foi utilizado questionário semiestruturado com questões objetivas.

Os dados analisados mostram que 12 dos 15 professores entrevistados estavam na faixa etária entre 30 e 50 anos perfazendo um total de 80% e 100% (n=15) deles com tempo mínimo na docência de Educação Física de 10 anos. Todos

<sup>285</sup> HENRIQUES, R. Apresentação. In: \_\_\_\_\_. *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p. 8.

<sup>286</sup> SANTOS, Renato Emerson dos. *Diversidade, espaço e relações étnico-raciais: o negro na Geografia do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Gutenberg, 2007, p. 25.

<sup>287</sup> GOMES, Nilma Lino; MUNANGA, Kabengele. *Coleção Para Entender: O negro no Brasil de hoje*. São Paulo: Global, 2006, p. 58.



os 15 entrevistados são licenciados em Educação Física onde 86% (n=13) deles cursaram a graduação em instituição pública.

Dos entrevistados, 67% (n=10) se declararam católicos e 33% (n=05) informaram ser protestantes, ou seja 100% (n=15) dos professores que participaram desta pesquisa se declararam pertencentes ao Cristianismo. Segundo Cirolini, vale enfatizar que o rol dos direitos fundamentais do artigo 5º da nossa atual Constituição Federal, nos incisos VI e VIII, assegura aos cidadãos a liberdade de consciência e de crença, religiosa e de culto, além da garantia de proteção contra a discriminação por crença religiosa.<sup>288</sup> O princípio da laicidade mantém estreita relação com esses direitos fundamentais.

Os dados mostram que dos 15 professores entrevistados 47% (n=07) deles não trabalham com a capoeira nas aulas, alguns alegaram falta de espaço, material e/ou ainda o desconhecimento técnico da modalidade. No processo de ensino e aprendizagem da capoeira deve-se levar em consideração a ambiguidade dessa manifestação cultural. As pessoas lutam, jogam, brincam e dançam capoeira, e isso faz do seu aprendizado algo bastante enriquecedor. Além disso, é preciso considerar sua historicidade, contextualizando-a socialmente como produção cultural. “[...] A Educação Física brasileira precisa, assim, resgatar a capoeira enquanto manifestação cultural, ou seja, trabalhar com sua historicidade, não desencarná-la do movimento cultural e político que a gerou [...]”.<sup>289</sup>

Quando questionados se alguma disciplina do curso de graduação lhe deu subsídios para desenvolver o tema capoeira na escola, 100% (n=15) dos entrevistados responderam que sim. Santos e Palhares ressaltam que, de fato, uma das dificuldades da inserção da capoeira nos cursos de formação superior de professores de Educação Física diz respeito ao tratamento pedagógico dado a esse conhecimento, ou seja, como ensinar a capoeira.<sup>290</sup>

Ao tematizar a capoeira, o professor de Educação Física precisa lidar com esse conhecimento de maneira particular e diferente do que ocorre no campo específico da capoeira.

---

<sup>288</sup> CIROLINI, Társis. *Estado laico e liberdade religiosa: uma análise histórico-constitucional do uso de símbolos religiosos em espaços públicos no Brasil*. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Direito), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2012. p. 8.

<sup>289</sup> SOARES et al., 1992, p. 76.

<sup>290</sup> SANTOS, Gilbert de Oliveira; PALHARES, Leandro Ribeiro. A capoeira na formação docente de educação física. *Revista Pensar a Prática*, Goiânia, v. 13, n. 3, p. 114, 2010. p. 4. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/viewFile/9076/8398>>. Acesso em: 22 dez. 2017.

Quanto à abordagem religiosa no seu processo de formação, apenas 33% (n=05) dos entrevistados respondeu que sim Segundo Abid, a religiosidade da capoeira se manifesta em seus rituais, cânticos, celebração, memória dos ancestrais, da ligação com esse passado de luta e sofrimento.<sup>291</sup> A dimensão do “sagrado” na capoeira se mostra por esses aspectos, e por isso se pode dizer que a religiosidade é um componente importante da capoeira, sobretudo da capoeira angola, embora muitos grupos de capoeira regional também valorizem essa dimensão.

Quando questionados se já fizeram algum curso cujo tema capoeira foi abordado, dos 15 entrevistados apenas 47% (n=07) dos docentes responderam que sim e 53% (n=08) afirmaram que não. Após a formação em licenciatura é de grande relevância que os educadores busquem curso de formação para trazer ferramentas, assuntos relevantes ao momento atual e atualizações para a sua atuação.

Quanto a participação dos entrevistados em grupos de capoeira, 80% (n=12) afirmaram nunca terem participado. Os demais, 20% (n=03), sinalizaram o seu envolvimento em algum grupo.

Os professores foram unânimes ao sinalizarem a grande importância do trato do tema da capoeira no cotidiano das aulas, o que geralmente fazem. A capoeira apresenta-se como elemento de suma importância para a formação integral do educando, possibilitando, além do desenvolvimento físico, a mudança de comportamento e proporcionando o autoconhecimento e a análise crítica das potencialidades e limites.

Dos entrevistados, apenas 40% (n=06) trabalham a religiosidade ligada à capoeira em suas aulas. A capoeira, como manifestação da cultura afro-brasileira, conta a sua história e de seus executores, tendo a religiosidade como um dos pilares constituintes de seu imaginário social. É importante, portanto, que o educando conheça a capoeira não só como manifestação cultural, mas também todos seus aspectos, inclusive os religiosos.

---

<sup>291</sup> ABIB, 2006, p. 04.

## CONCLUSÃO

Esta dissertação de mestrado assumiu como objetivo compreender as contribuições atribuídas pela capoeira na formação da cultura afro-brasileira como símbolo da manifestação religiosa e cultural, muito importante para o entendimento dos laços que ligam a história brasileira à africana.

Realizou-se em primeiro lugar uma revisão da literatura sobre o tema, com abordagens de diversos autores para o entendimento de ideias e conceitos apresentados ao longo do trabalho.

Conclui-se que o estudo da capoeira é incerto quanto à sua origem e alguns mestres acreditam que foi uma criação dos africanos no Brasil. Oliveira afirma que o surgimento exato da capoeira no Brasil é desconhecido, mas provavelmente os responsáveis por sua manifestação e transmissão foram os negros africanos no Brasil.<sup>292</sup>

O presente estudo apresenta uma análise da história da capoeira como luta de resistência da população negra e escrava no Brasil. Buscou-se relacionar essa manifestação ao estudo da religião e observou-se, os símbolos religiosos explícitos e contidos na capoeira envolvidos no jogo, nos ritos e nos instrumentos que embasam a prática religiosa. A ritualidade gestual da capoeira atual expressa e reconta essa historicidade em múltiplas linguagens e em diversos momentos rituais.

Associou-se a capoeira à religião por meio das propostas de estudos, a fim de buscar a compreensão desta como cultura natural tributária de ensinamentos de várias vertentes da humanidade, trazendo lições de amor e de fraternidade. É considerada uma manifestação brasileira, mas com um sincretismo que mistura o catolicismo, os espíritos de origens indígenas e os orixás africanos. Assim, afirma-se neste estudo a amalgama existente entre a capoeira e as religiões em especial as de matrizes africanas.

Pela vinculação da história social da capoeira aos estudos da religião, crê-se ter possibilitado um aporte ao estudo de temas de grande relevância social, incluído nesse conjunto aquele que mereceu um enfoque deste trabalho, a saber, a intolerância expressa nas recriminações aos praticantes da capoeira.

---

<sup>292</sup> OLIVEIRA, 2007, p. 35.

Foi de suma importância trazer ao debate o estudo da capoeira e a diversidade da raiz africana, assim como sua rica cultura, como elementos estruturantes da formação cultural do Brasil, pois nossa história, ou seja, nossa ancestralidade, está intimamente ligada à África e às diversas tribos e povos que a compõem. A necessidade de estudar a capoeira reside no vínculo efetivo entre o campo religioso, representado pela tríade umbanda, candomblé e catolicismo, que carrega, na própria identidade étnico-racial, sua linhagem nas religiões afrodescendentes.

A finalidade desta pesquisa foi aproximar a disciplina de Educação Física aos temas religiosos contidos na prática da capoeira e mostrar a importância desta no combate à intolerância, além de oportunizar uma reflexão sobre a própria identidade étnico-racial.

Assim, entende-se a capoeira como meio de estudo e, por meio dela, permitir o entendimento das transformações socioculturais do Brasil, pois essa arte é símbolo da miscigenação de etnias e de resistência à opressão e à escravidão, difundindo-se na sociedade atual como instrumento multidimensional de valorização da cultura afrodescendente, principalmente em espaços educacionais e religiosos.

Percebeu-se que esclarecimentos acerca de símbolos religiosos, ritos e jogos nas rodas de capoeira são elementos fundamentais ao entendimento da prática da capoeira na sociedade atual, em que o sagrado e o profano são reinterpretados numa dinâmica expressa basicamente pelo corpo.

Entretanto, afirmou-se neste trabalho que a religiosidade na capoeira se manifesta pelos rituais, cânticos, celebração e memória dos ancestrais, na sua ligação com esse passado de luta e sofrimento. Esses saberes populares que determinam a religiosidade da capoeira expressam um vasto campo de significados e ligações com o “sagrado”, assim como muitas outras manifestações e tradições do universo da cultura popular no Brasil.

Percebeu-se que a disciplina Educação Física deve garantir a lei nº 10.639, que assegura a prática da capoeira nas instituições educacionais que sempre foi ligada a negros, escravos e descendentes de africanos. Dessa forma, é flagrante a resistência do racismo ao trabalho do tema nas escolas.

Vale salientar que, com base na pesquisa elaborada com professores de Educação Física, observou-se que a maioria dos entrevistados tem conhecimento e formação quanto à necessidade do trabalho com a capoeira e com sua base

religiosa no contexto educacional para a formação do educando, porém a maioria dos docentes não tratam do aspecto religioso por falta de conhecimentos que embasem sua prática, ficando evidente a falta de participação dos professores em cursos que tratam a capoeira e a religiosidade como tema central.

Sugere-se as instituições acadêmicas a criação de curso de pós - graduação e ou extensão cujo tema e abordagem principal seja a capoeira, religiosidade e cultura afro a fim de aproximar este conhecimento dos docentes de educação física da educação básica para que os mesmos possam garantir a lei 10639/03 nas unidades escolares para que a comunidade escolar pense na educação como perspectiva cidadã baseada na construção de valores éticos, enriquecendo a diversidade e formando cidadãos críticos capazes de atuar ativamente no contexto social.





## REFERÊNCIAS

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. *Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda*. Salvador: UFBA, 2005.

ACCURSO, et al. A capoeira no sapecca. In: 2º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2004, Belo Horizonte: *Anais...* Belo Horizonte: UFMG, 2004.

ALBUQUERQUE, Wanilson Navarro de. KOHL, Henrique Gerson. SOUZA, Edilson Fernandes de; GONDIN, Denis Foster. *Capoeira, religião e religiosidade: limites e possibilidades da capoeira como temática do conteúdo luta nas aulas de educação física escolar*. 2012, p. 6. Disponível em: <<https://even3storage.blob.core.windows.net/anais/66426.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

ALVARENGA, Rúbia Zanotelli de. Direitos Humanos e Dignidade da Pessoa Humana no Direito do Trabalho Brasileiro. *Revista Síntese Trabalhista*, ano XVII, n. 197, 2005, p. 28. Disponível em: <<http://www.ltr.com.br/loja/folheie/5263.pdf>>. Acesso em: 11 fev. 2018.

ALVES, Roberta de Souza. *Ensino de história e cultura afro-brasileira e africana: da lei ao cotidiano escolar*. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Unesp-Bauru, 2007.

ARAÚJO, Paulo Coelho. *Abordagens sócio antropológicas da luta/jogo da capoeira*. Portugal: PUBLISMAI, 1997.

AREIAS, Almir das. *O que é capoeira*. São Paulo. Braziliense, 1983.

ASSUNÇÃO, Mathias Rohring; VIEIRA, Luiz Renato. Mitos, controvérsias e fatos: construindo a história da capoeira. *Revista de Estudos Afro-Asiáticos*, Universidade Cândido Mendes, n. 34, 1999. p. 2. Disponível em: <<https://beribazu.files.wordpress.com/2012/11/mitos-controvc3a9rsias-e-fatos-construindo-a-histc3b3ria-da-capoeira.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2017.

\_\_\_\_\_. *Capoeira. The history of an Afro-brazilian martial art*. Routledge: London, 2005.

BALBINOT, Marino Luiz. *Da África pré-colonial à lei 10.639/2003*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, RS. 2015.

BARBARA, Rosa Maria. *A dança das Aiabas: dança corpo e cotidiano das mulheres do candomblé*. 2002. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo. 2002.

BARBOSA, Maria José Somerlate. Capoeira: a gramática do corpo e a dança das palavras. *Luso-Brazilian Review*. v. 42, n. 1, p. 1, 2005. Disponível em: <<http://cppa.com.br/attachments/File/Artigos/18230806.pdf>>. Acesso em: 6 mar. 2018.

BARROS, Wilkson Vasco Francisco Lima. A relação entre os direitos fundamentais e os direitos humanos: uma análise à luz da República Federativa do Brasil de 1988. *Revista Jus Navigandi*, 2016. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/54068/a-relacao-entre-os-direitos-fundamentais-e-os-direitos-humanos>. Acesso em: 10 mai. 2018.

BATALHA, Lenomar Nogueira; SILVA, Francirlano Matos. *Influência cultural africana: danças, jogos e brincadeiras na educação básica em Parintins-AM*. Amazonas: Realize editora, 2015.

BERNARDES, Matheus Luchi; FREITAS, Renato Lóss. *Possibilidades de organização do conteúdo capoeira na educação física escolar*. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Educação Física). Universidade Federal do Espírito Santo Vitória-ES, 2013.

BERNARDES, W. L. M. *Da nacionalidade: brasileiros natos e naturalizados*. 1. ed. Belo Horizonte: Del Rey, 1995.

BLAZIN, Damares Tomasin; SCALCO, Thais Fauro. *Manual de Normas da ABNT e Padronização para TCC e Monografia da Unifil*. Londrina: Centro Universitário Filadélfia, 2007.

BLACKING, John. *The Study of Man as Music-Maker*. New York: Mouton, 1979.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário português e latino*. Coimbra: Editora Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712.

BORGES, E. M. F. A Inclusão da História e da Cultura Afro-brasileira e Indígena nos Currículos da Educação Básica. *Revista Mestrado Historia Vassouras*, v. 12, n. 1, p. 71-84, 2010. Disponível em: <[http://revistacientifica.facmais.com.br/wp-content/uploads/2015/08/artigos/cultura\\_africana.pdf](http://revistacientifica.facmais.com.br/wp-content/uploads/2015/08/artigos/cultura_africana.pdf)>. Acesso em: 15 fev. 2018.

BRAGA, Pedro Paulo de Freitas. *Capoeira Angola: mandingas de criação e representações de luta*. 2009. 79p. Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de História, Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2009.

BRASIL. Constituição. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF. Senado, 1988.

\_\_\_\_\_. *Inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil*. Brasília: Ministério da Cultura, 2007.

\_\_\_\_\_. Lei Federal nº. 10.639, de 9/1/2003. Estabelece a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira no currículo da Rede de Ensino no Brasil. Brasília: Gráfica do Senado, 2003.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília: MEC, 2004. <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp->

content/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf>.  
Acesso em: 10 mai. 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Lei Federal nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Estabelece a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira no currículo da Rede de Ensino no Brasil. Brasília: Gráfica do Senado, 2003.

\_\_\_\_\_. *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)*. Introdução, Ensino Fundamental, 1998.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). v. 1. Brasília: MEC/SEF, 1997.

\_\_\_\_\_. *Proposta de Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana* (Lei 10.639/2003). Brasília: MEC, 2008.

BRITO, Álvaro de Azevedo Alves. Breves reflexões sobre a História Geral da Cidadania. *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, XIV, n. 94, 2011. Disponível em: <[http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=10686](http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=10686)>. Acesso em: 15 mai. 2018.

BRITO, Celso de. *A roda do mundo: os fundamentos da capoeira Angola globalizada*. 2010. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

BRITO, Elton Pereira. *Capoeira e religião*. Goiânia: Graset, 2004.

BRITO. A regulação da instanciação religiosa na capoeira angola globalizada: a relação entre o Grupo Irmãos Guerreiros e o Ilê Obá Silekê de Berlim, Alemanha. In: 30ª REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 2016, João Pessoa-PB. Disponível em: <[www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/download/26829/pdf](http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/download/26829/pdf)>. Acesso em: 17 fev. 2018.

BUENO, F. S. *Dicionário escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: MEC/CNME, 1957.

CAMPOS, Hélio. *Capoeira Regional: a escola de Mestre Bimba* (Mestre Xaréu). Salvador: EDUFBA, 2009.

CAPOEIRA, Nestor. *Capoeira: pequeno manual do jogador*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

CARVALHO, Jari Santos de. *Problematizando a inserção da capoeira nos processos de ensino*. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Física Escolar). Programa de Pós-Graduação do CEFD/UFSM, Universidade Federal de Santa Maria - RS, 2009.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 11. ed. São Paulo: Global, 2001.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

CIROLINI, Társis. *Estado laico e liberdade religiosa: uma análise histórico-constitucional do uso de símbolos religiosos em espaços públicos no Brasil*. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Direito), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS. 2012.

COELHO, Marcus Nascimento. *Linguagem corporal: o imaginário do corpo*. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 2000.

COLUMÁ, Jorge Felipe; CHAVES, Simone Freitas. O sagrado no jogo de capoeira. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 169-182, 2013, p. 171. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/ojs/index.php/tecap/article/view/10180>>. Acesso em: 2 mar. 2018.

CONFEEF. Capoeira. *Revista do CONFEEF*, Rio de Janeiro, n. 1, nov. 2001. DALLARI. *Direitos Humanos e Cidadania*. São Paulo: Moderna, 1998.

DALLARI, Dalmo de Abreu. *Direitos Humanos e Cidadania*. São Paulo: Moderna, 1998.

DECÂNIO, Ângelo. *A herança de Pastinha*. Salvador: São Salomão, 1996.

DEMO, Pedro. *Cidadania tutelada e cidadania assistida*. Campinas: Autores Associados, 1995. V.1.

DINIZ, Flávia Cachineski. *Capoeira Angola: identidade e trânsito musical*. 2011. Dissertação (Mestrado) - Escola de Música da Universidade Federal da Bahia-UFBA, Salvador. 2011.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FALCÃO, José Luiz Cirqueira. *O jogo da capoeira em jogo e a construção da práxis capoeirana*. 2004. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Tarcisio José. O uso da capoeira como instrumento psicossocial de inclusão. *Revista Projeção e Docência*, vol. 3, n 232. 2012. Disponível em: <<http://revista.faculdadeprojecao.edu.br/index.php/Projecao3/article/view/240>>. Acesso em: 22 fev. 2018.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade média: nascimento do ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2001.



FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

GALLEP, Cristiano M. *Foi agora que eu cheguei: a capoeira Angola e o desenvolvimento humano*. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso - Seminário de Formação em Pedagogia Waldorf Sítio das Fontes. Jaguariúna, São Paulo. 2009.

GALLO, Priscila Maria. Possibilidades de diálogos entre música, capoeira e uma obra literária infanto-juvenil. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras*, n. 31, 2017/1. Universidade Federal da Bahia - UFBA. 2005. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:X2GjcuKGpogJ:periodicos.ufes.br/contexto/article/download/14947/10541+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 6 fev. 2018.

GERMANO, Antônio; GOMES, Manuel Tavares. A efetivação da História e Cultura Afro-brasileiras e Africanas no ensino público e privado: um estudo comparativo entre duas escolas. In: II CONGRESSO NACIONAL AFRICANIDADES E BRASILIDADES. 2014. Universidade Federal do Espírito Santo. 2014.

GHEDIN, E.; FRANCO, M. A. S. *Questões de método na construção da pesquisa em educação*. São Paulo: Cortez, 2008.

GLASGOW, Roy. *Nzinga - Resistência africana à investida do colonialismo português em Angola, 1582 -1663*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1982.

GOMES, N. L. Escola e Diversidade Étnico-Cultural: um diálogo possível. In: Dayrell, J. (Org). *Múltiplos Olhares Sobre Educação e Cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

\_\_\_\_\_; JESUS, Rodrigo Ednilson de. As práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva de Lei 10.639/2003: desafios para a política educacional e indagações para a pesquisa. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 47, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n47/03.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

\_\_\_\_\_; MUNANGA, Kabengele. *Coleção Para Entender: O negro no Brasil de hoje*. São Paulo: Global, 2006.

GOULART, José Alipio. *Da fuga ao suicídio: aspectos da rebeldia dos escravos no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Conquista, 1972.

HEINE, Vinicius; SILVA, Gladson de Oliveira. *Capoeira, um instrumento psicomotor para a cidadania*. São Paulo: Phorte, 2008.

HENRIQUES, R. Apresentação. In: \_\_\_\_\_. *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/2003*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. Coordenação-Geral de Pesquisa, Documentação e Referência. Programa de Gestão Documental do IPHAN. Rio de Janeiro: IPHAN/Copedoc, 2008.



LARA, Larissa Michelle. *Dança de orixás e educação física: delineando perspectivas a partir dos rituais de candomblé*. *Revista da Educação Física*, UEM, Maringá, 2000. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3792>>. Acesso em: 8 mar. 2018.

LIMA, Gilvaneide Costa de. *A lei 10.639/03 e sua prática na Escola Municipal de Ensino Infantil Fundamental Firmo Santino da Silva*. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares), Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira-PB, 2014.

LIMA, Manoel Cordeiro. *Dicionário de capoeira*. Brasília: Edição do autor, 2005.

LIMA, Reginaldo Calado de. Representações de capoeira: o cenário em escolas de Maringá. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, 2014.

LIMA, Roberto Kant de; LIMA, Magali Alonso. *Capoeira e cidadania: negritude e identidade no Brasil Republicano*. *Revista de Antropologia*, n. 34, 1991. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111296>>. Acesso em: 21 fev. 2018.

LINS, Caroline. *Origem da capoeira no Brasil*. 2001. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

LOPES, Nei. *Logunedé: santo menino que velho respeita*. Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

\_\_\_\_\_. *O negro no Rio de Janeiro e sua tradição musical: partido alto, calango, chula e outras cantorias*. Rio de Janeiro: Pallas, 1992.

LOUREIRO, Fábio Luiz. *Capoeira e identidade cultural*. 2008. Dissertação (Mestrado). Programa de Educação, Administração e Comunicação, Universidade São Marcos, São Paulo, 2008.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1986.

MACEDO, Ana Paula Rezende. *As poesias da dança da Zebra: capoeira Angola e religiosidade*. 2004. Dissertação (Mestrado) - INHIS/UFU, Uberlândia, 2004.

MACHADO, Sara Abreu da Mata; ARAÚJO, Rosângela Costa. Capoeira Angola, corpo e ancestralidade: por uma educação libertadora. *Horizontes*, v. 33, n. 2, p. 99-112, 2015. p. 100. Disponível em: <<http://132.248.9.34/hevila/HorizontesBragancaPaulista/2015/vol33/no2/10.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

MAGALHÃES, A. S. S; MELO, L. S. A. Corpo, Movimento, Rito e Festa na Capoeira e no candomblé em Belém do Pará. *Anais... Simpósios da ABHR*, 2012. Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/view/458>>. Acesso em: 5 mar. 2018.

MARQUES, Joel Pires. *Capoeira: jogo atlético brasileiro*. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Licenciatura em Educação Física – Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2006.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória: o reinado do rosário do jatobá*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

MATA, João da. *A liberdade do corpo: soma, capoeira angola e anarquismo*. São Paulo: Editora Imaginário, 2001.

MATTEZ, Eduardo Corrêa. *Estudo sobre o ensino da capoeira*. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2007.

MATTOS, Regiane Augusto. *História e cultura afro-brasileira*. São Paulo: Contexto, 2009.

MAYER, Bel Santos. ASHANTI: Da concepção ao nascimento, muitas mãos, mães e pais. *Revista Ashanti*, Secretaria Municipal de Educação de Guarulhos-SP, Departamento de Orientações Educacionais e Pedagógicas (DOEP), 2010. Disponível em: <[http://www.guarulhos.sp.gov.br/sites/default/files/ashanti\\_0.pdf](http://www.guarulhos.sp.gov.br/sites/default/files/ashanti_0.pdf)>. Acesso em: 08 dez. 2017. Grupo de Trabalho de Promoção da Igualdade Racial.

MEDEIROS, Marilene Pereira Da Silva. *Capoeira: da marginalização à reafirmação identitária*. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização do Curso de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira), Departamento de História do Ceres, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Currais Novos-RN, 2016.

MELO, André Magri Ribeiro de. *Aplicação da lei 11.645/08 e as matrizes curriculares de literatura e cultura afro-brasileira na educação tecnológica*. 2010. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/autores/andremagri07hotmailcom>>. Acesso em: 18 fev. 2018.

MOURA, Jessica. *A Cidadania entre os antigos e os modernos*. 2017. Disponível em: <https://jessicamoura11.jusbrasil.com.br/artigos/456750383/a-cidadania-entre-os-antigos-e-os-modernos>. Acesso em: 12 mar. 2018.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NASCIMENTO, Daniele Galvani do. *A Lei 10.639/03 entre a teoria e a prática escolar: história e cultura afro-brasileira e africana em uma escola no município de Franca/SP*. Dissertação (Mestrado Profissional) – Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. 2018.

OLIVEIRA, Rogério Cruz de. Educação física e diversidade cultural: um diálogo possível. *Conexões*, Campinas, v. 5, n. 2, p. 19-30, 2007, p. 25. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637876>>. Acesso em: 12 set. 2017.

PALMA FILHO, João Cardoso. *Cidadania e educação. Cadernos de Pesquisa*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1998.

PAULA, Tania Regina de. BEZERRA, Wladimir Pereira. As vantagens do ensino da capoeira nas aulas de Educação Física Escolar. *Revista Digital*, Buenos Aires, ano 18, n. 188, 2014, p. 10. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd188/ensino-da-capoeira-nas-aulas-de-educacao-fisica.htm>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

QUINTÃO, S. M. L. *Teoria do Estado*. 1. ed. Belo Horizonte: Del Rey, 2001.

RIBEIRO, Marilene Viana; SANTOS, Juliana Cativo dos; PAIVA, Ignês Tereza Peixoto de. *A diversidade cultural no espaço escolar: superação, respeito às diferenças sociais, culturais e étnicas*. Campina Grande-PB: Editora Realize, 2014. Disponível em: <[https://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Modalidade\\_1datahora\\_09\\_06\\_2014\\_19\\_52\\_33\\_idinscrito\\_708\\_1067d8790b483749fa4bb0549f212c92.pdf](https://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Modalidade_1datahora_09_06_2014_19_52_33_idinscrito_708_1067d8790b483749fa4bb0549f212c92.pdf)>. Acesso em: 10 fev. 2018.

ROCHA, Kátia Janine. *Ética e Cidadania no Setor Público*. Cuiabá-MT: Escola Técnica da Universidade Federal do Paraná, 2008.

ROOS, Roseli Rezende. O preconceito Racial no Contexto Escolar. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia). Faculdade de Educação Federal do Rio Grande do Sul-FACED/UFRGS, Porto Alegre - RS, 2010.

ROSA, Rita de Cassia Quadros da. A Capoeira na escola e a Lei 10.639: um relato de experiência. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, Buenos Aires, ano 21, n. 222, 2016. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd222/a-valorizacao-da-historia-e-cultura-africana.htm>>. Acesso em: 11 fev. 2018.

SANTANA, Marcos Silvio de. *O que é cidadania*. 2014. Disponível em: <<http://www.advogado.adv.br/estudantesdireito/fadipa/marcossilviodesantana/cidadania.htm>>. Acesso em: 23 mar. 2018.

SANTOS, Gilbert de Oliveira; PALHARES, Leandro Ribeiro. A capoeira na formação docente de educação física. *Revista Pensar a Prática*, Goiânia, v. 13, n. 3, p. 114, 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/viewFile/9076/8398>>. Acesso em: 22 dez. 2017.

SANTOS, I. A. A responsabilidade da escola na eliminação do preconceito racial: alguns caminhos. In: CAVALLEIRO, E. (Org.). *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Selo Negro, 2001.

SANTOS, Renato Emerson dos. *Diversidade, espaço e relações étnico-raciais: O negro na Geografia do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Gutenberg, 2007.

SANTOS, Vilma Carvalho da Silva; PINTO, Heldina Pereira. A formação de professores e a educação das relações etnoraciais: desafios e possibilidades a partir da vigência da Lei 10639/03. In: XVII SEMANA ACADÊMICA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO; 2016. *Anais...* – Universidade e Comunidade: em busca

da transformação social v.1, n. 1, 2016. Disponível em: <<http://www.uneb.br/saepe/files/2016/01/20160036.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

SANTOS, Wanderson Rodrigo Marçal dos. *A importância da capoeira nas aulas de Educação Física Escola*. 2017. Trabalho conclusão de curso (Graduação em Educação Física) – Universidade Federal de Pernambuco, Vitória de Santo Antão-PE, 2017.

SILVA, Paula Cristina da Costa. Capoeira nas aulas de educação física: alguns apontamentos do processo ensino-aprendizado de professores. *Revista Brasileira Ciência Esporte*, Florianópolis, v. 33, n. 4, p. 889-903, 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32892011000400007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32892011000400007)>. Acesso em: 10 jan. 2018.

SOARES et al. *Metodologia do ensino de educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.

SOARES, Everton Barbosa; JULIO, Marli das Graças. A inserção da capoeira no currículo escolar. *Revista Digital*, Bueno Aires, ano 16, n. 156, 2011. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd156/a-insercao-da-capoeira-no-curriculo-escolar.htm>>. Acesso em: 23 fev. 2018.

SODRÉ, Muniz. *A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

\_\_\_\_\_. *Mestre Bimba: corpo de mandinga*. Rio de Janeiro: Manati, 2002.

SOUZA, Marina de Melo. *África e Brasil africano*. São Paulo: Ed. Ática, 2006.

SOUZA, S. A. R.; OLIVEIRA, A. A. B. Estruturação da capoeira como conteúdo da educação física no ensino fundamental e médio. *Revista da Educação Física*, Maringá, v. 12, n. 2. 2001. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3745/2577>>. Acesso em: 17 fev. 2018.

VASSALLO, Simone Pondé. Capoeiras e intelectuais: a construção coletiva da capoeira “Autêntica”. Rio de Janeiro: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 32, p. 106-124, 2003. p. 106. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2200>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

VICENTE, Gil. *Triunfo do Inverno*. Quimera: Lisboa, 1943.

VIEIRA, Sergio Luiz de Souza. *Capoeira: matriz cultural para uma educação física brasileira*. Dissertação (Mestrado). 1997. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

\_\_\_\_\_. *Da capoeira: como patrimônio cultural*. 2004. 193 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

VIEIRA, Luiz Renato. *O jogo de capoeira: cultura popular no Brasil*. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.

YAHN, Carla Alves de Carvalho. Um canto de luta e liberdade ecoa na capoeira angola. *Revista Crioula*, São Paulo, n. 7, 2010, p. 260. Disponível em: <<http://www.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/ColoquioLetras/carlaalves.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2018.

\_\_\_\_\_. *Versos, veredas e vadição: uma viagem no mundo da Capoeira Angola*. 2012. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista. 2012.





## ANEXO A - Apresentação do Questionário

Prezado(a) professor(a),

Eu, José Carlos Almeida Silva Filho, discente do curso de Mestrado em Ciências das Religiões da Faculdade Unida, e professor da Rede Estadual de Ensino da Bahia, solicito ao colega que possa colaborar com esta pesquisa intitulada: **CAPOEIRA, RELIGIÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA: AMÁLGAMA ENTRE RELIGIOSIDADE, CULTURA E PESSOALIDADE**, sob a orientação do prof. Dr. Francisco de Assis Souza dos Santos, respondendo as questões abaixo.

A fidedignidade dos dados fornecidos por você será de extrema importância para que este trabalho, em nível de mestrado, possa congrega todos os conhecimentos advindo de autores da área dos professores que atuam na escola. Nesse sentido, estamos somando saberes e esforços para que de fato colaboremos para a presença e o desenvolvimento da capoeira na escola também a partir da cultura religiosa nela presente.

Vale ressaltar que o seu nome será sempre mantido em sigilo, sendo identificado por siglas, que não terão nenhuma relação com sua identidade.

Agradecemos a participação do(a) colega, e como pesquisador principal me disponibilizo para o atendimento de dúvidas acerca da pesquisa e/ou do preenchimento dos dados, por *e-mail*, para [almeidashow@bol.com.br](mailto:almeidashow@bol.com.br) ou pelo telefone (73) 98849-1087.

Muito obrigado!

## ANEXO B - Questionário

### Dados Pessoais

Nome: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

Telefone: \_\_\_\_\_

### QUESTÕES

#### PARTE I

1. Idade: ( ) 20-30 anos ( ) 31-40 anos ( ) 41-50 anos ( ) acima de 51 anos
2. Sua Formação/ habilitação: ( ) Licenciatura ( ) Bacharelado ( ) Não Licenciatura
3. Coursou a graduação em qual instituição?  
( ) Público ( ) Privado
4. Ano de conclusão do seu curso:  
\_\_\_\_\_
5. Você tem algum credo religioso? Qual? ( ) sim \_\_\_\_\_ ( ) não.
6. Alguma disciplina do curso de graduação lhe deu subsídios para desenvolver o tema capoeira na escola? ( ) sim ( ) não. Caso sim, responda se existia uma abordagem religiosa no conteúdo. ( ) sim ( ) não.
7. Tempo de exercício na docência da educação física: \_\_\_\_\_ anos, \_\_\_\_\_ meses.
8. Você já fez algum curso cujo tema capoeira foi abordado? ( ) sim ( ) não  
Se sim, mencione o tema abordado.  
\_\_\_\_\_

Quando concluiu?  
\_\_\_\_\_

9. Tem participado de cursos, encontros ou congressos da área de Educação Física?  
( ) sim ( ) não.  
Caso sim, algum deles abordou o tema capoeira e religião ? ( ) sim ( ) não.

#### PARTE II

- 10- Você considera importante desenvolver o tema capoeira em suas aulas?  
( ) sim ( ) não.
- 11- Você utiliza esse tema em suas aulas?  
( ) sim ( ) não
- 12- Considerando que a capoeira se legitimou na sociedade de maneira multifacetada, você também trabalha a religiosidade com esse tema em suas aulas?  
( ) Sim ( ) Não  
Caso não, cite quais os principais motivos:  
\_\_\_\_\_

- 13- Você já participou de algum grupo de capoeira ? ( ) Sim ( ) Não

## ANEXO C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: CAPOEIRA, RELIGIÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA: AMÁLGAMA ENTRE RELIGIOSIDADE, CULTURA E PESSOALIDADE

Eu, \_\_\_\_\_, nascido/a em \_\_\_\_\_, portador/a do RG nº \_\_\_\_\_, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário do projeto de pesquisa supracitado, sob a responsabilidade do pesquisador Prof. José Carlos Almeida Silva Filho, discente do Curso de Mestrado em Ciências das Religiões, da Faculdade Unida, orientado pelo Prof. Dr. Francisco de Assis Souza dos Santos, membro do Curso de Mestrado em Ciências das Religiões da Faculdade Unida.

Assinando este termo de Consentimento estou ciente de que esta pesquisa tem como objetivo principal compreender, analisar e ressaltar o papel preponderante da capoeira, como relevante manifestação cultural e religiosa que muito tem contribuído na formação educacional e social do indivíduo, a partir do discurso dos professores. Para tal solicitam a minha colaboração participando de uma entrevista. O instrumento de coleta de dados é um questionário semiestruturado contendo questões objetivas e dissertativas, sendo que o contato interpessoal não oferece riscos de qualquer ordem a minha pessoa. A divulgação do trabalho terá finalidade acadêmica, esperando contribuir para um maior conhecimento do tema estudado. Tive a informação ainda que não sou obrigado a participar da pesquisa, podendo desistir a qualquer momento. A participação na entrevista é voluntária, sendo que não há nenhuma forma de remuneração pela participação. Tudo o que for escrito será confidencial e usado sem a identificação do colaborador.

Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Unida para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone (27) 3325-2071.

Poderei entrar em contato com os pesquisadores do estudo José Carlos Almeida Silva Filho, pelo telefone (73) 98849 1087 e pelo *e-mail* almeidashow@bol.com.br. Este Termo de Consentimento é feito em três vias, uma permanecendo em meu poder, outra com o pesquisador responsável e outra com a Faculdade Unida; Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa.

Jequié-BA, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

---

Nome e assinatura do professor voluntário

## ANEXO D - Termo de Consentimentos e Questionários preenchidos.

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**Título da Pesquisa: CAPOEIRA, RELIGIÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA MISTURA QUE ENVOLVE RELIGIOSIDADE, INTIMIDADE E CULTURA**

Eu, ALMIRO PIRES DE NOVAIS NETO, nascido/a em JEQUIÉ-BA, portador/a do RG nº. 0179428101, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário do projeto de pesquisa supracitado, sob a responsabilidade do pesquisador Prof. José Carlos Almeida Silva Filho, discente do Curso de Mestrado em Ciências das Religiões, da Faculdade Unida, orientado pelo Prof. Dr. Francisco de Assis Souza dos Santos, membro do Curso de Mestrado Mestrado em Ciências das Religiões da Faculdade Unida.

Assinando este termo de Consentimento estou ciente de que esta pesquisa tem como objetivo principal compreender, analisar e ressaltar o papel preponderante da capoeira, enquanto relevante manifestação cultural e religiosa que muito tem contribuído na formação educacional e social do indivíduo, a partir do discurso dos professores. Para tal solicitam a minha colaboração participando de uma entrevista. O instrumento de coleta de dados é um questionário semi-estruturado contendo questões objetivas e dissertativas sendo que o contato interpessoal não oferece riscos de qualquer ordem a minha pessoa. A divulgação do trabalho terá finalidade acadêmica, esperando contribuir para um maior conhecimento do tema estudado.

Tive a informação ainda que não sou obrigado a participar da pesquisa, podendo desistir a qualquer momento. A participação na entrevista é voluntária, sendo que não há qualquer forma de remuneração pela participação. Tudo o que for escrito será confidencial e usado sem a identificação do colaborador.

Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Unida para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone (27) 3325-2071

Poderei entrar em contato com os pesquisadores do estudo José Carlos Almeida Silva Filho, pelo telefone (73) 98849 1087 e pelo e-mail almeidashow@bol.com.br.

Esse Termo de Consentimento é feito em três vias, sendo que uma permanecerá em meu poder, outra com o pesquisador responsável e outra com a Faculdade Unida ;

Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa.

Jequié Ba, 21 de MARÇO de 2018.

Almiro Pires de Novais Neto

Nome e assinatura do professor voluntário

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**Título da Pesquisa: CAPOEIRA, RELIGIÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA MISTURA QUE ENVOLVE RELIGIOSIDADE, INTIMIDADE E CULTURA**

Eu, ANTONIO FRANCISCO REIS JUNIOR, nascido/a em JEQUIÉ - BAHIA, portador/a do RG nº. 07588863 87, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário do projeto de pesquisa supracitado, sob a responsabilidade do pesquisador Prof. José Carlos Almeida Silva Filho, discente do Curso de Mestrado em Ciências das Religiões, da Faculdade Unida, orientado pelo Prof. Dr. Francisco de Assis Souza dos Santos, membro do Curso de Mestrado em Ciências das Religiões da Faculdade Unida.

Assinando este termo de Consentimento estou ciente de que esta pesquisa tem como objetivo principal compreender, analisar e ressaltar o papel preponderante da capoeira, enquanto relevante manifestação cultural e religiosa que muito tem contribuído na formação educacional e social do indivíduo, a partir do discurso dos professores. Para tal solicitam a minha colaboração participando de uma entrevista. O instrumento de coleta de dados é um questionário semi-estruturado contendo questões objetivas e dissertativas sendo que o contato interpessoal não oferece riscos de qualquer ordem a minha pessoa. A divulgação do trabalho terá finalidade acadêmica, esperando contribuir para um maior conhecimento do tema estudado.

Tive a informação ainda que não sou obrigado a participar da pesquisa, podendo desistir a qualquer momento. A participação na entrevista é voluntária, sendo que não há qualquer forma de remuneração pela participação. Tudo o que for escrito será confidencial e usado sem a identificação do colaborador.

Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Unida para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone (27) 3325-2071

Poderei entrar em contato com os pesquisadores do estudo José Carlos Almeida Silva Filho, pelo telefone (73) 98849 1087 e pelo e-mail almeidashow@bol.com.br.

Esse Termo de Consentimento é feito em três vias, sendo que uma permanecerá em meu poder, outra com o pesquisador responsável e outra com a Faculdade Unida ;

Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa.

Jequié Ba, 25 de Março de 2018.

Antonio Francisco Reis Junior

Nome e assinatura do professor voluntário



**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**Título da Pesquisa: CAPOEIRA, RELIGIÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA MISTURA QUE ENVOLVE RELIGIOSIDADE, INTIMIDADE E CULTURA**

Eu, Danyel André de Romão, nascido/a em 31/03/1982, portador/a do RG nº. 0937836800, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário do projeto de pesquisa supracitado, sob a responsabilidade do pesquisador Prof. José Carlos Almeida Silva Filho, discente do Curso de Mestrado em Ciências das Religiões, da Faculdade Unida, orientado pelo Prof. Dr. Francisco de Assis Souza dos Santos, membro do Curso de Mestrado em Ciências das Religiões da Faculdade Unida.

Assinando este termo de Consentimento estou ciente de que esta pesquisa tem como objetivo principal compreender, analisar e ressaltar o papel preponderante da capoeira, enquanto relevante manifestação cultural e religiosa que muito tem contribuído na formação educacional e social do indivíduo, a partir do discurso dos professores. Para tal solicitam a minha colaboração participando de uma entrevista. O instrumento de coleta de dados é um questionário semi-estruturado contendo questões objetivas e dissertativas sendo que o contato interpessoal não oferece riscos de qualquer ordem a minha pessoa. A divulgação do trabalho terá finalidade acadêmica, esperando contribuir para um maior conhecimento do tema estudado.

Tive a informação ainda que não sou obrigado a participar da pesquisa, podendo desistir a qualquer momento. A participação na entrevista é voluntária, sendo que não há qualquer forma de remuneração pela participação. Tudo o que for escrito será confidencial e usado sem a identificação do colaborador.

Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Unida para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone (27) 3325-2071

Poderei entrar em contato com os pesquisadores do estudo José Carlos Almeida Silva Filho, pelo telefone (73) 98849 1087 e pelo e-mail almeidashow@bol.com.br.

Esse Termo de Consentimento é feito em três vias, sendo que uma permanecerá em meu poder, outra com o pesquisador responsável e outra com a Faculdade Unida ;

Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa.

Jequié Ba, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

Danyel André de Romão

Nome e assinatura do professor voluntário

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO****Título da Pesquisa: CAPOEIRA, RELIGIÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA MISTURA QUE ENVOLVE RELIGIOSIDADE, INTIMIDADE E CULTURA**

Eu, Eivaldo Raimundo de Albuquerque, nascido/a em 10/09/1978, portador/a do RG nº. 06065504-62, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário do projeto de pesquisa supracitado, sob a responsabilidade do pesquisador Prof. José Carlos Almeida Silva Filho, discente do Curso de Mestrado em Ciências das Religiões, da Faculdade Unida, orientado pelo Prof. Dr. Francisco de Assis Souza dos Santos, membro do Curso de Mestrado em Ciências das Religiões da Faculdade Unida.

Assinando este termo de Consentimento estou ciente de que esta pesquisa tem como objetivo principal compreender, analisar e ressaltar o papel preponderante da capoeira, enquanto relevante manifestação cultural e religiosa que muito tem contribuído na formação educacional e social do indivíduo, a partir do discurso dos professores. Para tal solicitam a minha colaboração participando de uma entrevista. O instrumento de coleta de dados é um questionário semi-estruturado contendo questões objetivas e dissertativas sendo que o contato interpessoal não oferece riscos de qualquer ordem a minha pessoa. A divulgação do trabalho terá finalidade acadêmica, esperando contribuir para um maior conhecimento do tema estudado.

Tive a informação ainda que não sou obrigado a participar da pesquisa, podendo desistir a qualquer momento. A participação na entrevista é voluntária, sendo que não há qualquer forma de remuneração pela participação. Tudo o que for escrito será confidencial e usado sem a identificação do colaborador.

Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Unida para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone (27) 3325-2071

Poderei entrar em contato com os pesquisadores do estudo José Carlos Almeida Silva Filho, pelo telefone (73) 98849 1087 e pelo e-mail almeidashow@bol.com.br.

Esse Termo de Consentimento é feito em três vias, sendo que uma permanecerá em meu poder, outra com o pesquisador responsável e outra com a Faculdade Unida ;

Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa.

Jequié Ba, 15 de março de 2018.

Eivaldo Raimundo de Albuquerque

Nome e assinatura do professor voluntário

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**Título da Pesquisa: CAPOEIRA, RELIGIÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA MISTURA QUE ENVOLVE RELIGIOSIDADE, INTIMIDADE E CULTURA**

Eu, Jackeline Dias Peixoto Santos, nascido/a em Jequié-BA, portador/a do RG nº. 5558005-04, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário do projeto de pesquisa supracitado, sob a responsabilidade do pesquisador Prof. José Carlos Almeida Silva Filho, discente do Curso de Mestrado em Ciências das Religiões, da Faculdade Unida, orientado pelo Prof. Dr. Francisco de Assis Souza dos Santos, membro do Curso de Mestrado Mestrado em Ciências das Religiões da Faculdade Unida.

Assinando este termo de Consentimento estou ciente de que esta pesquisa tem como objetivo principal compreender, analisar e ressaltar o papel preponderante da capoeira, enquanto relevante manifestação cultural e religiosa que muito tem contribuído na formação educacional e social do indivíduo, a partir do discurso dos professores. Para tal solicitam a minha colaboração participando de uma entrevista. O instrumento de coleta de dados é um questionário semi-estruturado contendo questões objetivas e dissertativas sendo que o contato interpessoal não oferece riscos de qualquer ordem a minha pessoa. A divulgação do trabalho terá finalidade acadêmica, esperando contribuir para um maior conhecimento do tema estudado.

Tive a informação ainda que não sou obrigado a participar da pesquisa, podendo desistir a qualquer momento. A participação na entrevista é voluntária, sendo que não há qualquer forma de remuneração pela participação. Tudo o que for escrito será confidencial e usado sem a identificação do colaborador.

Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Unida para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone (27) 3325-2071

Poderei entrar em contato com os pesquisadores do estudo José Carlos Almeida Silva Filho, pelo telefone (73) 98849 1087 e pelo e-mail almeidashow@bol.com.br.

Esse Termo de Consentimento é feito em três vias, sendo que uma permanecerá em meu poder, outra com o pesquisador responsável e outra com a Faculdade Unida ;

Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa.

Jequié Ba, 15 de março de 2018.

Jackeline Dias Peixoto Santos

Nome e assinatura do professor voluntário

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**Título da Pesquisa: CAPOEIRA, RELIGIÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA MISTURA QUE ENVOLVE RELIGIOSIDADE, INTIMIDADE E CULTURA**

Eu, JURACI REIS FILHO, nascido/a em 04/12/1963, portador/a do RG nº. 01.741.921-26, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário do projeto de pesquisa supracitado, sob a responsabilidade do pesquisador Prof. José Carlos Almeida Silva Filho, discente do Curso de Mestrado em Ciências das Religiões, da Faculdade Unida, orientado pelo Prof. Dr. Francisco de Assis Souza dos Santos, membro do Curso de Mestrado Mestrado em Ciências das Religiões da Faculdade Unida.

Assinando este termo de Consentimento estou ciente de que esta pesquisa tem como objetivo principal compreender, analisar e ressaltar o papel preponderante da capoeira, enquanto relevante manifestação cultural e religiosa que muito tem contribuído na formação educacional e social do indivíduo, a partir do discurso dos professores. Para tal solicitam a minha colaboração participando de uma entrevista. O instrumento de coleta de dados é um questionário semi-estruturado contendo questões objetivas e dissertativas sendo que o contato interpessoal não oferece riscos de qualquer ordem a minha pessoa. A divulgação do trabalho terá finalidade acadêmica, esperando contribuir para um maior conhecimento do tema estudado.

Tive a informação ainda que não sou obrigado a participar da pesquisa, podendo desistir a qualquer momento. A participação na entrevista é voluntária, sendo que não há qualquer forma de remuneração pela participação. Tudo o que for escrito será confidencial e usado sem a identificação do colaborador.

Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Unida para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone (27) 3325-2071

Poderei entrar em contato com os pesquisadores do estudo José Carlos Almeida Silva Filho, pelo telefone (73) 98849 1087 e pelo e-mail almeidashow@bol.com.br.

Esse Termo de Consentimento é feito em três vias, sendo que uma permanecerá em meu poder, outra com o pesquisador responsável e outra com a Faculdade Unida ;

Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa.

Jequié Ba, 20 de MARÇO de 2018.



Nome e assinatura do professor voluntário



**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**Título da Pesquisa: CAPOEIRA, RELIGIÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA MISTURA QUE ENVOLVE RELIGIOSIDADE, INTIMIDADE E CULTURA**

Eu, Karolena Ribeiro P.O. Melo, nascido/a em Jequié, portador/a do RG nº. 0915019540, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário do projeto de pesquisa supracitado, sob a responsabilidade do pesquisador Prof. José Carlos Almeida Silva Filho, discente do Curso de Mestrado em Ciências das Religiões, da Faculdade Unida, orientado pelo Prof. Dr. Francisco de Assis Souza dos Santos, membro do Curso de Mestrado Mestrado em Ciências das Religiões da Faculdade Unida.

Assinando este termo de Consentimento estou ciente de que esta pesquisa tem como objetivo principal compreender, analisar e ressaltar o papel preponderante da capoeira, enquanto relevante manifestação cultural e religiosa que muito tem contribuído na formação educacional e social do indivíduo, a partir do discurso dos professores. Para tal solicitam a minha colaboração participando de uma entrevista. O instrumento de coleta de dados é um questionário semi-estruturado contendo questões objetivas e dissertativas sendo que o contato interpessoal não oferece riscos de qualquer ordem a minha pessoa. A divulgação do trabalho terá finalidade acadêmica, esperando contribuir para um maior conhecimento do tema estudado.

Tive a informação ainda que não sou obrigado a participar da pesquisa, podendo desistir a qualquer momento. A participação na entrevista é voluntária, sendo que não há qualquer forma de remuneração pela participação. Tudo o que for escrito será confidencial e usado sem a identificação do colaborador.

Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Unida para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone (27) 3325-2071

Poderei entrar em contato com os pesquisadores do estudo José Carlos Almeida Silva Filho, pelo telefone (73) 98849 1087 e pelo e-mail almeidashow@bol.com.br.

Esse Termo de Consentimento é feito em três vias, sendo que uma permanecerá em meu poder, outra com o pesquisador responsável e outra com a Faculdade Unida ;

Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa.

Jequié Ba, 08 de Abril de 2018.

Karolena Ribeiro P.O. Melo

Nome e assinatura do professor voluntário



**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO****Título da Pesquisa: CAPOEIRA, RELIGIÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA MISTURA QUE ENVOLVE RELIGIOSIDADE, INTIMIDADE E CULTURA**

Eu, Rafaela Araujo Oliveira, nascido/a em Milagres, portador/a do RG nº. 1528450316, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário do projeto de pesquisa supracitado, sob a responsabilidade do pesquisador Prof. José Carlos Almeida Silva Filho, discente do Curso de Mestrado em Ciências das Religiões, da Faculdade Unida, orientado pelo Prof. Dr. Francisco de Assis Souza dos Santos, membro do Curso de Mestrado em Ciências das Religiões da Faculdade Unida.

Assinando este termo de Consentimento estou ciente de que esta pesquisa tem como objetivo principal compreender, analisar e ressaltar o papel preponderante da capoeira, enquanto relevante manifestação cultural e religiosa que muito tem contribuído na formação educacional e social do indivíduo, a partir do discurso dos professores. Para tal solicito a minha colaboração participando de uma entrevista. O instrumento de coleta de dados é um questionário semi-estruturado contendo questões objetivas e dissertativas sendo que o contato interpessoal não oferece riscos de qualquer ordem a minha pessoa. A divulgação do trabalho terá finalidade acadêmica, esperando contribuir para um maior conhecimento do tema estudado.

Tive a informação ainda que não sou obrigado a participar da pesquisa, podendo desistir a qualquer momento. A participação na entrevista é voluntária, sendo que não há qualquer forma de remuneração pela participação. Tudo o que for escrito será confidencial e usado sem a identificação do colaborador.

Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Unida para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone (27) 3325-2071

Poderei entrar em contato com os pesquisadores do estudo José Carlos Almeida Silva Filho, pelo telefone (73) 98849 1087 e pelo e-mail almeidashow@bol.com.br.

Esse Termo de Consentimento é feito em três vias, sendo que uma permanecerá em meu poder, outra com o pesquisador responsável e outra com a Faculdade Unida ;

Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa.

Jequié Ba, 15 de Março de 2018.

Rafaela Araujo Oliveira

Nome e assinatura do professor voluntário

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**Título da Pesquisa: CAPOEIRA, RELIGIÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA MISTURA QUE ENVOLVE RELIGIOSIDADE, INTIMIDADE E CULTURA**

Eu, Kevin Caribé Bispo, nascido/a em Jequié/BA, portador/a do RG nº. 0712603158, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário do projeto de pesquisa supracitado, sob a responsabilidade do pesquisador Prof. José Carlos Almeida Silva Filho, discente do Curso de Mestrado em Ciências das Religiões, da Faculdade Unida, orientado pelo Prof. Dr. Francisco de Assis Souza dos Santos, membro do Curso de Mestrado Mestrado em Ciências das Religiões da Faculdade Unida.

Assinando este termo de Consentimento estou ciente de que esta pesquisa tem como objetivo principal compreender, analisar e ressaltar o papel preponderante da capoeira, enquanto relevante manifestação cultural e religiosa que muito tem contribuído na formação educacional e social do indivíduo, a partir do discurso dos professores. Para tal solicitam a minha colaboração participando de uma entrevista. O instrumento de coleta de dados é um questionário semi-estruturado contendo questões objetivas e dissertativas sendo que o contato interpessoal não oferece riscos de qualquer ordem a minha pessoa. A divulgação do trabalho terá finalidade acadêmica, esperando contribuir para um maior conhecimento do tema estudado.

Tive a informação ainda que não sou obrigado a participar da pesquisa, podendo desistir a qualquer momento. A participação na entrevista é voluntária, sendo que não há qualquer forma de remuneração pela participação. Tudo o que for escrito será confidencial e usado sem a identificação do colaborador.

Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Unida para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone (27) 3325-2071

Poderei entrar em contato com os pesquisadores do estudo José Carlos Almeida Silva Filho, pelo telefone (73) 98849 1087 e pelo e-mail almeidashow@bol.com.br.

Esse Termo de Consentimento é feito em três vias, sendo que uma permanecerá em meu poder, outra com o pesquisador responsável e outra com a Faculdade Unida ;

Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa.

Jequié Ba, 15 de maço de 2018.

Kevin Caribé Bispo

**Nome e assinatura do professor voluntário**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**Título da Pesquisa: CAPOEIRA, RELIGIÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA MISTURA QUE ENVOLVE RELIGIOSIDADE, INTIMIDADE E CULTURA**

Eu, Luciano Benevides Miranda, nascido/a em 08/02/1976, portador/a do RG nº. 0474371700, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário do projeto de pesquisa supracitado, sob a responsabilidade do pesquisador Prof. José Carlos Almeida Silva Filho, discente do Curso de Mestrado em Ciências das Religiões, da Faculdade Unida, orientado pelo Prof. Dr. Francisco de Assis Souza dos Santos, membro do Curso de Mestrado Mestrado em Ciências das Religiões da Faculdade Unida.

Assinando este termo de Consentimento estou ciente de que esta pesquisa tem como objetivo principal compreender, analisar e ressaltar o papel preponderante da capoeira, enquanto relevante manifestação cultural e religiosa que muito tem contribuído na formação educacional e social do indivíduo, a partir do discurso dos professores. Para tal solicitam a minha colaboração participando de uma entrevista. O instrumento de coleta de dados é um questionário semi-estruturado contendo questões objetivas e dissertativas sendo que o contato interpessoal não oferece riscos de qualquer ordem a minha pessoa. A divulgação do trabalho terá finalidade acadêmica, esperando contribuir para um maior conhecimento do tema estudado.

Tive a informação ainda que não sou obrigado a participar da pesquisa, podendo desistir a qualquer momento. A participação na entrevista é voluntária, sendo que não há qualquer forma de remuneração pela participação. Tudo o que for escrito será confidencial e usado sem a identificação do colaborador.

Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Unida para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone (27) 3325-2071

Poderei entrar em contato com os pesquisadores do estudo José Carlos Almeida Silva Filho, pelo telefone (73) 98849 1087 e pelo e-mail almeidashow@bol.com.br.

Esse Termo de Consentimento é feito em três vias, sendo que uma permanecerá em meu poder, outra com o pesquisador responsável e outra com a Faculdade Unida ;

Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa.

Jequié Ba, 08 de Abril de 2018.

Luciano Benevides Miranda

**Nome e assinatura do professor voluntário**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**Título da Pesquisa: CAPOEIRA, RELIGIÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA MISTURA QUE ENVOLVE RELIGIOSIDADE, INTIMIDADE E CULTURA**

Eu, Maria Gorete Oliveira Santos, nascido/a em Irajuba, portador/a do RG nº. 03.571.558-82, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário do projeto de pesquisa supracitado, sob a responsabilidade do pesquisador Prof. José Carlos Almeida Silva Filho, discente do Curso de Mestrado em Ciências das Religiões, da Faculdade Unida, orientado pelo Prof. Dr. Francisco de Assis Souza dos Santos, membro do Curso de Mestrado em Ciências das Religiões da Faculdade Unida.

Assinando este termo de Consentimento estou ciente de que esta pesquisa tem como objetivo principal compreender, analisar e ressaltar o papel preponderante da capoeira, enquanto relevante manifestação cultural e religiosa que muito tem contribuído na formação educacional e social do indivíduo, a partir do discurso dos professores. Para tal solicitam a minha colaboração participando de uma entrevista. O instrumento de coleta de dados é um questionário semi-estruturado contendo questões objetivas e dissertativas sendo que o contato interpessoal não oferece riscos de qualquer ordem a minha pessoa. A divulgação do trabalho terá finalidade acadêmica, esperando contribuir para um maior conhecimento do tema estudado.

Tive a informação ainda que não sou obrigado a participar da pesquisa, podendo desistir a qualquer momento. A participação na entrevista é voluntária, sendo que não há qualquer forma de remuneração pela participação. Tudo o que for escrito será confidencial e usado sem a identificação do colaborador.

Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Unida para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone (27) 3325-2071

Poderei entrar em contato com os pesquisadores do estudo José Carlos Almeida Silva Filho, pelo telefone (73) 98849 1087 e pelo e-mail almeidashow@bol.com.br.

Esse Termo de Consentimento é feito em três vias, sendo que uma permanecerá em meu poder, outra com o pesquisador responsável e outra com a Faculdade Unida;

Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa.

Jequié Ba, 28 de março de 2018.

Maria Gorete Oliveira Santos

Nome e assinatura do professor voluntário



**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**Título da Pesquisa: CAPOEIRA, RELIGIÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA MISTURA QUE ENVOLVE RELIGIOSIDADE, INTIMIDADE E CULTURA**

Eu, Naiane Novais Silva, nascido/a em 14/03/1986, portador/a do RG nº. 08811950 57, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário do projeto de pesquisa supracitado, sob a responsabilidade do pesquisador Prof. José Carlos Almeida Silva Filho, discente do Curso de Mestrado em Ciências das Religiões, da Faculdade Unida, orientado pelo Prof. Dr. Francisco de Assis Souza dos Santos, membro do Curso de Mestrado Mestrado em Ciências das Religiões da Faculdade Unida.

Assinando este termo de Consentimento estou ciente de que esta pesquisa tem como objetivo principal compreender, analisar e ressaltar o papel preponderante da capoeira, enquanto relevante manifestação cultural e religiosa que muito tem contribuído na formação educacional e social do indivíduo, a partir do discurso dos professores. Para tal solicito a minha colaboração participando de uma entrevista. O instrumento de coleta de dados é um questionário semi-estruturado contendo questões objetivas e dissertativas sendo que o contato interpessoal não oferece riscos de qualquer ordem a minha pessoa. A divulgação do trabalho terá finalidade acadêmica, esperando contribuir para um maior conhecimento do tema estudado.

Tive a informação ainda que não sou obrigado a participar da pesquisa, podendo desistir a qualquer momento. A participação na entrevista é voluntária, sendo que não há qualquer forma de remuneração pela participação. Tudo o que for escrito será confidencial e usado sem a identificação do colaborador.

Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Unida para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone (27) 3325-2071

Poderei entrar em contato com os pesquisadores do estudo José Carlos Almeida Silva Filho, pelo telefone (73) 98849 1087 e pelo e-mail almeidashow@bol.com.br.

Esse Termo de Consentimento é feito em três vias, sendo que uma permanecerá em meu poder, outra com o pesquisador responsável e outra com a Faculdade Unida;

Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa.

Jequié Ba, 14 de Março de 2018.

Naiane Novais Silva

Nome e assinatura do professor voluntário



**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**Título da Pesquisa: CAPOEIRA, RELIGIÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA MISTURA QUE ENVOLVE RELIGIOSIDADE, INTIMIDADE E CULTURA**

Eu, Paulo dos Reis Neto, nascido/a em Itaberá - BA, portador/a do RG nº. 0973530430, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário do projeto de pesquisa supracitado, sob a responsabilidade do pesquisador Prof. José Carlos Almeida Silva Filho, discente do Curso de Mestrado em Ciências das Religiões, da Faculdade Unida, orientado pelo Prof. Dr. Francisco de Assis Souza dos Santos, membro do Curso de Mestrado Mestrado em Ciências das Religiões da Faculdade Unida.

Assinando este termo de Consentimento estou ciente de que esta pesquisa tem como objetivo principal compreender, analisar e ressaltar o papel preponderante da capoeira, enquanto relevante manifestação cultural e religiosa que muito tem contribuído na formação educacional e social do indivíduo, a partir do discurso dos professores. Para tal solicitam a minha colaboração participando de uma entrevista. O instrumento de coleta de dados é um questionário semi-estruturado contendo questões objetivas e dissertativas sendo que o contato interpessoal não oferece riscos de qualquer ordem a minha pessoa. A divulgação do trabalho terá finalidade acadêmica, esperando contribuir para um maior conhecimento do tema estudado.

Tive a informação ainda que não sou obrigado a participar da pesquisa, podendo desistir a qualquer momento. A participação na entrevista é voluntária, sendo que não há qualquer forma de remuneração pela participação. Tudo o que for escrito será confidencial e usado sem a identificação do colaborador.

Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Unida para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone (27) 3325-2071

Poderei entrar em contato com os pesquisadores do estudo José Carlos Almeida Silva Filho, pelo telefone (73) 98849 1087 e pelo e-mail almeidashow@bol.com.br.

Esse Termo de Consentimento é feito em três vias, sendo que uma permanecerá em meu poder, outra com o pesquisador responsável e outra com a Faculdade Unida ;

Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa.

Jequié Ba, 28 de Maio de 2018.

Paulo dos Reis Neto

Nome e assinatura do professor voluntário

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**Título da Pesquisa: CAPOEIRA, RELIGIÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA MISTURA QUE ENVOLVE RELIGIOSIDADE, INTIMIDADE E CULTURA**

Eu, Sylvia Brandão Meireles Rorally nascido/a em 23/03/1978, portador/a do RG nº. 0785828818, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário do projeto de pesquisa supracitado, sob a responsabilidade do pesquisador Prof. José Carlos Almeida Silva Filho, discente do Curso de Mestrado em Ciências das Religiões, da Faculdade Unida, orientado pelo Prof. Dr. Francisco de Assis Souza dos Santos, membro do Curso de Mestrado Mestrado em Ciências das Religiões da Faculdade Unida.

Assinando este termo de Consentimento estou ciente de que esta pesquisa tem como objetivo principal compreender, analisar e ressaltar o papel preponderante da capoeira, enquanto relevante manifestação cultural e religiosa que muito tem contribuído na formação educacional e social do indivíduo, a partir do discurso dos professores. Para tal solicitam a minha colaboração participando de uma entrevista. O instrumento de coleta de dados é um questionário semi-estruturado contendo questões objetivas e dissertativas sendo que o contato interpessoal não oferece riscos de qualquer ordem a minha pessoa. A divulgação do trabalho terá finalidade acadêmica, esperando contribuir para um maior conhecimento do tema estudado.

Tive a informação ainda que não sou obrigado a participar da pesquisa, podendo desistir a qualquer momento. A participação na entrevista é voluntária, sendo que não há qualquer forma de remuneração pela participação. Tudo o que for escrito será confidencial e usado sem a identificação do colaborador.

Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Unida para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone (27) 3325-2071

Poderei entrar em contato com os pesquisadores do estudo José Carlos Almeida Silva Filho, pelo telefone (73) 98849 1087 e pelo e-mail almeidashow@bol.com.br.

Esse Termo de Consentimento é feito em três vias, sendo que uma permanecerá em meu poder, outra com o pesquisador responsável e outra com a Faculdade Unida ;

Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa.

Jequié Ba, 15 de março de 2018.

Sylvia Brandão Meireles Rorally

Nome e assinatura do professor voluntário

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**Título da Pesquisa: CAPOEIRA, RELIGIÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA MISTURA QUE ENVOLVE RELIGIOSIDADE, INTIMIDADE E CULTURA**

Eu, Tônia Druzla P. de Almeida, nascido/a em 11/01/1974, portador/a do RG nº. 03712.516-80, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário do projeto de pesquisa supracitado, sob a responsabilidade do pesquisador Prof. José Carlos Almeida Silva Filho, discente do Curso de Mestrado em Ciências das Religiões, da Faculdade Unida, orientado pelo Prof. Dr. Francisco de Assis Souza dos Santos, membro do Curso de Mestrado Mestrado em Ciências das Religiões da Faculdade Unida.

Assinando este termo de Consentimento estou ciente de que esta pesquisa tem como objetivo principal compreender, analisar e ressaltar o papel preponderante da capoeira, enquanto relevante manifestação cultural e religiosa que muito tem contribuído na formação educacional e social do indivíduo, a partir do discurso dos professores. Para tal solicitam a minha colaboração participando de uma entrevista. O instrumento de coleta de dados é um questionário semi-estruturado contendo questões objetivas e dissertativas sendo que o contato interpessoal não oferece riscos de qualquer ordem a minha pessoa. A divulgação do trabalho terá finalidade acadêmica, esperando contribuir para um maior conhecimento do tema estudado.

Tive a informação ainda que não sou obrigado a participar da pesquisa, podendo desistir a qualquer momento. A participação na entrevista é voluntária, sendo que não há qualquer forma de remuneração pela participação. Tudo o que for escrito será confidencial e usado sem a identificação do colaborador.

Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Unida para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone (27) 3325-2071

Poderei entrar em contato com os pesquisadores do estudo José Carlos Almeida Silva Filho, pelo telefone (73) 98849 1087 e pelo e-mail almeidashow@bol.com.br.

Esse Termo de Consentimento é feito em três vias, sendo que uma permanecerá em meu poder, outra com o pesquisador responsável e outra com a Faculdade Unida;

Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa.

Jequié Ba, 28 de março de 2018.

Tônia Druzla Pinópo de Almeida

Nome e assinatura do professor voluntário

**Dados Pessoais**

Nome: \_\_\_\_\_  
 E-mail: \_\_\_\_\_  
 Telefone: \_\_\_\_\_

**QUESTÕES****PARTE I**

1. Idade: ( ) 20-30 anos ( ) 31-40 anos ( ) 41-50 anos () acima de 51 anos
2. Sua Formação/ habilitação: () Licenciatura ( ) Bacharelado ( ) Não Licenciatura
3. Cursou a graduação em qual instituição?  
 ( ) Público (  ) Privado
4. Ano de conclusão do seu curso:  
 \_\_\_\_\_ 1989 \_\_\_\_\_
5. Você tem algum credo religioso? Qual? () sim CATÓLICO ( ) não.
6. Alguma disciplina do curso de graduação lhe deu subsídios para desenvolver o tema capoeira na escola? () sim ( ) não. Caso sim, responda se existia uma abordagem religiosa no conteúdo.  
 ( ) sim () não.
7. Tempo de exercício na docência da educação física: 27 anos, \_\_\_\_\_ meses.
8. Você já fez algum curso cujo tema capoeira foi abordado? () sim ( ) não  
 Se sim, mencione o tema abordado.  
CAPOEIRA NA ESCOLA  
 Quando concluiu?  
2010
9. Tem participado de cursos, encontros ou congressos da área de Educação Física?  
 sim ( ) não.  
 Caso sim, algum deles abordou o tema capoeira e religião? ( ) sim () não.

**PARTE II**

- 10- Você considera importante desenvolver o tema capoeira em suas aulas?  
 sim ( ) não.
- 11- Você utiliza esse tema em suas aulas?  
 sim ( ) não
- 12- Considerando que a capoeira se legitimou na sociedade de maneira multifacetada, você também trabalha a religiosidade com esse tema em suas aulas?  
 ( ) Sim () Não  
 Caso não, cite quais os principais motivos:  
 \_\_\_\_\_
- 13- Você já participou de algum grupo de capoeira? ( ) Sim () Não

**Dados Pessoais**

Nome: \_\_\_\_\_  
 E-mail: \_\_\_\_\_  
 Telefone: \_\_\_\_\_

**QUESTÕES****PARTE I**

1. Idade: ( ) 20-30 anos  31-40 anos ( ) 41-50 anos ( ) acima de 51 anos
2. Sua Formação/ habilitação:  Licenciatura ( ) Bacharelado ( ) Não Licenciatura
3. Cursou a graduação em qual instituição?  
 Público ( ) Privado
4. Ano de conclusão do seu curso:  
 \_\_\_\_\_ 2002 \_\_\_\_\_
5. Você tem algum credo religioso? Qual?  sim CATÓLICO ( ) não.
6. Alguma disciplina do curso de graduação lhe deu subsídios para desenvolver o tema capoeira na escola?  sim ( ) não. Caso sim, responda se existia uma abordagem religiosa no conteúdo.  
 ( ) sim  não.
7. Tempo de exercício na docência da educação física: 15 anos, \_\_\_\_\_ meses.
8. Você já fez algum curso cujo tema capoeira foi abordado? ( ) sim  não  
 Se sim, mencione o tema abordado.

Quando concluiu?

\_\_\_\_\_

9. Tem participado de cursos, encontros ou congressos da área de Educação Física?  
 sim ( ) não.  
 Caso sim, algum deles abordou o tema capoeira e religião? ( ) sim  não.

**PARTE II**

- 10- Você considera importante desenvolver o tema capoeira em suas aulas?  
 sim ( ) não.
- 11- Você utiliza esse tema em suas aulas?  
 sim ( ) não
- 12- Considerando que a capoeira se legitimou na sociedade de maneira multifacetada, você também trabalha a religiosidade com esse tema em suas aulas?  
 Sim ( ) Não  
 Caso não, cite quais os principais motivos:

- 13- Você já participou de algum grupo de capoeira?  Sim ( ) Não



**Dados Pessoais**

Nome: \_\_\_\_\_  
 E-mail: \_\_\_\_\_  
 Telefone: \_\_\_\_\_

**QUESTÕES****PARTE I**

1. Idade: ( ) 20-30 anos () 31-40 anos ( ) 41-50 anos ( ) acima de 51 anos
2. Sua Formação/ habilitação: () Licenciatura ( ) Bacharelado ( ) Não Licenciatura
3. Cursou a graduação em qual instituição?  
 (  ) Público ( ) Privado
4. Ano de conclusão do seu curso:  
 \_\_\_\_\_ 2008 \_\_\_\_\_
5. Você tem algum credo religioso? Qual? () sim CATÓLICA ( ) não.
6. Alguma disciplina do curso de graduação lhe deu subsídios para desenvolver o tema capoeira na escola? () sim ( ) não. Caso sim, responda se existia uma abordagem religiosa no conteúdo. () sim ( ) não.
7. Tempo de exercício na docência da educação física: 10 anos, \_\_\_\_\_ meses.
8. Você já fez algum curso cujo tema capoeira foi abordado? ( ) sim () não  
 Se sim, mencione o tema abordado.  
 \_\_\_\_\_  
 Quando concluiu?  
 \_\_\_\_\_
9. Tem participado de cursos, encontros ou congressos da área de Educação Física?  
 ( ) sim () não.  
 Caso sim, algum deles abordou o tema capoeira e religião? ( ) sim ( ) não.

**PARTE II**

- 10- Você considera importante desenvolver o tema capoeira em suas aulas?  
 sim ( ) não.
- 11- Você utiliza esse tema em suas aulas?  
 sim ( ) não
- 12- Considerando que a capoeira se legitimou na sociedade de maneira multifacetada, você também trabalha a religiosidade com esse tema em suas aulas?  
 Sim ( ) Não  
 Caso não, cite quais os principais motivos:  
 \_\_\_\_\_

- 13- Você já participou de algum grupo de capoeira? ( ) Sim () Não

**Dados Pessoais**

Nome: \_\_\_\_\_  
 E-mail: \_\_\_\_\_  
 Telefone: ( \_\_\_\_\_ ) \_\_\_\_\_

**QUESTÕES****PARTE I**

1. Idade: ( ) 20-30 anos ( ) 31-40 anos ( ) 41-50 anos (x) acima de 51 anos
2. Sua Formação/ habilitação: (x) Licenciatura ( ) Bacharelado ( ) Não Licenciatura
3. Cursou a graduação em qual instituição?  
 ( ) Público (x) Privado
4. Ano de conclusão do seu curso: \_\_\_\_\_
5. Você tem algum credo religioso? Qual? (x) sim CATÓLICA ( ) não.
6. Alguma disciplina do curso de graduação lhe deu subsídios para desenvolver o tema capoeira na escola? (x) sim ( ) não. Caso sim, responda se existia uma abordagem religiosa no conteúdo.  
 (x) sim ( ) não.
7. Tempo de exercício na docência da educação física: 25 anos, \_\_\_\_\_ meses.
8. Você já fez algum curso cujo tema capoeira foi abordado? ( ) sim (x) não  
 Se sim, mencione o tema abordado.  
 \_\_\_\_\_  
 Quando concluiu?  
 \_\_\_\_\_
9. Tem participado de cursos, encontros ou congressos da área de Educação Física?  
 (x) sim ( ) não.  
 Caso sim, algum deles abordou o tema capoeira e religião? ( ) sim (x) não.

**PARTE II**

- 10- Você considera importante desenvolver o tema capoeira em suas aulas?  
 (x) sim ( ) não.
- 11- Você utiliza esse tema em suas aulas?  
 (x) sim ( ) não
- 12- Considerando que a capoeira se legitimou na sociedade de maneira multifacetada, você também trabalha a religiosidade com esse tema em suas aulas?  
 (x) Sim ( ) Não  
 Caso não, cite quais os principais motivos:  
 \_\_\_\_\_
- 13- Você já participou de algum grupo de capoeira? ( ) Sim (x) Não

**Dados Pessoais**

Nome: \_\_\_\_\_  
 E-mail: \_\_\_\_\_  
 Telefone: \_\_\_\_\_

**QUESTÕES****PARTE I**

1. Idade: ( ) 20-30 anos ( ) 31-40 anos () 41-50 anos ( ) acima de 51 anos
2. Sua Formação/ habilitação: ( ) Licenciatura ( ) Bacharelado ( ) Não Licenciatura
3. Cursou a graduação em qual instituição?  
 () Público ( ) Privado
4. Ano de conclusão do seu curso:  
 \_\_\_\_\_ 1996 \_\_\_\_\_
5. Você tem algum credo religioso? Qual? () sim CATÓLICA ( ) não.
6. Alguma disciplina do curso de graduação lhe deu subsídios para desenvolver o tema capoeira na escola? ( ) sim ( ) não. Caso sim, responda se existia uma abordagem religiosa no conteúdo.  
 ( ) sim ( ) não.
7. Tempo de exercício na docência da educação física: 24 anos, \_\_\_\_\_ meses.
8. Você já fez algum curso cujo tema capoeira foi abordado? ( ) sim () não  
 Se sim, mencione o tema abordado.  
 \_\_\_\_\_  
 Quando concluiu?  
 \_\_\_\_\_
9. Tem participado de cursos, encontros ou congressos da área de Educação Física?  
 () sim ( ) não.  
 Caso sim, algum deles abordou o tema capoeira e religião? ( ) sim ( ) não.

**PARTE II**

- 10- Você considera importante desenvolver o tema capoeira em suas aulas?  
 () sim ( ) não.
- 11- Você utiliza esse tema em suas aulas?  
 () sim ( ) não
- 12- Considerando que a capoeira se legitimou na sociedade de maneira multifacetada, você também trabalha a religiosidade com esse tema em suas aulas?  
 () Sim ( ) Não  
 Caso não, cite quais os principais motivos:  
 \_\_\_\_\_
- 13- Você já participou de algum grupo de capoeira? ( ) Sim () Não

**Dados Pessoais**

Nome: \_\_\_\_\_  
 E-mail: \_\_\_\_\_  
 Telefone: ( \_\_\_\_\_ ) \_\_\_\_\_

**QUESTÕES****PARTE I**

1. Idade: ( ) 20-30 anos ( ) 31-40 anos () 41-50 anos ( ) acima de 51 anos
2. Sua Formação/ habilitação: () Licenciatura ( ) Bacharelado ( ) Não Licenciatura
3. Cursou a graduação em qual instituição?  
 (  ) Público ( ) Privado
4. Ano de conclusão do seu curso:  
 \_\_\_\_\_ 2006 \_\_\_\_\_
5. Você tem algum credo religioso? Qual? () sim CATÓLICO ( ) não.
6. Alguma disciplina do curso de graduação lhe deu subsídios para desenvolver o tema capoeira na escola? () sim ( ) não. Caso sim, responda se existia uma abordagem religiosa no conteúdo.  
 ( ) sim () não.
7. Tempo de exercício na docência da educação física: 10 anos, \_\_\_\_\_ meses.
8. Você já fez algum curso cujo tema capoeira foi abordado? () sim ( ) não  
 Se sim, mencione o tema abordado.  
CAPOEIRA . A ESCOLA EM MOVIMENTO  
 Quando concluiu?  
2003
9. Tem participado de cursos, encontros ou congressos da área de Educação Física?  
 ( ) sim () não.  
 Caso sim, algum deles abordou o tema capoeira e religião ? ( ) sim ( ) não.

**PARTE II**

- 10- Você considera importante desenvolver o tema capoeira em suas aulas?  
 () sim ( ) não.
- 11- Você utiliza esse tema em suas aulas?  
 () sim ( ) não
- 12- Considerando que a capoeira se legitimou na sociedade de maneira multifacetada, você também trabalha a religiosidade com esse tema em suas aulas?  
 ( ) Sim () Não  
 Caso não, cite quais os principais motivos:  
 \_\_\_\_\_
- 13- Você já participou de algum grupo de capoeira ? ( ) Sim () Não

**Dados Pessoais**

Nome: \_\_\_\_\_  
 E-mail: \_\_\_\_\_  
 Telefone: (\_\_\_\_\_) \_\_\_\_\_

**QUESTÕES****PARTE I**

1. Idade:  20-30 anos ( ) 31-40 anos ( ) 41-50 anos ( ) acima de 51 anos
2. Sua Formação/ habilitação:  Licenciatura ( ) Bacharelado ( ) Não Licenciatura
3. Coursou a graduação em qual instituição?  
 Público ( ) Privado
4. Ano de conclusão do seu curso:  
 \_\_\_\_\_ 2015 \_\_\_\_\_
5. Você tem algum credo religioso? Qual?  sim EVANGÉLICA ( ) não.
6. Alguma disciplina do curso de graduação lhe deu subsídios para desenvolver o tema capoeira na escola?  sim ( ) não. Caso sim, responda se existia uma abordagem religiosa no conteúdo.  
 sim ( ) não.
7. Tempo de exercício na docência da educação física: 10 anos, \_\_\_\_\_ meses.
8. Você já fez algum curso cujo tema capoeira foi abordado? ( ) sim  não  
 Se sim, mencione o tema abordado.  
 \_\_\_\_\_  
 Quando concluiu?  
 \_\_\_\_\_
9. Tem participado de cursos, encontros ou congressos da área de Educação Física?  
 sim ( ) não.  
 Caso sim, algum deles abordou o tema capoeira e religião? ( ) sim  não.

**PARTE II**

- 10- Você considera importante desenvolver o tema capoeira em suas aulas?  
 sim ( ) não.
- 11- Você utiliza esse tema em suas aulas?  
 sim ( ) não
- 12- Considerando que a capoeira se legitimou na sociedade de maneira multifacetada, você também trabalha a religiosidade com esse tema em suas aulas?  
 Sim ( ) Não  
 Caso não, cite quais os principais motivos:  
 \_\_\_\_\_
- 13- Você já participou de algum grupo de capoeira? ( ) Sim  Não



**Dados Pessoais**

Nome: \_\_\_\_\_  
 E-mail: \_\_\_\_\_  
 Telefone: \_\_\_\_\_

**QUESTÕES****PARTE I**

1. Idade: ( ) 20-30 anos  31-40 anos ( ) 41-50 anos ( ) acima de 51 anos
2. Sua Formação/ habilitação:  Licenciatura ( ) Bacharelado ( ) Não Licenciatura
3. Cursou a graduação em qual instituição?  
 Público ( ) Privado
4. Ano de conclusão do seu curso:  
 \_\_\_\_\_ 2002 \_\_\_\_\_
5. Você tem algum credo religioso? Qual?  sim EVANGÉLICA ( ) não.
6. Alguma disciplina do curso de graduação lhe deu subsídios para desenvolver o tema capoeira na escola?  sim ( ) não. Caso sim, responda se existia uma abordagem religiosa no conteúdo.  
 sim  não.
7. Tempo de exercício na docência da educação física: 15 anos, \_\_\_\_\_ meses.
8. Você já fez algum curso cujo tema capoeira foi abordado?  sim ( ) não  
 Se sim, mencione o tema abordado.  
CAPOEIRA NA ESCOLA  
 Quando concluiu?  
 \_\_\_\_\_ 2010 \_\_\_\_\_
9. Tem participado de cursos, encontros ou congressos da área de Educação Física?  
 sim ( ) não.  
 Caso sim, algum deles abordou o tema capoeira e religião? ( ) sim  não.

**PARTE II**

- 10- Você considera importante desenvolver o tema capoeira em suas aulas?  
 sim ( ) não.
- 11- Você utiliza esse tema em suas aulas?  
 sim ( ) não
- 12- Considerando que a capoeira se legitimou na sociedade de maneira multifacetada, você também trabalha a religiosidade com esse tema em suas aulas?  
 Sim ( ) Não  
 Caso não, cite quais os principais motivos:  
 \_\_\_\_\_
- 13- Você já participou de algum grupo de capoeira?  Sim ( ) Não

**Dados Pessoais**

Nome: \_\_\_\_\_  
 E-mail: \_\_\_\_\_  
 Telefone: \_\_\_\_\_

**QUESTÕES****PARTE I**

1. Idade: ( ) 20-30 anos () 31-40 anos ( ) 41-50 anos ( ) acima de 51 anos
2. Sua Formação/ habilitação: () Licenciatura ( ) Bacharelado ( ) Não Licenciatura
3. Cursou a graduação em qual instituição?  
 (  ) Público ( ) Privado
4. Ano de conclusão do seu curso:  
 \_\_\_\_\_ 2002 \_\_\_\_\_
5. Você tem algum credo religioso? Qual? () sim EVANGÉLICA ( ) não.
6. Alguma disciplina do curso de graduação lhe deu subsídios para desenvolver o tema capoeira na escola? () sim ( ) não. Caso sim, responda se existia uma abordagem religiosa no conteúdo.  
 ( ) sim () não.
7. Tempo de exercício na docência da educação física: 14 anos, \_\_\_\_\_ meses.
8. Você já fez algum curso cujo tema capoeira foi abordado? () sim ( ) não  
 Se sim, mencione o tema abordado.  
CAPOEIRA, COMPLEXIDADE E CULTURA  
 Quando concluiu?  
1999
9. Tem participado de cursos, encontros ou congressos da área de Educação Física?  
 () sim ( ) não.  
 Caso sim, algum deles abordou o tema capoeira e religião? ( ) sim () não.

**PARTE II**

- 10- Você considera importante desenvolver o tema capoeira em suas aulas?  
 () sim ( ) não.
- 11- Você utiliza esse tema em suas aulas?  
 ( ) sim () não
- 12- Considerando que a capoeira se legitimou na sociedade de maneira multifacetada, você também trabalha a religiosidade com esse tema em suas aulas?  
 ( ) Sim () Não  
 Caso não, cite quais os principais motivos:  
 \_\_\_\_\_
- 13- Você já participou de algum grupo de capoeira? () Sim ( ) Não

**Dados Pessoais**

Nome: \_\_\_\_\_  
 E-mail: \_\_\_\_\_  
 Telefone: \_\_\_\_\_

**QUESTÕES****PARTE I**

1. Idade: ( ) 20-30 anos () 31-40 anos ( ) 41-50 anos ( ) acima de 51 anos
2. Sua Formação/ habilitação: () Licenciatura ( ) Bacharelado ( ) Não Licenciatura
3. Cursou a graduação em qual instituição?  
 (  ) Público ( ) Privado
4. Ano de conclusão do seu curso:  
 \_\_\_\_\_ 2005 \_\_\_\_\_
5. Você tem algum credo religioso? Qual? () sim EVANGÉLICO ( ) não.
6. Alguma disciplina do curso de graduação lhe deu subsídios para desenvolver o tema capoeira na escola? () sim ( ) não. Caso sim, responda se existia uma abordagem religiosa no conteúdo.  
 ( ) sim () não.
7. Tempo de exercício na docência da educação física: 12 anos, \_\_\_\_\_ meses.
8. Você já fez algum curso cujo tema capoeira foi abordado? ( ) sim () não  
 Se sim, mencione o tema abordado.  
 \_\_\_\_\_  
 Quando concluiu?  
 \_\_\_\_\_
9. Tem participado de cursos, encontros ou congressos da área de Educação Física?  
 () sim ( ) não.  
 Caso sim, algum deles abordou o tema capoeira e religião? ( ) sim () não.

**PARTE II**

- 10- Você considera importante desenvolver o tema capoeira em suas aulas?  
 () sim ( ) não.
- 11- Você utiliza esse tema em suas aulas?  
 () sim ( ) não
- 12- Considerando que a capoeira se legitimou na sociedade de maneira multifacetada, você também trabalha a religiosidade com esse tema em suas aulas?  
 ( ) Sim () Não  
 Caso não, cite quais os principais motivos:  
FALTA DE CONHECIMENTO DO TEMA
- 13- Você já participou de algum grupo de capoeira? ( ) Sim () Não

**Dados Pessoais**

Nome: \_\_\_\_\_  
 E-mail: \_\_\_\_\_  
 Telefone: \_\_\_\_\_

**QUESTÕES****PARTE I**

1. Idade: ( ) 20-30 anos ( 31-40 anos ( ) 41-50 anos ( ) acima de 51 anos
2. Sua Formação/ habilitação: ( Licenciatura ( ) Bacharelado ( ) Não Licenciatura
3. Cursou a graduação em qual instituição?  
 (  ) Público ( ) Privado
4. Ano de conclusão do seu curso:  
 \_\_\_\_\_ 2011 \_\_\_\_\_
5. Você tem algum credo religioso? Qual? ( sim CATÓLICO ( ) não.
6. Alguma disciplina do curso de graduação lhe deu subsídios para desenvolver o tema capoeira na escola? ( sim ( ) não. Caso sim, responda se existia uma abordagem religiosa no conteúdo.  
 ( ) sim ( não.
7. Tempo de exercício na docência da educação física: 10 anos, \_\_\_\_\_ meses.
8. Você já fez algum curso cujo tema capoeira foi abordado? ( ) sim ( não  
 Se sim, mencione o tema abordado.  
 \_\_\_\_\_  
 Quando concluiu?  
 \_\_\_\_\_
9. Tem participado de cursos, encontros ou congressos da área de Educação Física?  
 sim ( ) não.  
 Caso sim, algum deles abordou o tema capoeira e religião? ( ) sim ( não.

**PARTE II**

- 10- Você considera importante desenvolver o tema capoeira em suas aulas?  
 sim ( ) não.
- 11- Você utiliza esse tema em suas aulas?  
 ( ) sim ( não)
- 12- Considerando que a capoeira se legitimou na sociedade de maneira multifacetada, você também trabalha a religiosidade com esse tema em suas aulas?  
 ( ) Sim ( Não)
- Caso não, cite quais os principais motivos:  
FALTA DE CONECIMENTO DESTA MODALIDADE
- 13- Você já participou de algum grupo de capoeira? ( ) Sim ( Não)

**Dados Pessoais**

Nome: \_\_\_\_\_  
 E-mail: \_\_\_\_\_  
 Telefone: \_\_\_\_\_

**QUESTÕES****PARTE I**

1. Idade: ( ) 20-30 anos ( ) 31-40 anos ( ) 41-50 anos () acima de 51 anos
2. Sua Formação/ habilitação: () Licenciatura ( ) Bacharelado ( ) Não Licenciatura
3. Cursou a graduação em qual instituição?  
 Público ( ) Privado
4. Ano de 2001 conclusão do seu curso:
5. Você tem algum credo religioso? Qual? () sim EVANGÉLICO ( ) não.
6. Alguma disciplina do curso de graduação lhe deu subsídios para desenvolver o tema capoeira na escola? () sim ( ) não. Caso sim, responda se existia uma abordagem religiosa no conteúdo.  
 sim ( ) não.
7. Tempo de exercício na docência da educação física: 15 anos, \_\_\_\_\_ meses.
8. Você já fez algum curso cujo tema capoeira foi abordado? ( ) sim () não  
 Se sim, mencione o tema abordado.  
 \_\_\_\_\_  
 Quando concluiu?  
 \_\_\_\_\_
9. Tem participado de cursos, encontros ou congressos da área de Educação Física?  
 sim ( ) não.  
 Caso sim, algum deles abordou o tema capoeira e religião? ( ) sim () não.

**PARTE II**

- 10- Você considera importante desenvolver o tema capoeira em suas aulas?  
 sim ( ) não.
- 11- Você utiliza esse tema em suas aulas?  
 sim () não
- 12- Considerando que a capoeira se legitimou na sociedade de maneira multifacetada, você também trabalha a religiosidade com esse tema em suas aulas?  
 Sim () Não  
 Caso não, cite quais os principais motivos:  
FALTA DE ESPAÇO E MATERIAL
- 13- Você já participou de algum grupo de capoeira? ( ) Sim () Não



**Dados Pessoais**

Nome: \_\_\_\_\_  
 E-mail: \_\_\_\_\_  
 Telefone: \_\_\_\_\_

**QUESTÕES****PARTE I**

1. Idade: ( ) 20-30 anos ( 31-40 anos ( ) 41-50 anos ( ) acima de 51 anos
2. Sua Formação/ habilitação: ( Licenciatura ( ) Bacharelado ( ) Não Licenciatura
3. Cursou a graduação em qual instituição?  
 (  ) Público ( ) Privado
4. Ano de conclusão do seu curso:  
 \_\_\_\_\_ 2003 \_\_\_\_\_
5. Você tem algum credo religioso? Qual? ( sim CATÓLICA ( ) não.
6. Alguma disciplina do curso de graduação lhe deu subsídios para desenvolver o tema capoeira na escola? ( sim ( ) não. Caso sim, responda se existia uma abordagem religiosa no conteúdo.  
 ( ) sim ( não).
7. Tempo de exercício na docência da educação física: 14 anos, \_\_\_\_\_ meses.
8. Você já fez algum curso cujo tema capoeira foi abordado? ( sim ( ) não  
 Se sim, mencione o tema abordado.  
CAPOEIRA NA ESCOLA  
 Quando concluiu?  
 \_\_\_\_\_ 2010 \_\_\_\_\_
9. Tem participado de cursos, encontros ou congressos da área de Educação Física?  
 ( ) sim ( não.  
 Caso sim, algum deles abordou o tema capoeira e religião? ( ) sim ( ) não.

**PARTE II**

- 10- Você considera importante desenvolver o tema capoeira em suas aulas?  
 sim ( ) não.
- 11- Você utiliza esse tema em suas aulas?  
 sim ( ) não
- 12- Considerando que a capoeira se legitimou na sociedade de maneira multifacetada, você também trabalha a religiosidade com esse tema em suas aulas?  
 ( ) Sim ( Não  
 Caso não, cite quais os principais motivos:  
 \_\_\_\_\_
- 13- Você já participou de algum grupo de capoeira? ( ) Sim ( Não

**Dados Pessoais**

Nome: \_\_\_\_\_  
 E-mail: \_\_\_\_\_  
 Telefone: ( \_\_\_\_\_ ) \_\_\_\_\_

**QUESTÕES****PARTE I**

1. Idade: ( ) 20-30 anos  31-40 anos ( ) 41-50 anos ( ) acima de 51 anos
2. Sua Formação/ habilitação:  Licenciatura ( ) Bacharelado ( ) Não Licenciatura
3. Cursou a graduação em qual instituição?  
 Público ( ) Privado
4. Ano de conclusão do seu curso:  
 \_\_\_\_\_ 2004 \_\_\_\_\_
5. Você tem algum credo religioso? Qual?  sim CATÓLICO ( ) não.
6. Alguma disciplina do curso de graduação lhe deu subsídios para desenvolver o tema capoeira na escola?  sim ( ) não. Caso sim, responda se existia uma abordagem religiosa no conteúdo.  
 sim ( ) não.
7. Tempo de exercício na docência da educação física: 16 anos, \_\_\_\_\_ meses.
8. Você já fez algum curso cujo tema capoeira foi abordado?  sim ( ) não  
 Se sim, mencione o tema abordado.  
CAPOEIRA NA ESCOLA  
 Quando concluiu?  
 \_\_\_\_\_ 2010 \_\_\_\_\_
9. Tem participado de cursos, encontros ou congressos da área de Educação Física?  
 ( ) sim  não.  
 Caso sim, algum deles abordou o tema capoeira e religião? ( ) sim ( ) não.

**PARTE II**

- 10- Você considera importante desenvolver o tema capoeira em suas aulas?  
 sim ( ) não.
- 11- Você utiliza esse tema em suas aulas?  
 sim ( ) não
- 12- Considerando que a capoeira se legitimou na sociedade de maneira multifacetada, você também trabalha a religiosidade com esse tema em suas aulas?  
 ( ) Sim  Não  
 Caso não, cite quais os principais motivos:  
 \_\_\_\_\_
- 13- Você já participou de algum grupo de capoeira? ( ) Sim  Não

**Dados Pessoais**

Nome: \_\_\_\_\_  
 E-mail: \_\_\_\_\_  
 Telefone: (\_\_\_\_) \_\_\_\_\_

**QUESTÕES****PARTE I**

1. Idade: ( ) 20-30 anos  31-40 anos ( ) 41-50 anos ( ) acima de 51 anos
2. Sua Formação/ habilitação:  Licenciatura ( ) Bacharelado ( ) Não Licenciatura
3. Cursou a graduação em qual instituição?  
 Público ( ) Privado
4. Ano de conclusão do seu curso:  
 \_\_\_\_\_ 2006 \_\_\_\_\_
5. Você tem algum credo religioso? Qual?  sim CATÓLICO ( ) não.
6. Alguma disciplina do curso de graduação lhe deu subsídios para desenvolver o tema capoeira na escola?  sim ( ) não. Caso sim, responda se existia uma abordagem religiosa no conteúdo.  
 sim  não.
7. Tempo de exercício na docência da educação física: 14 anos, \_\_\_\_\_ meses.
8. Você já fez algum curso cujo tema capoeira foi abordado?  sim ( ) não  
 Se sim, mencione o tema abordado.  
CAPOEIRA - A ESCOLA EM MOVIMENTO  
 Quando concluiu?  
 \_\_\_\_\_ 2003 \_\_\_\_\_
9. Tem participado de cursos, encontros ou congressos da área de Educação Física?  
 sim ( ) não.  
 Caso sim, algum deles abordou o tema capoeira e religião? ( ) sim  não.

**PARTE II**

- 10- Você considera importante desenvolver o tema capoeira em suas aulas?  
 sim ( ) não.
- 11- Você utiliza esse tema em suas aulas?  
 sim ( ) não
- 12- Considerando que a capoeira se legitimou na sociedade de maneira multifacetada, você também trabalha a religiosidade com esse tema em suas aulas?  
 Sim  Não  
 Caso não, cite quais os principais motivos:  
 \_\_\_\_\_

- 13- Você já participou de algum grupo de capoeira? ( ) Sim  Não